



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Tecnologia e Ciências

Instituto de Geografia

Rejane Babo da Silva

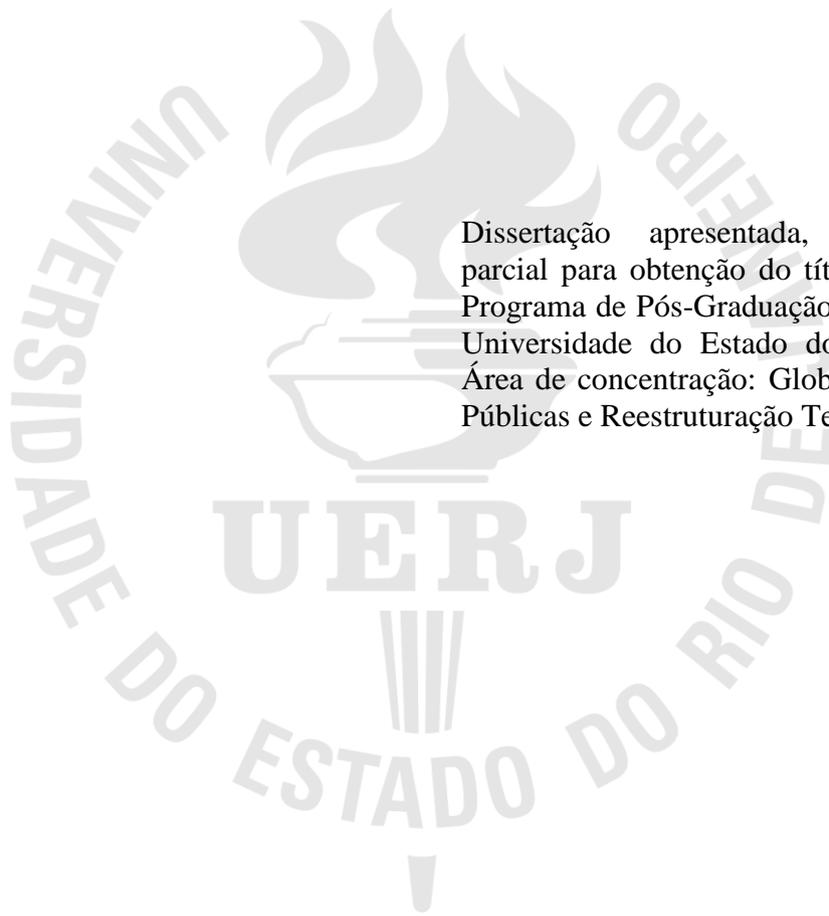
**Mapas Mentais: um recurso para pensar o pentecostalismo no espaço
escolar, a partir do Colégio Estadual Maria Rosa Teixeira, Duas Barras –
Rio de Janeiro**

Rio de Janeiro

2022

Rejane Babo da Silva

Mapas Mentais: um recurso para pensar o pentecostalismo no espaço escolar, a partir do
Colégio Estadual Maria Rosa Teixeira, Duas Barras-Rio de Janeiro



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Globalização, Políticas Públicas e Reestruturação Territorial.

Orientadora: Prof.^a Dra. Monica Sampaio Machado

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CTC/C

S586 Silva, Rejane Babo da.
Mapas mentais: um recurso para pensar o pentecostalismo no espaço escolar, a partir do Colégio Estadual Maria Rosa Teixeira, Duas Barras – Rio de Janeiro / Rejane Babo da Silva. – 2022.
94 f. : il.

Orientadora: Monica Sampaio Machado.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geografia.

1. Geografia – Teses. 2. Percepção geográfica – Teses. 3. Evangelicalismo – Teses. 4. Estudantes do ensino fundamental – Serrana, Região (RJ) – Teses. 5. Estudantes do ensino médio – Serrana, Região (RJ) – Teses. I. Machado, Monica Sampaio. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geografia. III. Título.

CDU 528.93:274/278(815.3)

Bibliotecária: Júlia Vieira – CRB7/6022

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Rejane Babo da Silva

Mapas Mentais: um recurso para pensar o pentecostalismo no espaço escolar, a partir do Colégio Estadual Maria Rosa Teixeira, Duas Barras - Rio de Janeiro

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Globalização, Políticas Públicas e Reestruturação Territorial.

Aprovada em 18 de novembro de 2022.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Monica Sampaio Machado
Instituto de Geografia - UERJ

Prof. Dr. Ciro Marques Reis
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dra. Melissa Souza dos Anjos
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Jorge Paulo Pereira do Santos
Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Senhor Jesus que esteve ao meu lado em todo tempo. Agradeço aos meus pais Nilma Maria Babo da Silva e Juvenal Manhães da Silva Filho e irmão Fabrício Babo da Silva por contribuírem financeiramente e apoiarem meu trabalho.

Agradeço a professora doutora e orientadora Mônica Sampaio Machado, pelo esforço, paciência, lapidação, tempo, ajuda, ensino e capacitação extraordinária para construir esse projeto.

Agradeço aos alunos do Colégio Estadual Maria Rosa Teixeira que fizeram parte deste projeto.

Agradeço a diretora Cleonice Carrilho Angelo do Colégio Estadual Marial Rosa Teixeira por abrir as portas da escola para as entrevistas, conversas com os alunos e funcionários e, às vezes, interromper as aulas.

Agradeço ao aluno Emerson Dutra que trabalhou comigo coletando os dados e conversando com a população vizinha a escola e também com as igrejas evangélicas do bairro Fazenda do Campo- Duas Barras-RJ.

A força da alienação vem dessa fragilidade dos indivíduos que apenas conseguem identificar o que os separa e não o que os une.

Milton Santos

RESUMO

SILVA, Rejane Babo da. **Mapas mentais**: um recurso para pensar o pentecostalismo no espaço escolar, a partir do Colégio Estadual Maria Rosa Teixeira, Duas Barras – Rio de Janeiro. 2022. 94 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

A presente dissertação de mestrado tem como objetivo principal a pesquisa de campo, realizada no Colégio Estadual Maria Rosa Teixeira com alunos do Ensino Fundamental e Médio. A pesquisa concentrou-se em investigar o raciocínio geográfico desenvolvido pelos estudantes a partir do ensino da Geografia, partindo da construção de mapas mentais sobre a influência das igrejas evangélicas no bairro da escola e em seu cotidiano. A pesquisa buscou revelar como eles utilizavam a linguagem espacial para expressar características de influência das igrejas evangélicas (pentecostais). Tem-se como hipótese que os elementos do espaço cotidiano, do lugar e sua base material, associados à circulação de informações e ideias pelos meios de comunicação e pela internet têm atuado de forma significativa na construção de um imaginário coletivo evangélico, sobretudo o de base popular. Partindo da dinâmica da transformação religiosa brasileira e das características do protestantismo pentecostal são apresentadas considerações sobre a estratégia de expansão territorial das igrejas evangélicas pentecostais no país. Em seguida, é apresentada uma breve discussão conceitual sobre representações espaciais a partir dos mapas mentais, principal fonte de pesquisa empírica dessa pesquisa. Por fim, será trazido um estudo sobre a construção desse imaginário evangélico a partir da análise dos mapas mentais de estudantes de uma escola pública estadual do interior do estado do Rio de Janeiro, no município de Duas Barras. Em termos metodológicos esta dissertação foi elaborada a partir do levantamento e análise bibliográfica, de pesquisa quantitativa. Como resultado verificou-se empiricamente, sobretudo a partir da análise dos mapas mentais e das entrevistas realizadas que as igrejas pentecostais oferecem espaços de solidariedade e acolhimento, proporcionando aos seus participantes um senso de dignidade, além de atender às necessidades materiais e imateriais de seus membros tendem a respeitar as suas diretrizes e normas de conduta.

Palavras-chave: Evangélicos pentecostais. Território fluminense. Mapas mentais.

ABSTRACT

SILVA, Rejane Babo da. **Mental maps:** a resource to think about Pentecostalism in the school space, from Colégio Estadual Maria Rosa Teixeira, Duas Barras – Rio de Janeiro. 2022. 94 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

The main objective of this master's thesis is the field research, carried out at the Maria Rosa Teixeira State College with elementary and high school students, the research focused on investigating the geographical reasoning developed by students from the teaching of Geography, starting from the construction of mental maps on the influence of evangelical churches in the school district and in their daily lives. The research sought to reveal how they used spatial language to express characteristics of influence of evangelical (Pentecostal) churches. It is hypothesized that the elements of the daily space, the place and its material base, associated with the circulation of information and ideas through the media and the Internet have acted significantly in the construction of an evangelical collective imaginary, especially the popular base. Starting from the dynamics of Brazilian religious transformation and the characteristics of Pentecostal Protestantism, considerations are presented about the strategy of territorial expansion of pentecostal evangelical churches in the country. Next, a brief conceptual discussion about spatial representations from mental maps, the main source of empirical research of this research, is presented. Finally, a study will be brought about the construction of this evangelical imaginary from the analysis of the mental maps of students of a state public school in the interior of the state of Rio de Janeiro, in the municipality of Duas Barras. In methodological terms, this dissertation was elaborated from the survey and bibliographic analysis of quantitative research. As a result, it was empirically verified, especially from the analysis of mental maps and the interviews conducted that pentecostal churches offer spaces of solidarity and welcome, providing their participants with a sense of dignity, in addition to meeting the material and immaterial needs of their members tend to respect their guidelines and norms of conduct.

Keywords: Pentecostal Evangelicals. Fluminense territory. Mental maps.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Principais Denominações Protestantes Históricas e Protestantes Pentecostais.....	30
Figura 2 –	Estrutura Organizacional Pentecostal.....	31
Figura 3 –	Município de Duas Barra.....	48
Figura 4 –	Mapa do município de Duas Barra.....	49
Figura 5 –	Foto Georreferenciada.....	51
Figura 6 –	Colégio Estadual Maria Rosa Teixeira.....	53
Figura 7 –	Igreja Batista Restauração.....	54
Figura 8 –	Igreja Deus é amor.....	54
Figura 9 –	Igreja Pentecostal Aliança com Cristo	55
Figura 10 –	Igreja Assembleia de Deus Central.....	55
Figura 11 –	Mapa mental Trajeto até a escola e dia livre – T., 17 anos, moradora de Nova Friburgo, 2019.....	64
Figura 12 –	Mapa mental Trajeto até a escola e dia livre – A., 17 anos, moradora de Duas Barras, 2019.....	65
Figura 13 –	Mapa mental Trajeto até a escola e dia livre – M., 17 anos, morador de Duas Barras, 2019.....	66
Figura 14 –	Mapa mental Trajeto até a escola e dia livre – E., 15 anos, moradora de Sumidouro, 2019.....	67
Figura 15 –	Mapa mental Trajeto até a escola e dia livre – FL., 15 anos, moradora de Duas Barras, 2019.....	68
Figura 16 –	Mapa mental Trajeto até a escola e dia livre – AC., 15 anos, moradora de Nova Friburgo, 2019.....	69
Figura 17 –	Mapa mental Trajeto até a escola e dia livre – KS., 16 anos, moradora de Nova Friburgo, 2019.....	69
Figura 18 –	Mapa mental Trajeto até a escola e dia livre – MG., 16 anos, moradora de Nova Friburgo, 2019.....	70
Figura 19 –	Mapa mental Trajeto até a escola e dia livre – VB., 14 anos, moradora de Nova Friburgo, 2019.....	71
Figura 20 –	Mapa mental Trajeto até a escola e dia livre – GL., 13 anos, moradora	

	de Duas Barras, 2019.....	72
Figura 21 –	Mapa mental Trajeto até a escola e dia livre – BM., 14 anos, moradora de Duas Barras, 2019.....	73
Figura 22 –	Mapa mental Trajeto até a escola e dia livre – LJ., 16 anos, moradora de Sumidouro, 2019.....	74
Figura 23 –	Mapa mental Trajeto até a escola e dia livre – LB., 17 anos, moradora de Nova Friburgo, 2019.....	74
Figura 24 –	MS, 14 anos, morador de Nova Friburgo, 2021.....	77
Figura 25 –	LF, 16 anos, morador de Nova Friburgo, 2021.....	78
Figura 26 –	SV., 16 anos, moradora de Duas Barras, 2021.....	78
Figura 27 –	AL, 13 anos, moradora de Duas Barras, 2021.....	79
Figura 28 –	GD, 12 anos, moradora de Nova Friburgo, 2021.....	79
Figura 29 –	RC, 17 anos, 8º Ano do Colégio Estadual Maria Rosa Teixeira, 2021.....	80

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1-	A evolução da religião no Brasil desde 1872.....	16
Gráfico 2 –	Religião dos brasileiros.....	20
Gráfico 3 –	Transição religiosa no Brasil: 1940-2032.....	21
Gráfico 4 –	Parcela de Diminuição de Católicos na América Latina; Aumento de Protestantes e dos Sem Afiliação Religiosa.....	22
Gráfico 5 –	Principais Denominações Protestantes Históricas e Protestantes Pentecostais.....	25
Gráfico 6 –	População por distrito.....	50
Gráfico 7 –	População residente por religião.....	52
Gráfico 8 –	Idade – Questionário 1.....	56
Gráfico 9 –	Idade – Questionário 2.....	57
Gráfico 10 –	Série – Questionário 1.....	57
Gráfico 11 –	Série – Questionário 2.....	58
Gráfico 12 –	Local de moradia – Questionário 1.....	58
Gráfico 13 –	Local de moradia – Questionário 2.....	59
Gráfico 14 –	Frequência na igreja – Questionário 1.....	59
Gráfico 15 –	Frequência na igreja – Questionário 2.....	60
Gráfico 16 –	Religião – Questionário 1.....	60
Gráfico 17 –	Religião – Questionário 2.....	61

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	População do Brasil e regiões, por grupos religiosos.....	17
Quadro 2 –	Depoimentos de ex alunos e moradores do bairro Fazendo do Campo.....	62
Quadro 3 –	Especificidades dos ícones representados nos mapas mentais.....	75
Quadro 4 –	Total de categorias elencadas.....	77
Quadro 5 –	Igreja evangélica, a religião a qual pertencem e a frequência na igreja.....	81

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	CRESCIMENTO DOS EVANGÉLICOS.....	15
1.1	O Pentecostalismo Brasileiro.....	23
2	A ESTRATÉGIA DE EXPANSÃO TERRITORIAL DAS IGREJAS EVANGÉLICAS PENTECOSTAIS NO BRASILEIRAS.....	29
3	O USO DE MAPAS MENTAIS E SUA IMPORTÂNCIA COMO FONTE DE PESQUISA: ESTUDO DE CASO NO COLÉGIO ESTADUAL MARIA ROSA TEIXEIRA, DUAS BARRAS-RJ.....	41
3.1	O Município Duas Barras – RJ.....	48
3.2	A Escola e o Bairro.....	51
3.2.1	<u>O Colégio Estadual Maria Rosa Teixeira.....</u>	52
3.3	Depoimentos.....	56
3.4	Análise dos Mapas Mentais.....	64
3.4.1	<u>Mapa mental - Trajeto até a escola e dia livre.....</u>	64
3.4.2	<u>Ícones representados nos mapas mentais.....</u>	75
3.4.3	<u>Mapa mental - a igreja evangélica no bairro Fazenda do Campo sob a ótica dos alunos Colégio Estadual Maria Rosa Teixeira.....</u>	77
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
	REFERÊNCIAS.....	85
	APÊNDICE A – Questionário I.....	93
	APÊNDICE B – Questionário II.....	94

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo a pesquisa de campo, realizada no Colégio Estadual Maria Rosa Teixeira com alunos do Ensino Fundamental e Médio, o trabalho concentrou-se em investigar o raciocínio geográfico desenvolvido pelos estudantes a partir do ensino da Geografia, partindo da construção de mapas mentais sobre a influência das igrejas evangélicas no bairro da escola e em seu cotidiano. A pesquisa buscou revelar como eles utilizavam a linguagem espacial para expressar características de influência das igrejas evangélicas (pentecostais). O interesse pelo trabalho surgiu por ocasião da minha atuação profissional, ao longo de 4 anos, como professora de Geografia do Colégio Estadual Maria Rosa Teixeira, no bairro Fazenda do Campo, município de Duas Barras, Rio de Janeiro.

Durante esses anos, foi possível conhecer não apenas a geografia de Fazenda do Campo, mas também a história, a cultura e a política local. Esse conhecimento me permitiu transitar nas diferentes localidades do bairro e dialogar com moradores antigos, alunos, ex-alunos, agricultores, comerciantes, funcionários públicos, entre outros.

O Brasil, considerado maior país católico do mundo, tem se destacado no processo de transição religiosa, ou seja, na mudança de hegemonia entre católicos e evangélicos. Assim, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na década de 1980, houve um crescimento acelerado dos evangélicos no país e que seguiu até os anos de 2010. Essa transformação religiosa, pela qual o país está passando, tem como característica a queda do número de católicos, aumento acelerado dos evangélicos e, em ritmo menor, de outras religiões e de agnósticos.

Segundo dados do IBGE (2012, p.2):

Os evangélicos foram o segmento religioso que mais cresceu no Brasil no período intercensitário. Em 2000, eles representavam 15,4% da população. Em 2010, chegaram a 22,2%, um aumento de cerca de 16 milhões de pessoas (de 26,2 milhões para 42,3 milhões). Em 1991, este percentual era de 9,0% e em 1980, 6,6%.

Já os católicos passaram de 73,6% em 2000 para 64,6% em 2010. Embora o perfil religioso da população brasileira mantenha, em 2010, a histórica maioria católica, esta religião vem perdendo adeptos desde o primeiro Censo, realizado em 1872. Até 1970, a proporção de católicos variou 7,9 pontos percentuais, reduzindo de 99,7%, em 1872, para 91,8%.

Todavia, apesar de todas essas mudanças citadas, o catolicismo ainda é a religião hegemônica no Brasil.

Nessa perspectiva, os cristãos evangélicos pentecostais utilizam estratégias de conversão e espacialidade, estabelecendo suas igrejas na periferia das regiões metropolitanas do país, com intuito de conquistar um número maior de seguidores e, conseqüentemente, maior visibilidade nos meios de comunicação, na política, na cultura, na educação e sociedade.

O fenômeno da transição religiosa não ocorreu somente no Brasil, mas também em países como China, Índia e Estados Unidos. Porém essa transição, certamente, foi mais expressiva e célere no Brasil do que em outros países de grande extensão territorial e populacional, como publicado pela Folha de São Paulo (01/01/2021). Segundo o professor de sociologia da Universidade de São Paulo (USP), Ricardo Mariano (2021), autor de livro sobre neopentecostais, os evangélicos também têm força para pressionar, constranger e submeter políticos a seus interesses. Isso tem se efetivado na classe política de tal forma que candidatos cada vez mais procuram explorar valores morais cristãos, inclusive os setores mais conservadores se sentem mais à vontade para participar desse jogo. Podemos observar a efetividade dessa estratégia nas eleições de 2018.

Assim, o evangélico pentecostal consiste no conjunto dos mais diversos grupos de que têm Cristo como seu referencial de fé, crença no evangelho para a Salvação e independente de igreja deve experimentar um relacionamento diário com Deus, sem intermediários. Dessa forma, o pentecostal deve seguir a Cristo e seus ensinamentos com a finalidade de propagar o evangelho a toda criatura e obter a prosperidade em sua vida.

Para elaboração desta pesquisa foi utilizada abordagem qualitativa. A pesquisa de campo foi realizada nos anos 2019 e 2021, e foi desenvolvida no Colégio Estadual Maria Rosa Teixeira, localizado no Bairro Fazenda do Campo, em Duas Barras-RJ, nas turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e 1ª e 2ª Série do Ensino Médio, no período matutino. A seleção das turmas desses períodos se deve a organização do trabalho a campo, que abrangeria todas as turmas da escola, porém a 3ª Série do Ensino Médio, mostrou-se resistente em não querer participar do mapa mental e entrevista. O recorte espacial é o crescimento e influência das igrejas pentecostais no Bairro da escola.

Os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa foram: pesquisa bibliográfica, tanto literatura científica quanto literatura cinza, sobre o tema, sobretudo, na área da Geografia; levantamento de depoimentos de moradores do bairro, profissionais e

estudantes do Colégio, por meio de questionário e a elaboração de mapas mentais desenvolvidos pelos estudantes.

A pesquisa foi realizada em dois momentos: foram coletados depoimentos sem uso de materiais, a fim de verificar como os moradores, profissionais e estudantes viam o bairro de acordo com sua imaginação; e elaboração de mapas mentais utilizando papel A4 e lápis de cor. A temática usada foi o cotidiano escolar, trajetória para a escola e o que faz nos dias livres, fora da escola; como vê a igreja evangélica em seu bairro). Ao final destas duas etapas foi realizado o processo de análise desses mapas mentais.

Esta dissertação está estruturada em três partes. Na primeira parte foi apresentada a relevância e o aumento do crescimento dos evangélicos, sobretudo dos pentecostais. Na segunda parte, foram apresentadas considerações sobre a estratégia de expansão territorial das igrejas evangélicas dominantes no século XX e XXI no Brasil e a territorialidade pentecostal. Na terceira parte fez-se uma breve discussão conceitual sobre representações espaciais a partir dos mapas mentais e é dedicada à apresentação e discussão dos resultados da pesquisa empírica realizada com alunos na Escola Maria Rosa Teixeira, no Município de Duas Barras-RJ. Finalmente apresentam-se as principais conclusões e limitações do estudo.

1 CRESCIMENTO DOS EVANGÉLICOS

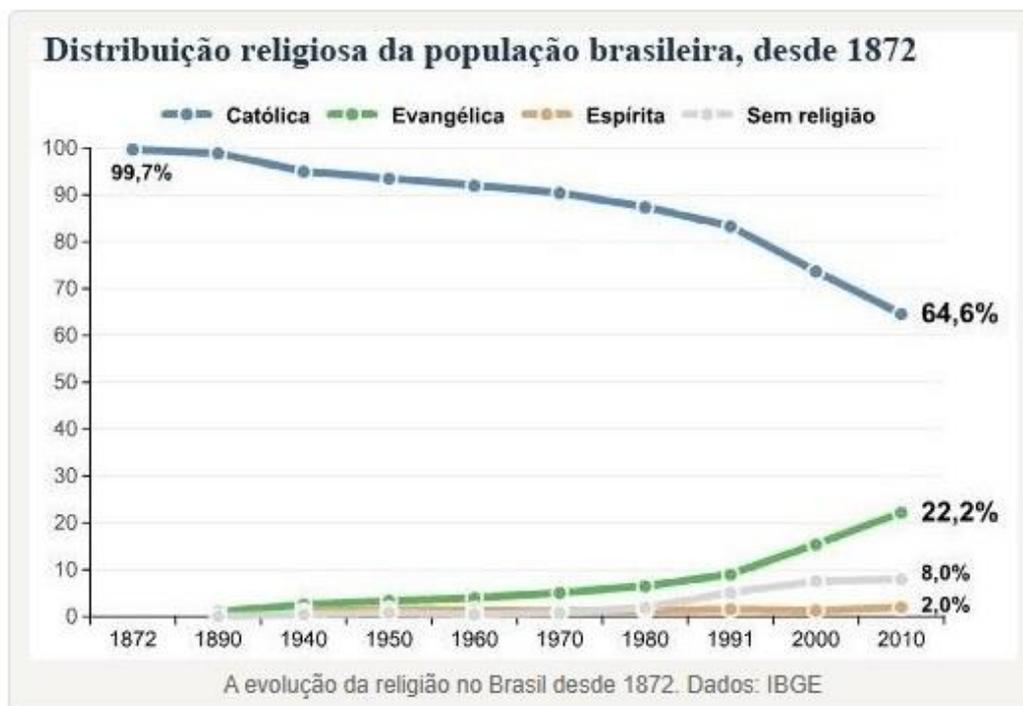
Ao longo do século XX, a população evangélica cresceu na América Latina e no Brasil, em especial, às igrejas pentecostais. Com isso, o continente americano tem vivido uma acentuada queda no número de católicos, ao mesmo tempo em que houve grande crescimento da população protestante. No Brasil, nas últimas três décadas os evangélicos aumentaram sua participação na vida pública, na mídia, na política e na cultura. Esse novo perfil da população tem colocado o domínio católico sob risco no país.

O presente capítulo traz importantes informações numéricas relativas à população evangélica brasileira e tem como fonte os censos oficiais de população e religião, medidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Somam-se a estes os censos do *Institute Pew Research Center* e do Instituto de Pesquisa Datafolha utilizados com o intuito de obter dados mais recentes, dados que mostram uma contínua projeção da transição religiosa no Brasil, apresentando, ao longo dos anos, uma queda do número de católicos e aumento do número de evangélicos, além do aumento da pluralidade religiosa.

Dessa forma, após a divulgação dos resultados do último Censo realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2010, o número de evangélicos aumentou 61,45% em 10 anos, cerca de 42,3 milhões de evangélicos no país, o que representa 22,2% da população brasileira. Em 2020, o Instituto de Pesquisa Datafolha (13/01/2020), publicou nova pesquisa informando que os evangélicos representariam 31% da população brasileira, o que à época equivalia a 65,4 milhões de pessoas. Neste sentido, múltiplas hipóteses vêm sendo desenvolvidas para tentar apreender a realidade marcada pela disseminação das igrejas evangélicas em todo território brasileiro, entre elas as diferenças hierárquicas e de funcionamento em relação ao catolicismo.

Conforme o censo de 2010, realizado pelo IBGE, entre 1970 e 1980, nenhuma mudança significativa apareceu nos recenseamentos, ou seja, até os anos 1980, o perfil religioso da população brasileira pouco se alterou, a religião católica mantém a sua supremacia herdada da época colonial. O país era maciçamente católico e a maior parte do território apresentava uma ausência total de diversidade. O gráfico1 ilustra o crescimento do protestantismo e a diversificação religiosa no Brasil.

Gráfico 1 – A evolução da religião no Brasil desde 1872



Fonte: IBGE, 2020.

A leitura da curva de crescimento global do protestantismo é apresentada pouco significativa até os anos de 1960, adquirindo maior força na década de 1980, para, então, desenvolver-se até o ano de 2010. No período de 1980 a 1991 temos um pequeno aumento, e nos 2000 já se caracteriza por um amplo movimento de diversificação religiosa, ligado à redução do número de católicos. De acordo com o gráfico, a transição religiosa foi acelerada no período de 1991 a 2010 com o aumento expressivo da população evangélica no país. Isso indica tanto uma migração de católicos para as correntes evangélicas quanto para outras religiões.

No Quadro 1, podemos observar o crescimento evangélico nas Regiões brasileira.

Quadro 1 – População do Brasil e regiões, por grupos religiosos

População do Brasil e regiões, por grupos religiosos (em %): 2000-2010									
Brasil e regiões	População 2010	Católica		Evangélica		Outras		Sem religião	
		2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010
Brasil	190.755.799	73,6	64,6	15,4	22,2	3,7	5,2	7,4	8,0
Sudeste	80.364.410	69,2	59,5	17,5	24,6	4,9	7,0	8,4	9,0
Centro-Oeste	14.058.094	69,1	59,6	18,9	26,8	4,2	5,2	7,8	8,4
Norte	15.864.454	71,3	60,6	19,8	28,5	2,4	3,1	6,6	7,7
Sul	27.386.891	77,4	70,1	15,3	20,2	3,3	4,9	3,9	4,8
Nordeste	53.081.950	79,9	72,2	10,3	16,4	2,1	3,1	7,7	8,3

Fonte: IBGE, 2010.

De acordo com o Quadro 1, a Região geográfica com maior transição religiosa foi a Norte, onde os católicos caíram de 71,3% para 60,6% entre 2000 e 2010, e os evangélicos passaram de 19,8% para 28,5%, com isso, na Região Norte o percentual de evangélicos é maior. Já na Região Nordeste, há maior concentração de católicos e um menor percentual de evangélicos. Na Região Sul, existe uma transição mais moderada de católicos para evangélicos, ficando à frente só da Região Nordeste. Além disso, no Centro-Oeste, o percentual de transição foi bastante significativo como no Norte e Sudeste.

Segundo o IBGE, o Estado do Rio de Janeiro tem a maior pluralidade religiosa do Brasil, representando assim, um dos primeiros Estados a passar pelas diversas transformações religiosas. Segundo o censo demográfico de 2010, o Rio de Janeiro é a Unidade Federativa com o menor percentual de católicos 45,8%, já os evangélicos são 29,4%, demais religiões 9,2% e os sem-religião somam-se 15,6%.

Neste contexto, nas palavras do antropólogo Paul Freston (1993), sobre o aumento dos evangélicos em termos absolutos, o Brasil foi o país que registrou o maior crescimento da população evangélica, em todo o mundo, nos últimos anos. Esses indicadores evidenciam que o país está passando por uma grande transformação.

De acordo com os dados, é possível observar que essa transição religiosa vem acontecendo há muito tempo, e de forma acelerada nos últimos anos. Para Alves (2017), o padrão espacial da transição religiosa tem sua parte mais avançada no arco periférico das maiores regiões metropolitanas do país. Seguindo os núcleos destas mesmas regiões, avança pelas cidades de maior porte populacional, seguindo para as cidades menores e apresentando os menores índices de transição religiosa nas áreas rurais, especialmente na região Nordeste, no norte de Minas Gerais e na região Sul.

Para Jacob (2013), o crescimento dos evangélicos pentecostais se constitui no principal fator da diversificação religiosa que vem ocorrendo no Brasil, a partir dos anos 1980. Entretanto, no período de 2000 a 2010, o crescimento, apesar de muito significativo, é inferior ao das décadas anteriores. Ademais, Almeida e Monteiro (2001) acrescentam que:

O quadro geral, portanto, é de perda de católicos, tendo como base os dados censitários de 1980 e 1991. Mantida esta tendência, muito provavelmente essa geração que se encontra entre 26 e 40 anos produzirá, em alguns anos, uma população ainda menos católica, devido ao crescimento vegetativo de outras religiões, além da sua capacidade de atração de novos adeptos. Em contrapartida a esta projeção, a consolidação do movimento carismático pode inverter esse comportamento ao promover a “readesão” ao catolicismo (ALMEIDA;MONTEIRO, 2001, p. 93-94).

O aumento da diversidade religiosa, e, principalmente, dos protestantes nos últimos anos, remete à busca de uma plena liberdade religiosa no país, no qual, ao longo dos séculos, o brasileiro foi impedido de seguir. Segundo Cláudio Lembo (entrevista 04/07/2012), “o ritual evangélico é leve. Direto. Não há aulas de erudição desnecessárias. Vai direto ao assunto. Prega a prosperidade material. Aponta para a leitura da Bíblia sem intermediários”.

Segundo Lembo (2012), a força religiosa crescente do evangelismo e o enfraquecimento do catolicismo tem se configurado na vontade dos evangélicos de conquistar espaços e adequar processos a sua doutrina. Na atual conjuntura brasileira, o novo quadro religioso traz mudanças de ritmo, interrupções, rupturas e retrocessos, ocasionando a fragmentação de uma sociedade e do surgimento de outra.

O *Le Monde Diplomatique* (01/10/2018), por exemplo, aponta que o sentimento de pertencer a uma minoria há muito foi deixado para trás. Entretanto, começou também a se esvaecer aquela identidade do “crente”, aquele religioso ascético e reservado. Definir-se como evangélico hoje tem exigido novos complementos. Para Rogério Silva (2004):

A heterogeneidade e a desconfiguração identitária do grupo evangélico no Brasil, frente ao surgimento cada vez maior de novas igrejas constitui-se um desafio. Este grupo é fragmentado, sem uma unidade institucional, como no catolicismo. Há uma diversidade organizacional, teológica e litúrgica que se evidencia nas muitas igrejas e denominações existentes no Brasil. Há igrejas para todos os gostos, classes, estilos, conveniências etc (SILVA, 2004, p.18).

Há muitas décadas as igrejas evangélicas do Brasil têm sido importadas diretamente dos Estados Unidos “A fé protestante tornou-se, então, forte aliada da propagação do

individualismo neoliberal, por meio tanto da teologia da prosperidade quanto do moralismo ascético meritocrático” (Le Monde Diplomatique, 01/10/2018).

De acordo com Silva (2004), em 1858 foi fundada por um escocês a primeira igreja evangélica de língua portuguesa no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. Essa igreja era baseada na teologia “conversionista”. A partir desse momento, mais e mais estrangeiros, principalmente, vindo do Sul dos Estados Unidos, fundamentam e fortalecem as identidades dogmáticas do movimento evangélico no país. Com isso, no final do século XIX, outras igrejas protestantes se estabelecem no Brasil.

Segundo Silva (2004), a igreja Presbiteriana foi a que mais cresceu, no século XIX. Estabeleceu-se no Brasil em 1862, no Rio de Janeiro. Suas atuações expansionistas basearam-se na evangelização e na educação, como a criação da Escola Americana que mais tarde se tornaria o Colégio e Universidade Mackenzie. Outra importante denominação, a Metodista, estabeleceu-se oficialmente em 1886 com o trabalho dos missionários John Ransom, J. W. Koger e James Kennedy. Sua principal estratégia de crescimento foi também a educação. Essa estratégia que priorizava a educação ante o desenvolvimento dos centros urbanos, levou a um crescimento rápido do protestantismo.

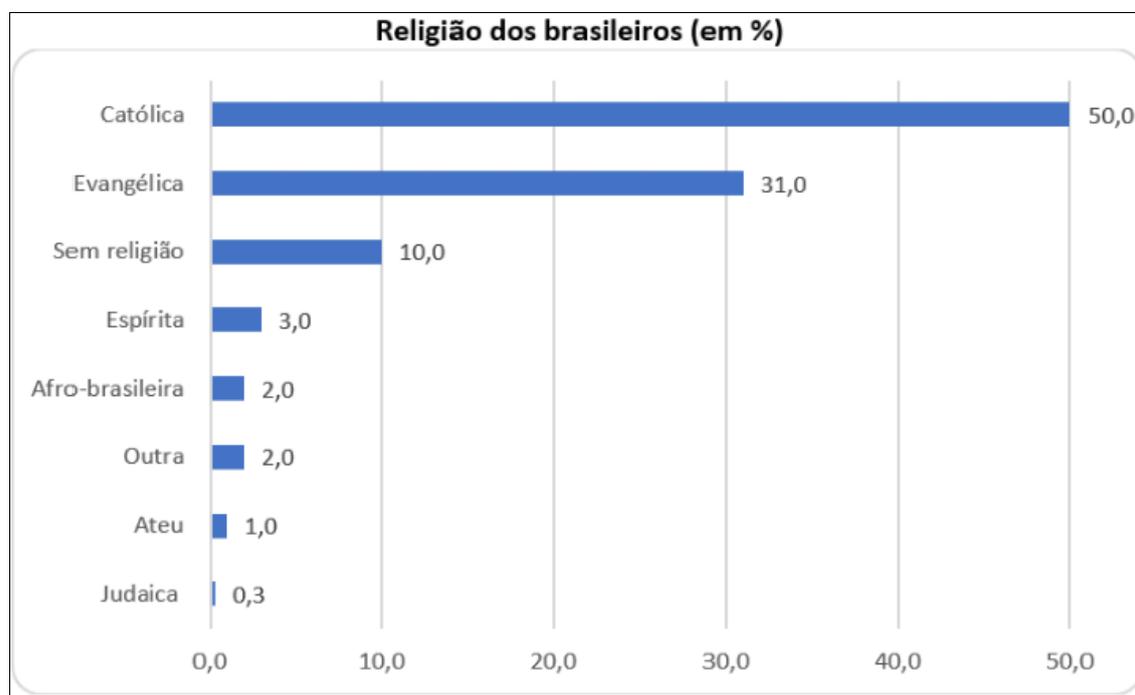
No começo do século XX, teve início o movimento pentecostal com a chegada de missionários europeus e norte-americanos, que já tinham sido “avivados” na América do Norte, e começaram a praticar cultos em Igrejas evangélicas tradicionais ao redor do país. Rolim (1985) ressalta que os primeiros grupos pentecostais foram constituídos em São Paulo, de presbiterianos, e em Belém do Pará, de batistas. Para Campos (2008):

Pentecostais e protestantes históricos compõem o grupo denominado de evangélico na América Latina. Descendentes da Reforma Protestante ocorrida no século XVI, os evangélicos abarcam igrejas como a Luterana, a Batista e a Metodista, até a Congregação Cristã no Brasil, a Assembleia de Deus e a Universal do Reino de Deus. É essa a religião que mais cresce no país ao longo do século XX, transformando a composição no interior do campo religioso brasileiro (CAMPOS, 2008, p. 15).

Neste sentido, para informações atuais do crescimento dos evangélicos no Brasil, foi utilizado dados recentes da pesquisa Datafolha, publicados pela Folha de São Paulo (13/01/2020). Essa pesquisa aponta que 50% dos brasileiros são católicos; 31%, evangélicos; e 10% não têm religião. Segundo a pesquisa Datafolha, foram entrevistadas 2.948 pessoas em 176 municípios de todo o país, nos dias 05 e 06 de dezembro de 2019.

Segundo dados do Datafolha (2019), Gráfico 2, a transição religiosa continua em ritmo acelerado no país.

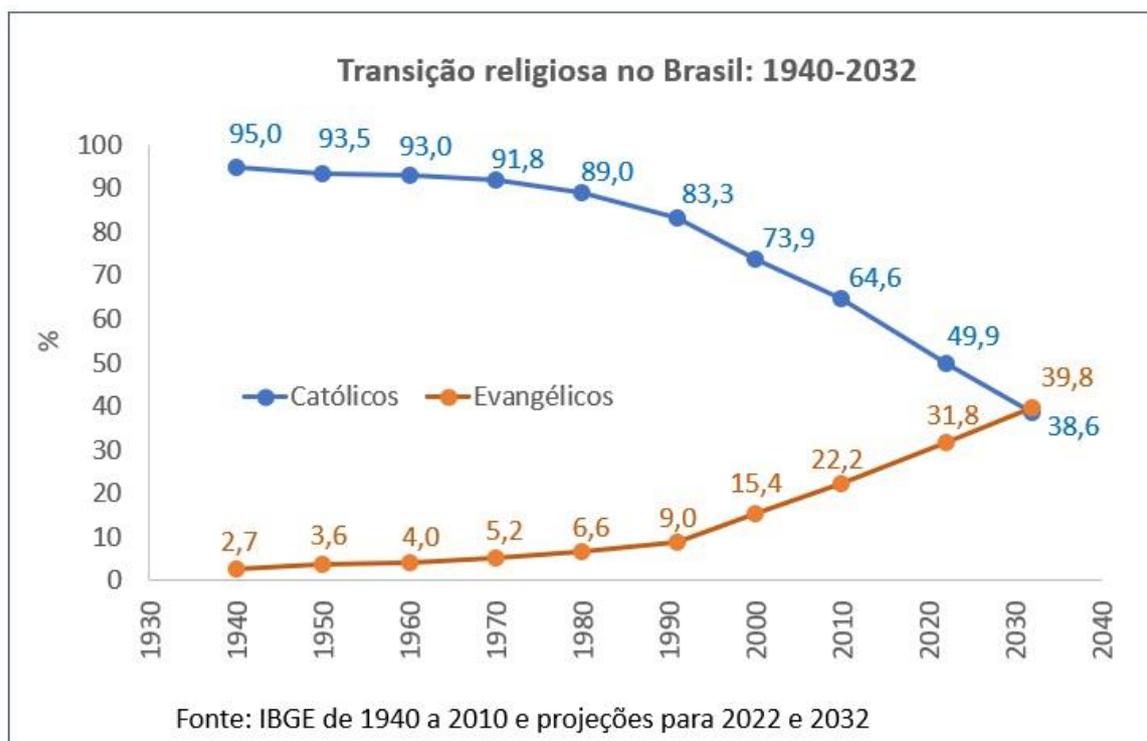
Gráfico 2 – Religião dos brasileiros



Fonte: DATAFOLHA, 2019.

O gráfico 3, publicado no site Eco Debate (05/12/2018), nas novas projeções da transição religiosa, mostram que a presença católica na população chegaria a 49,9% em 2022 e a 38,6% em 2032, enquanto a presença evangélica seria de 31,8% e 39,8% nas mesmas datas. Essas projeções atuais revelam que os católicos podem ficar com menos de 50% das filiações nacionais em 2022 e ultrapassados pelos evangélicos até 2032.

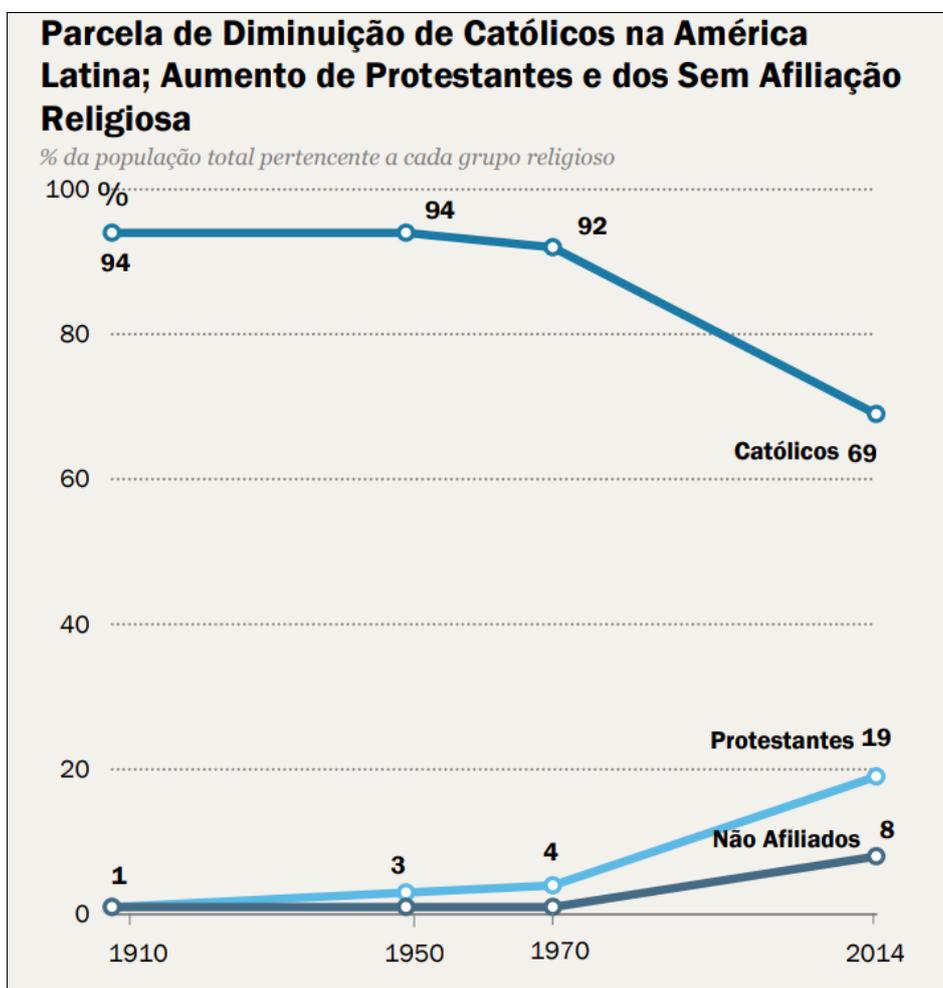
Gráfico 3 – Transição religiosa no Brasil: 1940-2032



Fonte: ALVES, 2018.

Pesquisas do Instituto Internacional *Pew Research Center*, publicado em (13/11/2014), principal centro de pesquisa sobre religiões no mundo, também indicam que a transição religiosa continua a crescer de forma acelerada, na América Latina. Em um levantamento realizado em 2014, constatou-se que 69% dos latino-americanos identificam-se como católicos, enquanto 19% pertencem às igrejas protestantes e 8% não têm afiliação religiosa (ateus, agnósticos ou sem religião específica). Os outros 4% restantes incluem testemunhas de Jeová, mórmons, muçulmanos, hindus, judeus, espíritas e adeptos de religiões afro-caribenhas, afrobrasileiras ou indígenas, tais como umbanda e candomblé.

Gráfico 4 – Parcela de Diminuição de Católicos na América Latina;
Aumento de Protestantes e dos Sem Afiliação Religiosa



Fonte: PEW RESEARCH CENTER, 2014.

Estudiosos sobre a nova dinâmica da religião no Brasil buscam explicações para o crescimento do protestantismo, principalmente, sobre significativo avanço pentecostal. Há indícios que a repercussão na mídia, o contato pessoal, a cura divina e a ênfase na prosperidade podem ter atraído as pessoas ao pentecostalismo. As estimativas mostram que o catolicismo na América Latina e no mundo tem perdido seus adeptos, seja para os evangélicos ou para demais religiões.

Segundo Bonino (2003), o protestantismo brasileiro se estabelece como uma invasão estrangeira. Resultou de uma aculturação que nada tem a ver com nossa origem e formação histórica, e num subproduto das conquistas políticas, econômicas e culturais dos séculos passados.

O protestantismo é uma forma do capitalismo norte-americano, elemento conquistador, amigo do capitalista e inimigo do operário, que se propôs,

mediante suas escolas, seus templos e seus esportes, americanização do povo” (BONINO, 2003, p. 10).

Segundo Leonard (1981), o protestante é o homem que se sente liberto por Cristo, segue exclusivamente a Bíblia, cultiva uma ética racional de desempenho para contribuir para a glória de Deus e vivem moralmente segundo os “10 mandamentos” e os padrões da moral burguesa vitoriana.

Com isso, dada à nova dinâmica religiosa no país, Rubem Alves em seu livro “O Enigma da Religião” diz que a religião pode ser vista como a esperança e o controle da sociedade e dos “modos” de viver. Ela também pode se apoderar do conhecimento, e ligada a isso, forçar uma parte da sociedade a se comportar de acordo com os padrões que eles mesmos impõem.

1.1 O Pentecostalismo Brasileiro

O pentecostalismo foi implantado no Brasil em 1910, com a chegada da Congregação Cristã e da Assembleia de Deus (1911), nas palavras de Paul Freston (1993). Segundo Mariano, era caracterizado como um movimento de minorias, pobres, analfabetos e negros (2012, p.11-12).

De acordo com Freston, foi na década de 1940 que houve a explosão evangélica, especificamente das pentecostais, no país (FRESTON, 1993, p. 31). Na década de 40 e 50, foi um período de várias mudanças no Brasil como: investimento na industrialização, chegada da TV no Brasil, aumento da produção de rádios. E no social as mudanças foram nas altas taxas de natalidade, migração e das desigualdades sociais, o campo e o interior passaram a ficar desocupados, as cidades litorâneas ficaram superpovoadas, foi necessária a intervenção do Estado incentivo a política de migração (GOMES, 1999).

[...] As igrejas pentecostais enquanto instituições em evolução dinâmica [...] não são organizações estáticas que incham numericamente; estão em constante adaptação, e as mudanças são frequentemente objeto de lutas. Ademais, o pentecostalismo possui grande variedade de formas, e cada nova espécie vai enterrando mais alguns mitos a respeito de o "pentecostalismo" (FRESTON, 1993. p.64)

Para Machado e Abreu (2020):

o crescimento pentecostal foi registrado sobretudo a partir de meados da década de 1970 e foi impulsionado pelas igrejas que passaram a ser denominadas neopentecostais, como a Universal do Reino de Deus, a Internacional da Graça de Deus, a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, a Renascer em Cristo, a Igreja Mundial do Poder de Deus, a Internacional da Graça de Deus e tantas outras.

Segundo Freston (1993), nas décadas de 50 e 60 surgem três grandes grupos pentecostais como: a Quadrangular (1951), Brasil Para Cristo (1955) e Deus é amor (1962), todas essas eram de vertentes paulistas. No final da década de 70 e 80 a chegada da Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), essas de origem carioca. A Universal do Reino de Deus é a igreja que mais cresce no Brasil atualmente; é defendida por Ari Oro (2001) como o pentecostalismo que apresenta as principais doutrinas pentecostais como o “Batismo no Espírito Santo”, “Libertação do Mal”, “Dons do Espírito Santo”, “Cura” e outros. Ari Oro (2001) explica que a:

[...] ênfase na realização de milagres, exclusividade nos serviços e meios de salvação com pouca abertura interdenominacional; ênfase na realização de milagres mediatizados pelas igrejas com testemunhos públicos dos mesmos; ênfase em rituais emocionais e, sobretudo, em rituais de cura, associados a uma representação, demoníaca dos males; usos intenso dos meios de comunicação de massa: impressos, radiofônicos, televisivos e informatizados; combinação de religião com marketing, dinheiro e, em alguns casos, política; sensibilidade para captar os desejos dos fiéis oriundos não somente das baixas camadas sociais; projeto de constante expansão, em alguns casos para além das fronteiras nacionais (ORO, 2001, p. 73).

Em 1980, há uma separação entre protestantes históricos e pentecostais adotado pela classificação do IBGE. No Censo Demográfico de 1991, o crescimento evangélico pentecostal avança representando 65, 1% dos evangélicos. É importante lembrar que o pentecostalismo é caracterizado como um movimento não homogêneo, por isso, a cada momento surgem novas denominações, neste sentido, Pierucci (2006) explica essa dinâmica pelo fato das pentecostais terem um caráter individualista herdadas do protestantismo.

O pentecostalismo começou a ganhar notoriedade depois dos anos de 1980. A mídia teve um papel importante, no quesito divulgação e propagação do evangelho pentecostal. Essas Igrejas investiram parte de suas ofertas e dízimos para conseguir espaços importantes como nas estações de rádio ao tocar músicas gospel, na programação de TV aberta, esta cedendo uma pequena parte de sua grade às chamadas Igrejas

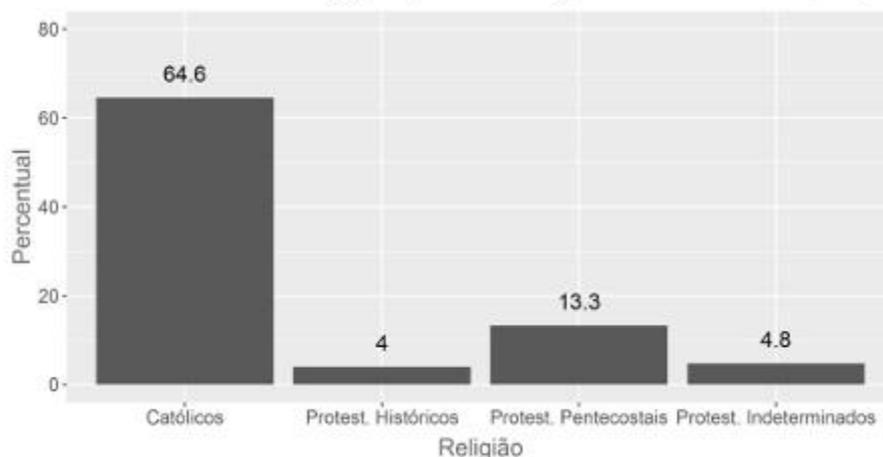
Pentecostais, como a Assembleia de Deus e a Igreja Universal do Reino de Deus e também nas praças públicas, com pregações e apelos a conversões. Essas estratégias contribuíram para o aumento dos evangélicos, na denominação pentecostal, pois o discurso dessa nova denominação consistia na cura para todos os males e a promessa de uma vida próspera.

A maneira como os pentecostais ganharam espaço na sociedade brasileira, e, principalmente, nas camadas mais pobres, deve-se ao discurso apelativo e entusiasmado de religiosidade, aos “dons de profecia” que determinados crentes recebem e podem professar o futuro a cada indivíduo nos cultos, dependendo menos de um discurso racional, no qual se pode não saber ler ou escrever, ou pode ser alguém que não ousaria fazer um discurso em público, mas sob a influência do Espírito o indivíduo fala. Cabe destacar também, que o pentecostal se aproxima da “cultura do espetáculo”, com isso, essas igrejas têm garantido seus espaços na mídia.

Segundo o IBGE (2010), os pentecostais respondem por cerca de 60% dos evangélicos no contexto do campo protestante brasileiro. Podemos observar no Gráfico 5 o percentual da população católica e as denominações protestantes no Brasil.

Gráfico 5 – Percentual da população católica e protestante no Brasil (Censo 2010)

Percentual da população católica e protestante no Brasil (Censo 2010)



Fonte: LACERDA, 2017.

Ao observar o gráfico 5 constatamos que as igrejas protestantes pentecostais têm maior relevância no meio evangélico, e que, se continuar a crescer a esse ritmo no decorrer dos anos, teremos uma dominação desse segmento religioso, inclusive, nas esferas política, educacional, ideológica e cultural. Isso poderia significar tanto um avanço quanto um retrocesso no país, que ainda sofre com as rígidas estruturas de classe. Para Silva (2004):

A segmentação de crenças e atitudes presentes no movimento evangélico brasileiro, herdadas do protestantismo americano e com ecos do europeu é reflexo de uma gama de fatores. Um deles são as várias Reformas (luterana, calvinista, batista etc) ocorridas na Europa e que ecoaram fortemente em solo brasileiro, segundo Azevedo (1996), principalmente com o trabalho dos missionários que de lá vieram. Um outro fator é a própria miscigenação de raças e culturas aqui existentes que dá um tom claro de diversidade de crenças e de manifestações religiosas no Brasil. Um terceiro fator pode ser o processo de modernização e secularização da sociedade na tentativa de ajuste às necessidades religiosas do povo (Weber, 1982; Berger, 1985), o que pulveriza ainda mais novas considerações religiosas no seio do povo brasileiro (SILVA, 2004, p.18).

As igrejas pentecostais ao contrário das protestantes históricas, tendem a formar comunidades religiosas pequenas, muito diversificada, de acordo com Mariano (2012), marcado por grande pluralidade teológica, litúrgica, estética, organizacional e comportamental, há múltiplos pentecostalismos. Conforme Paul Freston (1998):

A religião é ambivalente e oferece diferentes coisas a diferentes indivíduos. [...] o pentecostalismo é flexível e é improvável haver uma única razão para o seu crescimento [...] é necessário levar-se em conta não apenas os fatores econômicos e políticos, mas sociais, culturais, étnicos e religiosos; não apenas o nível macro (quais são as configurações favoráveis à conversão) mas também o nível micro (porque as pessoas com estas características se convertem) (FRESTON, 1998, p.348)

Arenari (2015) busca entender o impacto dos pentecostais na política, que se tornou notória nos últimos anos, pois estes grupos têm alcançado crescente poder político. Ele fala do retorno da religião na esfera pública, da formação de partidos políticos organizados, suas ações e o voto pentecostal.

Machado et al. (2014), entre outros autores, falam sobre a aproximação dos atores religiosos com os partidos políticos; a ampliação da presença de líderes religiosos no Legislativo; e o interesse tanto pelas concessões de canais de televisão e de rádio, quanto pelas parcerias com as agências governamentais na área da ação social. Para Maria Machado et al. (2014, p.604):

Esse impacto significou pelo menos três coisas para o pentecostalismo: a) a percepção de uma oportunidade de sair da invisibilidade e reclamar o acesso à esfera pública institucional que outros setores emergentes começavam a ter; b) a emergência de uma agência interna empurrando para a publicização como caminho para a saída da condição de minoria política e culturalmente subalternizada, e questionando o apoliticismo; c) a confrontação com os setores mais "avançados" dos movimentos sociais - movimento feminista, negro, ambientalista e LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) - e com o mundo da esquerda partidária, cujas bandeiras desafiavam a autocompreensão pentecostal da política e da participação social (MACHADO, p.604, 2014).

O segmento pentecostal é o movimento que mais influencia, nos dias atuais, as manifestações religiosas em várias partes do mundo. O Pentecostalismo é originário do protestantismo que tem sua base a crença no poder do Espírito Santo após o batismo do Espírito Santo, o dom de línguas é o primeiro sinal recebido desse batismo, posteriormente segue o dom de cura de doenças.

Conforme está escrito na bíblia sagrada, o nome pentecostalismo provém da festa judaica de Pentecostes, pois foi por ocasião dessa festa, após a morte de Jesus, que o Espírito Santo desceu sobre os discípulos reunidos em assembléia, conforme está descrito nos Atos dos Apóstolos (Atos 2:1-4).

O pentecostalismo no Brasil faz uso da mídia, aplicam técnicas de administração empresarial, como o marketing, planejamento e análise de resultados e estatísticos e pregam a Teologia da Prosperidade, na qual o crente terá à prosperidade terrena. Neste caso, é comum observar em vários congressos pentecostais títulos como este: "Como se apossar das riquezas dos incrédulos".

De acordo com Mariano [2020]:

A expansão pentecostal no país contribuiu para transformar o campo religioso brasileiro, para consolidar o pluralismo religioso e para constituir um mercado religioso competitivo no país. O avanço pentecostal no Brasil contribuiu para intensificar o declínio numérico da Igreja Católica e da Umbanda e para "pentecostalizar" parte do protestantismo histórico e do próprio catolicismo. O chamado "avanço das seitas" pentecostais, nos termos do papa João Paulo II, e a formação do pluralismo religioso levaram a religião hegemônica a rever sua prédica e suas estratégias institucionais e a reavaliar sua relação com as demais religiões presentes em solo nacional, em detrimento do ecumenismo. O crescente evangelismo eletrônico pentecostal tem tido significativo impacto no mercado de comunicação de massa, sobretudo em função das iniciativas empresariais nessa área por parte da Igreja Universal e, em menor grau, da Internacional da Graça de Deus e da Renascer em Cristo, entre outras. Sua atuação tem se ampliado igualmente nos mercados editorial e fonográfico. O ativismo pentecostal na política partidária, por sua vez, tornou-se um elemento constitutivo da democracia brasileira nas últimas três décadas. A cada eleição, seus líderes pastorais, com raras exceções, procuram transformar seus rebanhos religiosos em rebanhos eleitorais, visando ampliar seu poder político, defender valores cristãos tradicionalistas e seus interesses institucionais na esfera pública stricto sensu. Tratam, portanto, de instrumentalizar a política partidária, justificando o ativismo político como recurso para defender suas bandeiras religiosas e corporativas. Por consequência, a cada eleição, esses religiosos se veem mais e mais instrumentalizados eleitoralmente por partidos e candidatos de todas as colorações ideológicas. Suas miríades de templos e pequenas congregações passaram a integrar o cenário urbano das cidades brasileiras, sobretudo de suas periferias (MARIANO, 2020, p.1).

Ainda segundo Mariano (2004) no plano teológico, as igrejas neopentecostais se enfatizam a guerra espiritual contra o Diabo e seus representantes na Terra e pela Teologia

da Prosperidade, que difunde a crença de que o cristão deve ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos terrenos, se diferenciando da Igreja Pentecostal tradicional. Assim, segundo Machado e Abreu (2020, p.14-15) as igrejas neopentecostais não só se acomodaram mais rapidamente à sociedade, seus valores, interesses e práticas, como também passaram a ser seguidas em suas dinâmicas e estratégias de difusão. Como uma religiosidade essencialmente urbana percebe-se expansão da urbanização do território no Brasil, já que números absoluto e relativo de pentecostais são maiores não apenas nos espaços mais urbanizados, incluindo as metrópoles e cidades médias e pequenas, como também nas áreas rurais menos urbanizadas.

Dessa forma, o crescimento do pentecostalismo e o impacto que tem causado na sociedade vem sendo apresentado cada vez mais. Apesar de receberem muitas críticas pelos intelectuais, por esse comportamento liberal, de cura, revelações, da prosperidade material, doutrinas que podem ir além do contexto bíblico, e tantas outras. Assim, o pentecostalismo tem ocasionado uma mudança no quadro religioso brasileiro e tem se incorporado não só como a religião das massas, mas para outras esferas da sociedade, como a política.

2 A ESTRATÉGIA DE EXPANSÃO TERRITORIAL DAS IGREJAS EVANGÉLICAS PENTECOSTAIS BRASILEIRAS

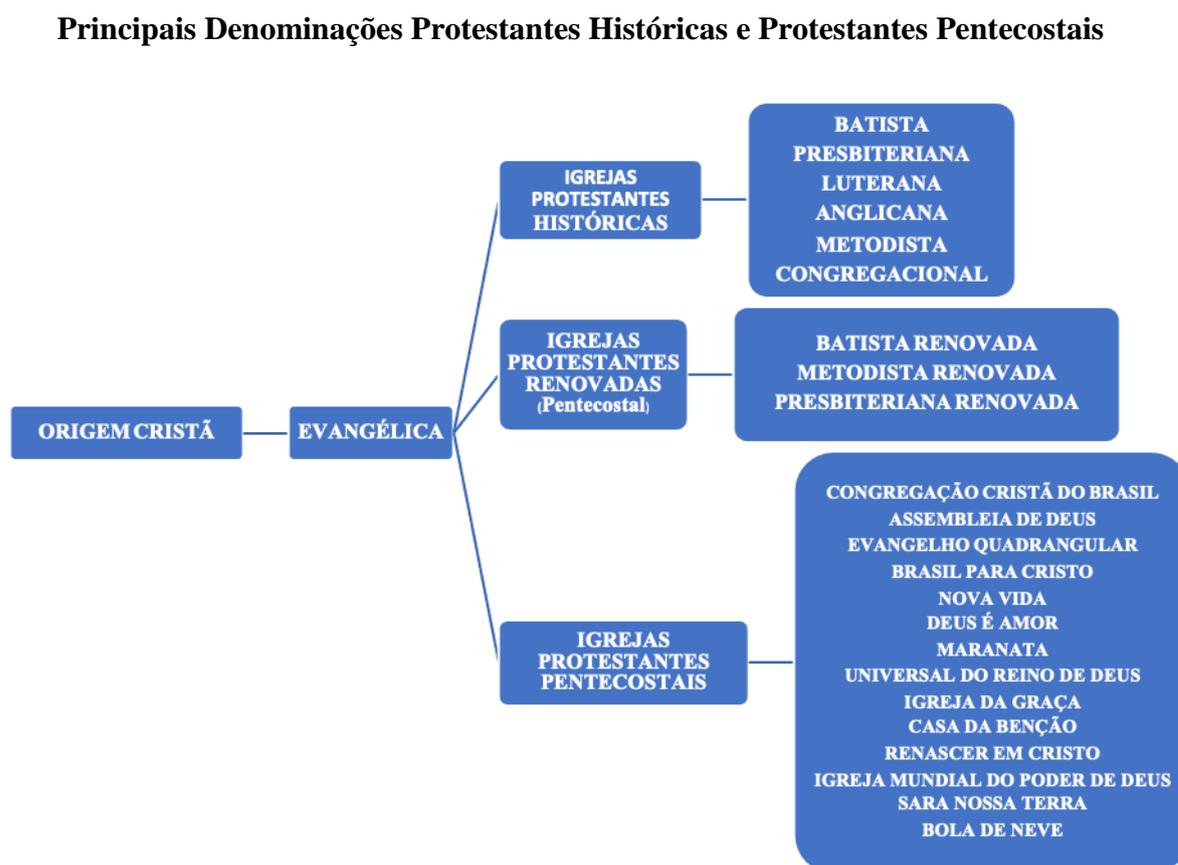
Neste capítulo será apresentada e analisada a expansão territorial das Igrejas Evangélicas Pentecostais a partir de estudos pretéritos, tendo como base teórica a dissertação de mestrado defendida por Mônica Machado na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1992, “A territorialidade pentecostal; uma contribuição à dimensão territorial da religião”, publicada posteriormente, em 1994, na Revista Brasileira de Geografia do IBGE. A opção por iniciar a discussão por essa pesquisa não foi aleatória, mas se deu, sobretudo, pelo caráter inovador não apenas em relação ao tema, mas também em relação ao método. Esse trabalho introduz uma temática de pesquisa inovadora na Geografia à época e apresenta uma explicação da expansão territorial pentecostal muito reveladora para aquele momento, em que a internet no Brasil ainda era incipiente.

A autora percebeu o crescimento protestante no país desde finais da década de 1980 como um fenômeno que ainda só se expressava na composição demográfica brasileira e procura explicitar esse fenômeno territorialmente. De lá para cá, observamos a expressão que o protestantismo alcançou na sociedade brasileira, sobretudo na política através das bancadas e frentes evangélicas. Em artigo mais recente, a autora demonstra que no Brasil atual não se elege mais presidente da República sem apoio da bancada evangélica (2016 e 2020).

O artigo apresenta um panorama do crescimento evangélico pentecostal no Brasil, especificamente entre as décadas de 1970 a 1990, evidenciando o acelerado crescimento desse segmento na década de 80. Nele, faz-se um recorte de estudo empírico da expansão evangélica no bairro Largo da Batalha, município de Niterói, Região Metropolitana do Rio de Janeiro (onde o avanço pentecostal percorre as camadas mais pobres e com predominância na faixa urbana do país). Além disso, diante dos dados levantados, Machado acredita que o acelerado crescimento pentecostal pode estar atrelado a estrutura de seus templos serem transitórios e informais, garantindo grande mobilidade territorial e expansão do pentecostalismo e ainda contar com ajuda dos fiéis, membros da igreja que residem na área, que trabalham nas congregações, buscam a conversão de outras pessoas e também residem nas proximidades. Dessa forma, esses agentes podem ser os responsáveis pela expansão do pentecostalismo.

A autora distingue os evangélicos em três grandes grupos o Protestante Histórico, o Protestante Histórico Renovado (pentecostal) e o Protestante Pentecostal. Segundo ela, as primeiras denominações pentecostais a surgir no Brasil foram a Congregação Cristã do Brasil, que nasce da cisão dos presbiterianos em 1911, e a Assembleia de Deus, que resulta da separação de batistas em 1911. Para ela, a partir da década de 1960, começou a emergir diversas denominações pentecostais de menor porte, destacando-se as Igrejas: Congregação Cristã do Brasil, Assembleia de Deus, Evangelho Quadrangular ou Cruzada Nacional de Evangelização, Brasil para Cristo, Nova Vida, Deus é Amor, Maranata e Universal do Reino de Deus. Segundo Machado, na década de 80 o movimento pentecostal se constituiu como um fenômeno social de grande expressão, e, a partir disso, os pentecostais começaram a preocupar a classe política, intelectuais, a Igreja Católica e a Protestante Histórica (Figura 1).

Figura 1 – Principais Denominações Protestantes Históricas e Protestantes Pentecostais

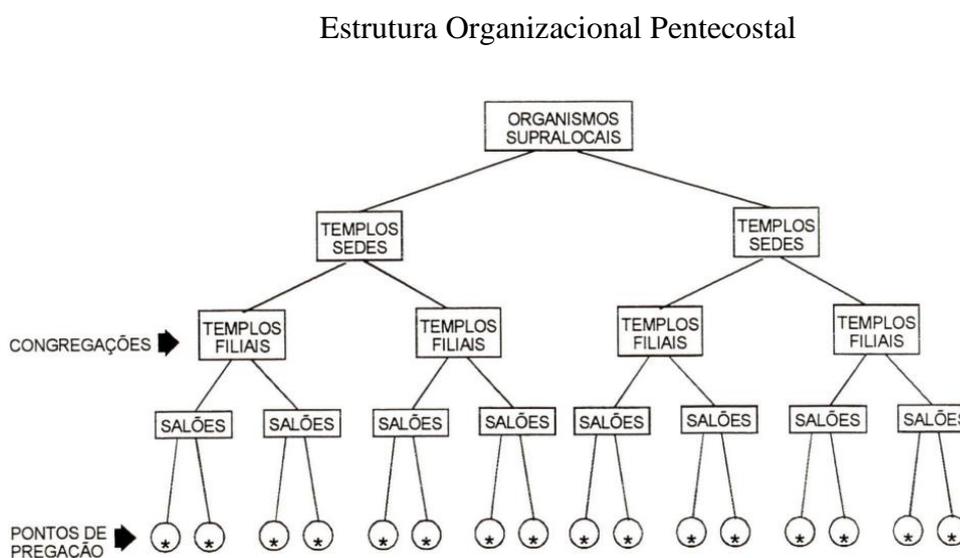


Fonte: MACHADO, 1994.

Com base na Figura 1 percebe-se que os protestantes pertencem a um grupo diverso de denominações e igrejas independentes. Além disso, apesar do novo movimento ser denominado neopentecostal, esse grupo não difere do pentecostal.

Com relação à organização pentecostal, a autora expressa que é composta, hierarquicamente, das seguintes instâncias de poder: organismo supralocal, templos-sedes ou igrejas-mães, igrejas filiais, salões e pontos de pregação. No topo desta hierarquia situa-se o organismo supralocal e, na base, os pontos de pregação. O organismo supralocal pode possuir alcance nacional ou regional e é constituído de crentes investidos das mais altas funções. Esta instância de poder rege e orienta as várias igrejas que compõem uma determinada denominação. Abaixo dessa instância e a ela subordinada, estão às igrejas locais. As principais igrejas locais atuam como sedes do poder local e, geralmente, são igrejas principais, isto é, templos-sedes ou igrejas-mães (Figura 2).

Figura 2 – Estrutura Organizacional Pentecostal



Fonte: MACHADO, 1994.

Segundo Machado (1994), cada templo-sede possui um complexo de igrejas menores e dependentes (os templos filiais), salões e pontos de pregação, ou seja, cada igreja-mãe tem, sob direção, uma série mais ou menos extensa de templos menores (comumente chamados de congregações), de salões alugados e de grupos em nucleação, todos dependentes e subordinados ao templo-sede.

Importante destacar que, de acordo com Machado (1994), apesar do aumento do número de fiéis resultantes da veiculação da mensagem pentecostal pelos meios de comunicação de massa, a prática da nucleação continua sendo muito utilizada e de grande relevância para a difusão do pentecostalismo no Brasil. Não obstante os pontos de pregação estar submetidos às instâncias superiores de poder (templo sede, templo filial), são eles que alimentam o ciclo de reprodução pentecostal e desempenham um importante papel na conquista de novos territórios.

Do ponto de vista da autora, na geografia a territorialidade está intimamente relacionada à utilização da "terra" por uma determinada sociedade, ela está diretamente relacionada à organização de uma dada sociedade no espaço e no tempo. Na análise da temática, quando se trata de espaços dominados, automaticamente fazemos menção à noção de território. Dessa forma, aplicando ao nosso assunto, o território é considerado um dos conceitos chave na Geografia no estudo e compreensão das relações de poder em um determinado lugar. Seu significado está relacionado aos processos de construção e transformação do espaço geográfico.

Segundo Moraes (1994), para o geógrafo alemão Friedrich Ratzel, um dos precursores nos registros do conceito, o território representa uma porção do espaço terrestre identificada pela posse, sendo uma área de domínio de uma comunidade ou Estado. Para ele, qualquer espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder se caracteriza como território. Em Haesbaert (2006), o território é um conceito derivado de espaço e que esse é produto da apropriação de um dado segmento de espaço por um dado grupo social que nele estabelece relações políticas de controle ou relações afetivas, identitárias de pertencimento. Para o geógrafo Milton Santos, em seu livro: *A Natureza do Espaço* (1997), o espaço geográfico constrói-se a partir da transformação dos elementos naturais pelas práticas antrópicas. Por isso, é importante destacar que o espaço geográfico é o meio utilizado e transformado pelas atividades humanas, o espaço guarda consigo as marcas históricas das civilizações e suas transformações ao longo do tempo. Ademais, o espaço é compreendido, segundo o geógrafo Milton Santos em seu livro *Por uma geografia nova* (1978) como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente.

Sabendo disto, é importante destacar que existem vários conceitos de espaço geográfico. Por exemplo, na visão cristã, de acordo com Campos (2014), o espaço é cristificado, ou seja, tem relação com o Cristo, Senhor do Universo, o espaço físico sempre servirá como destinação ao espaço espiritual. Segundo Santos, o espaço social “é dinâmico

e plural, ou seja, a economia, as instituições, o meio ecológico e o homem constituem-se como elementos do espaço e lhes conferem dinamicidade e pluralidade” (1985, p. 6).

Em vista disso, as igrejas protestantes históricas (Presbiterianas, Metodistas, Batistas etc) ao chegarem ao Brasil impuseram suas práticas religiosas e “desqualificaram as diversas manifestações culturais populares”. “A pregação apresentava o protestantismo como única e verdadeira religião, e a postura de negação das manifestações culturais autóctones apresentava as práticas e costumes anglo-saxões como verdadeiros valores culturais” (Cunha, 2007, p.36). Em Machado “Os agentes de evangelização, os fiéis são portadores de uma mensagem religiosa que tem possibilidades de se materializar muito facilmente em vários e distintos espaços” (1994, p. 46). Sendo assim, a religião está relacionada à apropriação de determinados segmentos do espaço, com isso, Rosendahl expressa que:

O espaço sagrado é campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. É por meio de símbolos, dos mitos e dos ritos que o sagrado exerce sua função de mediação entre o homem e a divindade. (ROSENDAHL, 1996, p.30).

A questão da compreensão do espaço é complexa e de suma importância. A Geografia consegue distinguir e aplicar métodos científicos e sistematizados de análise nas diferentes atividades humanas no espaço geográfico. Em relação à utilização do espaço pelos evangélicos podemos dizer que os mesmos não constituem o espaço sagrado como os católicos, atribuindo rituais, símbolos, imagens ou a peregrinações, o fato é que “há religiões que incentivam as peregrinações. O budismo, o catolicismo e o islamismo são deste tipo. O mesmo não acontece em outras religiões, como no protestantismo, no qual as peregrinações não fazem parte da prática religiosa”. (ROSENDAHL, 1999, p. 26 – 27).

No Antigo Testamento, o espaço e o território já eram considerados de suma importância e significativos para continuação de um determinado povo ou nação. Neste contexto, Le Berre (1995), afirma que o espaço territorial de uma nação é o locus do exercício de poder de um Estado ou formação política, cuja soberania é a expressão do domínio patrimonial ou de propriedade.

Dessa forma, entender a dinâmica das religiões no espaço é de suma importância no processo de construção e conscientização do cidadão, pois “o papel da religião, ao contrário da ciência, não é o de enriquecer o nosso conhecimento, sua função é auxiliar o

indivíduo em suas ações, ajudá-lo a viver, superando as dificuldades cotidianas”. (ABREU, 2017, p.21).

A partir desse pressuposto, Machado (1994), realizou um trabalho empírico sobre a territorialidade pentecostal no bairro Largo da Batalha, em Niterói, município da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Esta localidade apresenta caráter periférico e grande avanço do pentecostalismo, principalmente no surgimento de templos.

Para ela, o pentecostalismo se diferencia das demais crenças religiosas em função da relativa mobilidade que apresenta. Ainda segundo Machado, é com facilidade que uma denominação pentecostal se firma ou se muda de um determinado local. Dessa forma, ela define que a mobilidade relativa do movimento pentecostal pode ser vista como uma forma estratégica de concorrência entre denominações, isto é, como uma forma de disputar espaço e fiéis. Com o aumento do número de igrejas pentecostais na área estudada, é facilmente observável a disputa que as denominações estabelecem entre si pela mesma área de atuação, realizando cultos e atividades religiosas em horários análogos. Dentro desta perspectiva, pode-se inferir que implantar novos templos é uma estratégia de reprodução que as denominações pentecostais utilizam bastante.

Na questão da territorialidade pentecostal a autora é enfática em dizer que ela é dinâmica, incisiva e descentralizada, permitindo, assim, muito facilmente sua difusão. Enquanto, por exemplo, a Igreja Católica tem um território e uma territorialidade definida e, até certo ponto, estática, a igreja pentecostal desenvolve uma estratégia espacial que aponta para outro tipo de território e de territorialidade essencialmente informal e transitório. Para ela, essa configuração espacial das igrejas pentecostais pode determinar o sucesso deles em sua expansão no país.

Se compararmos a dinâmica espacial pentecostal nas cidades atuais à dinâmica das cidades antigas, veremos que estas eram formadas em torno dos templos, o santuário ocupava o lugar central nos primeiros núcleos de povoamento. Mediante a isso, “a cidade tornou-se um recinto sagrado, era o lar do seu Deus poderoso. Os símbolos arquitetônicos e legitimados pelo povo elevaram a cidade muito acima da aldeia. Foram às potências religiosas que se achavam dentro dos templos e dos palácios que estabeleceram as finalidades e os significados às transformações urbanas” (Rosendahl, 2018,p. 53).

Segundo Lana Cavalcanti (2004), as cidades são hoje locais complexos que abrigam a maior parte da população e são de fundamental importância para a construção da vida social. Em Vilaça (2017) a grande cidade foi o lugar onde se começou a encontrar menos pessoas com religião, mas simultaneamente, e no quadro da recente globalização,

maior diversidade religiosa.

[...] as religiões na cidade são vitais e moldadas por novos padrões de mobilidade e globalização. O número de muçulmanos tem aumentado no ocidente e a sua presença tem uma expressão pública clara nas grandes cidades e, em menor escala, o mesmo acontece com outros grupos religiosos não cristãos. Falo em expressão pública, porque as mesquitas, os templos hindus e as formas de vestir dos cidadãos e imigrantes islâmicos, siks ou hindus são algo de comum nas cidades globais. (VILAÇA, 2017, p.18)

Vilaça (2017) ressalta ainda que o cristianismo também se diversificou, um grande exemplo, são as novas igrejas pentecostais que criou a necessidade da “re Cristianização” da Europa com os imigrantes oriundos da África e América Latina, onde o cristianismo tem obtido maior número de adeptos. Para Vilaça, mesmo que a população muçulmana cresça com maior velocidade, por conta da maior taxa de natalidade dos muçulmanos, o cristianismo entra mais facilmente na lógica de mercado em diversas modalidades da sociedade moderna.

[...] ao longo dos tempos a religião cristã foi adotando uma relação complexa com as cidades, uma vez que enquanto alguns grupos religiosos viram as cidades como o lugar do pecado, a Sodoma bíblica, outros grupos imaginam as cidades como lugares naturais para o trabalho criativo de Deus. Os jovens estão na cidade, os artistas estão na cidade, a gentry está na cidade. Do mesmo modo que estão as vítimas das polarizações sociais, os sem-abrigo, os trabalhadores precários, os sós. (VILAÇA, 2017, p.22)

Com o crescimento das comunidades pentecostais nas cidades brasileiras, a Igreja Católica tem perdido sua hegemonia. Esse crescimento configura em um conflito em torno do território religioso. Para refletirmos a temática, no Brasil todas as regiões foram afetadas pelo crescimento do pentecostalismo, mas foi na Região Sudeste onde ocorreu um crescimento mais expressivo. De acordo com Mariano (2001), o crescimento pentecostal se tornou um refúgio das classes populares, visto que:

A religião pentecostal incumbe-se, então, do papel de fornecer-lhes novas comunidades, disciplina, valores adequados à vida nos centros urbanos, segurança psicológica e econômica [...]. Quanto mais avançado for o deslocamento geográfico e o desenraizamento cultural da população de origem rural e, quanto mais desenvolvida a industrialização e urbanização, tanto maior será a expansão pentecostal. (MARIANO 2001, p. 51).

Nessa questão, Passos (2000) identifica outra estratégia da igreja pentecostal para se inserir na metrópole:

O pentecostalismo mostra-se como um formato teogônico próprio da metrópole, que é configuração de uma cultura em transformação que vai se estruturando com elementos arcaicos e emergentes: nasce de sua contradição entre dominantes e subalternos, vive de seus processos de mudanças espaciais e temporais e compõe-se de seus significados velhos e novos. O resultado é uma religião popular urbana configurada pelas afinidades entre quadros históricos distintos, de resíduos de um passado encantado capaz de sobreviver nos desencantos da metrópole como estratégia de domínio e significação do mundo caótico. (PASSOS, 2000, p.8)

Com isso:

Não por acaso, o neopentecostalismo ocupa, preferencialmente, trajetos e manchas metropolitanas onde se enfileiram os bens de consumo e suas ofertas sedutoras. É nessa mesma condição que podemos falar em desterritorialização religiosa, no sentido de se estabelecer pontos fixos sagrados, *puncta mundi* e não *axis mundi*, de prevalência das raízes familiares e das velhas tradições. A recriação dos territórios se dá na linha de novas regras de convivência e associação, transgredindo as fronteiras definidas pela geografia e pelas delimitações socioculturais. Os neopentecostais, terceira onda, ocupam os territórios metropolitanos pela telemídia, vencendo as fronteiras entre o público e o privado, o concreto e o virtual, a cultura de massa e a popular (PASSOS, 2000, p.6).

No âmbito urbano brasileiro, o crescimento da população aglomerada das cidades e vilas, tem contribuído para o aumento das igrejas protestantes, e neste caso, das pentecostais. Rolim (1985), propõe que o pentecostalismo é um fenômeno essencialmente urbano, porém observa que embora tenha se desenvolvido em áreas urbanas, não é exclusivamente urbano.

Outro importante fator, segundo o Instituto Tricontinental de Pesquisa Social (em publicação do dia 11-03-2020), foi a crise do modelo de acumulação capitalista iniciada no fim da década de 70. Como consequência, iniciou-se um forte processo de reestruturação produtiva no fim de 1980 e início de 1990, com a instauração do neoliberalismo, tendo como características forte flexibilização das leis trabalhistas, privatizações e retirada de outros direitos que fossem compatíveis com esse novo modelo de acumulação, estimulando o livre mercado e a busca por saídas individuais da crise, individualizando os problemas sociais. Nesse contexto, a Teologia da Prosperidade, estrutura teórico-ideológico das igrejas pentecostais, ganha corpo e respalda o neoliberalismo nascente. O neoliberalismo encontra na Teologia da Prosperidade sua representação religiosa mais aceitável. Fica evidente para a pesquisa que os pentecostais reforçam a intensa presença dos valores do “faça você mesmo”, do individualismo, da competitividade e da eficiência. Nas palavras de Freston:

Se o [regime militar] pudesse ser comparado a uma composição ferroviária que é forçada a seguir por um desvio (em 1968), poderíamos dizer que a Igreja Romana, na maioria de sua liderança, resolve descer na primeira estação após a entrada do desvio. Eles vinham ocupando os vagões da primeira classe... Quando eles descem, o chefe do trem convida os evangélicos a se mudarem para os vagões da primeira classe... Estes o fazem..., agradecidos pela preferência... Os evangélicos vão se tornando, a partir da década dos 70 (juntamente com os maçons e kardecistas), em sustentáculos civis do regime... O regime procura investir ao máximo nos protestantes: visitas de cortesia, empregos, convênios, nomeações para cargos importantes. (1993, p.25)

Esses acontecimentos viabilizou o crescimento protestante, especialmente a pentecostal, caracterizado como uma nova versão religiosa para a classe dominante continuar em todas as esferas da sociedade. Além disso, o Instituto Tricontinental, em pesquisa sobre o crescimento dos pentecostais, expõe a forma de organização dos pentecostais: estrutura mais flexível, rápida formação de pastores, descentralização e autonomia (como as igrejas constituídas em células). Essas características combinam perfeitamente com as formas vividas na reestruturação produtiva implantada. Segundo o Instituto, alguns estudos têm demonstrado que um número significativo de fieis tem preferido igrejas menores e mais próximas a sua residência para viver mais fortemente estes laços, por isso, a existência de tantas pequenas denominações.

podemos dizer que há como um pano de fundo teórico nesta linha de estudo, ou seja, a noção de um mercado religioso de fé. Neste “mercado” as confissões religiosas disputam fiéis com estratégias racionais de expansão, tais como empresas que competem por clientes com seus produtos no mercado formal econômico (ARENARI, 2015, p.519).

Segundo Guadalupe (2018), o pentecostalismo começou a ganhar notoriedade depois dos anos de 1980. A mídia teve papel importante em relação à divulgação e à propagação do evangelho pentecostal. As Igrejas chamadas pentecostais investiram grande parte de suas ofertas e dízimos para conseguir espaços importantes como: nas estações de rádio ao tocar músicas gospel; na programação de TV aberta, esta cedendo uma pequena parte de sua grade às Igrejas Pentecostais, como a Assembleia de Deus e a Igreja Universal do Reino de Deus; nas praças públicas, onde proferem pregações e apelos a conversões. Essas estratégias contribuíram para o aumento dos evangélicos na denominação pentecostal, pois o discurso consistia na cura para todos os males e a promessa de uma vida próspera.

Essa nova forma de domínio evangélico, que se expande no país, através dos meios de comunicação como o rádio, a televisão, a internet, as redes sociais, entre outros, tem sido uma ferramenta estratégica. Dentre as demais instituições às igrejas protestantes em

geral (históricas e pentecostais), desenvolvem estratégias que visam prioritariamente ao aumento de novos adeptos e assim ampliar o raio de sua influencia na sociedade.

É importante ressaltar que a chegada dessas novas tecnologias sempre foi vista com caráter negativo pelas igrejas evangélicas, especificamente, as chamadas protestantes históricas. Mediante a isso, a missionária Shirley Varjão, em seu canal do youtube chamado TV Feminina, relata que, com a chegada do rádio, a igreja protestante em seu discurso ordenava seus fiéis a não assistirem a nenhuma programação desse veículo, pois se tratava de “obra maligna”. O mesmo aconteceu com a televisão, líderes e religiosos protestantes proibiam seus membros de assistir-lhe por ter a programação voltada para ídolos e satanismos, na visão deles. E, finalmente, com a chegada da internet, a igreja protestante se pronunciava outra vez para impedir seus seguidores de interagir com essa nova tecnologia, afirmando que o “www” seria o 666, a marcada besta.

A partir dessa perspectiva, podemos ainda argumentar que há outras manifestações da religiosidade cristã que apontam para Jesus como alguém que não se limitava aos templos ou tradições judaicas. Assim, dentro dessa visão, Jesus teria encontrado muita resistência.

Por isso, acreditamos que as igrejas pentecostais conseguiram atravessar essa fronteira, talvez por serem menos tradicionais ou formais elas investiram maciçamente em programas de rádio, revistas, jornais, televisão, internet, youtube e tantos outros com a finalidade de permanecer nos meios midiáticos garantindo sua sobrevivência, doutrina, influência e domínio. Nessa questão, Paul Freston (2010) revela que os grupos e indivíduos religiosos com presença nos meios de comunicação a desempenharem um papel importante em períodos eleitorais, facilitam por terem propriedade, acesso e conhecimentos das técnicas dos meios de comunicação. O pentecostalismo ilustra, de maneira muito forte, a ligação entre os meios de comunicação religiosos e a política.

Há uma porcentagem bastante grande de deputados pentecostais. Segundo Freston, são pessoas com presença midiática anterior e, os que não tinham, acabam criando depois de se eleger. Muitas vezes, os candidatos oficializados por algumas igrejas pentecostais são conhecidos por sua presença midiática, o que lhes dá um melhor trânsito no estado em que concorrem. E, dessa forma, continuam a ter êxito no crescimento evangélico pentecostal no Brasil. Como podemos observar no discurso de Manuela Ferreira:

A igreja mobiliza ideologias próprias da sociedade de consumo, contribuindo para a adequação, permanência e sobrevivência dos seus fiéis no mundo moderno. Para se ajustar às transformações - algo típico de igrejas neopentecostais - são utilizados mecanismos virtuais para transmitir mensagens tradicionais. Em uma sociedade caracterizada pela contemplação da imagem e pela dominação dos meios de comunicação em massa, é imprescindível que as organizações religiosas adotem instrumentos mercadológicos e táticas publicitárias para conquistar novos mercados e atrair consumidores. Todos estes elementos constituem o sistema simbólico dos novos “empreendimentos” religiosos (FERREIRA, 2016, p. 62).

Neste contexto, as igrejas pentecostais ganham espaço no território brasileiro e também com instalações de diversos templos, principalmente, nas comunidades carentes onde não necessitam de grandes estruturas ou formação teológica de seus pastores para funcionar. Nesse caso, o objetivo maior é o domínio da população contra seus perigosos meios de desvio dos caminhos estreitos do crente, e, por isso, o grande vilão é a sociedade incrédula, que pode estar expressa na política, na cultura, na educação ou na economia. Portanto, sabemos que atualmente, as investidas das Igrejas Evangélicas na questão política, educacional e cultural, na verdade, significa um novo processo de dominação da Igreja na sociedade pós-moderna, episódio este que sempre esteve presente na história brasileira. Porém, as igrejas pentecostais ou neopentecostais ganham novas características que as diferenciam das demais, uma nova forma de relação mais descontraída com o Pastor, maior liberdade com o objetivo de aproximá-los da igreja na visão de Ferreira.

A imagem de uma igreja neopentecostal moderna e flexível em relação a seus valores atrai um público jovem, porém, não se desvincula de ideias tradicionais e ligadas ainda ao pentecostalismo clássico. Os discursos com linguagem informal ocultam posicionamentos tradicionais, como a valorização da estrutura familiar patriarcal, repressão sexual, discursos contra o divórcio, a homossexualidade, o aborto, o uso de bebidas, drogas e encontros em lugares ditos “profanos”. (FERREIRA, 2016, p. 61)

Logo, sabemos que as igrejas pentecostais são inovadoras, repleta de inúmeras denominações, conseguem se adaptar a novos conceitos, práticas e investem em seu próprio marketing lançando diversos produtos no mercado como: roupas, livros, CDs, DVDs, bíblias e outros. Essas importantes características garantem sua permanência no mundo atual. Dessa forma, segundo Mariano (1999), a expansão das igrejas pentecostais se deve ao grande uso de meios de comunicação de massa, seus templos também estão localizados de maneira significativa nas vias principais e favelas. De acordo com Almeida:

Os templos da Assembleia de Deus, por sua vez, encontram-se nas vias principais e, de maneira significativa, no interior dos bairros e em favelas. [...] A observação de campo revelou que os pequenos templos da Assembleia de Deus (e também os da Deus é Amor) têm uma estrutura interna organizada a partir de

redes familiares, muitas delas montadas no processo migratório. [...] a Igreja Universal concentrada basicamente nas vias principais, distante das áreas de maior vulnerabilidade, em comparação com a localização dos templos da Assembleia de Deus. A implantação dos templos e, mais recentemente, a construção de grandes catedrais visam a dois objetivos: visibilidade e adesão em massa. Esse tipo de construção imponente nas vias principais é uma estratégia de visibilidade e marketing que se articula com sua presença na mídia e na esfera política, visto que para sua efetivação necessitam de trâmites burocráticos nas administrações municipais. A intenção é parecer maior do que realmente é (ALMEIDA 2004, p.22-23).

Desse modo, as estratégias de domínio não parecem ser diferentes da Antiga dominação da Igreja Católica. Apesar disso, as igrejas evangélicas pentecostais se adaptaram ao novo sistema capitalista de mercado, apreenderam a utilizar a mídia e as novas tecnologias a seu favor, e, por conseguinte, esses fatores resultaram em sua expansão e conquista de novos territórios, aumento de fiéis e “patrocinadores” para seu crescimento no Brasil. Com isso, podemos dizer que o maior país católico do mundo, se tornará a maior nação evangélica? Especialistas no assunto acreditam que não, no entanto, há divergências na hora de prever o ritmo de crescimento. Sabemos que a maioria dos católicos brasileiros se diz não praticantes, talvez este seja o principal motivo do sucesso protestante, é um mercado para os evangélicos.

3 O USO DE MAPAS MENTAIS E SUA IMPORTÂNCIA COMO FONTE DE PESQUISA: ESTUDO DE CASO NO COLÉGIO ESTADUAL MARIA ROSA TEIXEIRA, DUAS BARRAS-RJ

A aplicação de mapas mentais para o desenvolvimento desta pesquisa foi fundamental para representação do lugar onde os estudantes estão inseridos, e, assim, compreender e interpretar o lugar estudado e as interferências religiosas no espaço, por meio da visão dos alunos. O objetivo da pesquisa de campo, realizada no Colégio Estadual Maria Rosa Teixeira com alunos do Ensino Fundamental e Médio, foi investigar o raciocínio geográfico desenvolvido pelos estudantes a partir do ensino da Geografia, partindo da construção de mapas mentais sobre a influência das igrejas evangélicas no bairro da escola e em seu cotidiano. A pesquisa buscou revelar como eles utilizavam a linguagem espacial para expressar características de influência das igrejas evangélicas (pentecostais). Para reflexão, Minayo (2001) disserta sobre a importância da pesquisa qualitativa:

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p.14).

Neste sentido, é importante iniciar um breve estudo sobre os principais autores que identificaram os mapas mentais como uma forma do indivíduo expressar suas ideias e aprendizagens sobre o espaço.

Dessa forma, os Mapas Mentais, segundo Archela (2004, p. 127) “constituem-se em imagens espaciais que as pessoas têm de lugares conhecidos, direta ou indiretamente. As representações espaciais mentais podem ser do espaço vivido no cotidiano”. Para Tuan (2012, p.24) “duas pessoas não veem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente”. Tuan (1975) destaca que o mapa mental é a planta de ruas.

Segundo Petchenik (1995), o termo mapa mental soa como se tivesse referência com a soma total de todo conhecimento espacial que qualquer indivíduo carrega consigo na forma de conhecimento tácito e imagens espaciais potenciais. Usado como metodologia

criativa, proporciona o estímulo da imaginação e criatividade aos estudantes, contribuindo, para a construção de seus espaços.

Para compreender os mapas mentais é necessário entender o significado de lugar, já que os mapas mentais estão interligados a relação de lugar. Por isso, Oliveira *apud* Kozel (2001, p.154) define lugar como “a dimensão mais concreta do espaço da qual ninguém pode desligar-se, por ser o espaço das relações imediatas, proveniente de uma multiplicidade de tempo e relações referentes a um domínio territorial específico”.

De acordo com Kozel:

A Geografia sempre esteve associada às imagens, num primeiro momento como sentido de transmitir informações sobre os espaços desvendados, e posteriormente como forma de comunicação ou representação do espaço físico mensurável ou do espaço vivido subjetivo, passando a ser denominado “mapa” quando os registros são impressos num suporte plano bidimensional (KOZEL, 2005, p.131).

Segundo Relph (1979, p.17), o lugar pode significar “muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas o tipo de experiência e envolvimento com o mundo, à necessidade de raízes e de segurança”.

Para Anastácio (2021), os mapas mentais são estratégias úteis no processo de aprendizagem, armazenagem e organização de informações. Além de ser considerado uma metodologia ativa, já que cada pessoa que constrói o seu mapa mental é protagonista do seu próprio conhecimento.

Ainda sobre a importância dos mapas mentais, Tuan (1975 *apud* OLIVEIRA, 2006, p.37 e 38) elenca alguns pontos principais:

- a) preparam-nos para comunicar efetivamente informações espaciais;
- b) tornam possível ensaiar comportamentos espaciais na mente;
- c) são dispositivos mnemônicos: quando se deseja memorizar eventos, pessoas e coisas, eles ajudam a saber sua localização;
- d) como mapas reais, os mapas mentais são meios de estruturar e armazenar conhecimento;
- e) eles são mundos imaginários, porque permitem retratar lugares muitas vezes não acessíveis para as pessoas.

Os mapas mentais podem ser interpretados como um significado de vários códigos de uma imagem estática. De acordo com Kress e Van Leeuwen (1996), os mapas mentais buscam refletir e descrever as diversas formas de construção do conteúdo textual. Para Buzan (2005), os mapas mentais fazem com que usemos a imaginação e a associação ao

mesmo tempo, utilizando o lado direito e esquerdo do cérebro. Neste contexto, o mapa mental é eficiente para nos ajudar a planejar e administrar informações.

Para entender a relação dos mapas mentais com cérebro, podemos introduzir à neurociência de Roger Sperry (1913-1994), que segundo o autor as pessoas que apresentam o lado esquerdo mais desenvolvido são tendentes a usarem de forma adequada a lógica, a matemática, possuindo habilidades para planejar e organizar suas ações. Já o uso do lado direito do cérebro é responsável pela imaginação criativa, a serenidade, a capacidade de síntese, a facilidade de memorizar.

Para Piaget, em todos os níveis de desenvolvimento cognitivo, as informações fornecidas pela percepção e também pela imagem mental servem de material bruto para a ação ou para a operação mental. Por sua vez, essas atividades mentais exercem influência direta ou indireta sobre a percepção, enriquecendo e orientando o seu funcionamento, à medida que se processa o desenvolvimento mental (PIAGET, 1948 apud OLIVEIRA, 1976).

Segundo Archela et al. (2004), na ótica da cartografia, podemos verificar noções cartográficas nos mapas mentais como: a proporcionalidade, uma noção de escala; orientação e direção nos objetos representados; referência, quando selecionam e elegem pontos mais significativos para representar no papel. Esse tipo de mapeamento é muito útil. Afinal, ajuda a gerenciar melhor as informações disponíveis e que cercam determinada ideia central. Para Archela, et al. (2004):

O mapa mental permite observar se o aluno tem a percepção efetiva da ocorrência do fenômeno no espaço e condições de transpor essa informação para o papel. Através dessa atividade, ele trabalha com todos os elementos essenciais da cartografia quanto a sua forma de expressão, através da linguagem gráfica. É fundamental entender que a identificação e a construção de saberes devem respeitar as diferenças entre culturas e os grupos humanos, como também as suas diferentes necessidades materiais e simbólicas (ARCHELA, et al.2004, p.140).

Neste contexto, o mapa mental é um recurso gráfico que substitui o processo convencional de anotações sob a forma de listagem. Um bom mapa mental mostra a “fotografia” do assunto, evidencia a importância relativa das informações ou conceitos relacionados ao tema central e suas associações (ARCHELA et al., 2004).

Cavalcanti (1998), por sua vez acredita que o desenvolvimento do mapa mental, no ensino de geografia, objetiva avaliar o nível de consciência espacial dos alunos, como eles compreendem o lugar em que vivem. Neste sentido, através dos mapas mentais pode-se conhecer a percepção desenvolvida dos alunos na imagem que eles têm do seu lugar.

Um sugestivo encaminhamento metodológico para o trabalho de construção e leitura de mapas pode ser o de se iniciar pela construção dos mapas mentais pelos alunos, passando pela análise conjunta (professores e alunos) dos elementos da representação de lugar neles simbolizados, para avançar na construção de mapas tanto no conteúdo quanto na forma da representação, o que envolve seguramente o trabalho com as habilidades de orientação (caso especificamente tratado na pesquisa com os alunos). (CAVALCANTI, 2010, p. 150-151)

Para Nogueira (2006, p.129),“os mapas mentais são representações construídas inicialmente tomando por base a percepção dos lugares vividos, experiências, portanto partem de uma dada realidade”

Os mapas mentais contêm saberes sobre os lugares que só quem vive neles pode ter e revelar. Isso nos reforçou a ideia de que essas representações mentais seriam para nós, geógrafos e professores de geografia, um material didático de extrema importância para a compreensão dos lugares, pois os dados que estão aí representados, independente da exatidão, revelam o lugar tal qual ele é (NOGUEIRA, 2006, p. 130).

Para a geógrafa Lívia de Oliveira (2005) o mapa é uma linguagem gráfica e expõe sua importância no sentido de ser o primeiro conhecimento do homem antes da escrita. A autora destaca que o homem grafou nas cavernas os seus mapas, as suas direções e onde estava a caça. Em sua análise, primeiro o homem grafou para depois fazer por escrita suas palavras.

Segundo Lima (2018, p.139), para ensinar, o educador tem como “matéria prima” de seu trabalho o conhecimento formal que foi acumulado graças às capacidades do ser humano de codificar e decodificar a experiência por meio de registros, de ler e dar significado ao registro, atribuir e comunicar significações.

Magalhães Filho e Oliveira (2013), na análise dos mapas mentais, elenca quatro etapas do processo de construção dos mapas em sua esfera social e cultural:

A interpretação quanto à forma é referente à observação das formas de representação utilizadas na imagem como ícones diversos, letras, mapas, linhas, figuras geométricas e outros. A interpretação quanto à distribuição é a observação de como essas formas estão dispostas na folha formando a imagem, se estão dispostas horizontalmente, isoladas, em perspectivas, isoladas e etc. Em seguida é analisada a natureza dos ícones utilizados se são elementos da paisagem natural, da paisagem construída, dos elementos móveis e dos elementos humanos. Na quarta etapa, observa-se os aspectos obtidos nas etapas anteriores e juntamente com outras particularidades promove a codificação das mensagens veiculadas no mapa. (MAGALHÃES FILHO; OLIVEIRA, 2013, p. 39).

Essas etapas de Magalhães Filho e Oliveira (2013), evidenciam a experiência na confecção do mapa de acordo com seus espaços vividos.

Para Harley (1991, p.7), o mapa enquanto representação visual “facilita a compreensão espacial de objetos, conceitos, condições, processos e fatos do mundo humano”. Ele também é fundamentado em seu pensamento desconstrucionista, sentenciava nos anos oitenta que “cada sociedade tem ou teve sua própria forma de perceber e produzir imagens espaciais”.

Ainda de acordo com Harley “os mapas podem mentir, silenciar, ignorar e fortalecer uma visão de mundo imposta” (HARLEY, 2005, p. 44-50).

Harley (2005, p. 26-27) criticava a tendência científica e positivista das construções e produções dos mapas que inclinavam-se a não enxergar nos mapas a presença dos discursos subjetivos, privilegiando sobremaneira a questão técnica ligada à precisão da geometria e dos cálculos matemáticos, descartando a possibilidade de vislumbrar os interesses ideológicos, religiosos e econômicos.

Segundo Lacoste (1988, p.1-16) a Geografia seria “um conjunto de saberes” muito mais vasto e muito mais amplo e antigo que a “geografia” entendida como disciplina escolar ou área de conhecimento acadêmico. O importante teórico categoriza essa Geografia com “G” maiúsculo de “Geografia Fundamental” por esta ser inerentemente ligada à elaboração das cartas. Processo que demanda “esforços e despesas, assim como domínio intelectual e político dos espaços que representam, foram e são ainda meios de ação, instrumento de poder”.

O espaço real onde se leva a ação não é somente o dos topógrafos, ou dos geólogos, ou dos demógrafos (ou dos historiadores, sociólogos, botânicos, pedólogos “grifo meu”), etc., ele é concreto, entrecruzamento de todas essas maneiras especializadas e parciais de ver o espaço terrestre. (LACOSTE, 1988, p. 1-16).

Para Joly (2013, p. 09-11), a cartografia deve ser entendida como uma mensagem que “requer interpretação e comunicação científica”. Por isso, possui a característica de se constituir num “traço de ligação entre um autor e um leitor”, assumindo desse modo, a condição de linguagem e enquanto tal, apresenta um “sistema de signos” (legenda, linhas, cores, símbolos, etc.), cuja função se traduz em levar um pensamento e um desejo de comunicação.

Segundo a historiadora Sarah Resende dos Santos (2016):

a cartografia é uma linguagem e, portanto, uma forma de expressão que o homem encontrou para transmitir a compreensão da realidade que o cerca. Mas como linguagem, há um diferente sentido de apresentação que depende do interlocutor e da mensagem que o mesmo pretende transmitir. Essa mensagem não se dissocia do contexto sociocultural e das relações de poder que são

estabelecidas de modo diferente 56 e nos mais diversos lugares e, que a todo o instante, são passíveis de mudança, proporcionando uma nova significação dos estudos que os homens desenvolvem para buscar um sentido e uma orientação para sua existência. Desse modo, a cartografia torna-se uma linguagem ampla e complexa, na medida em que a realidade social que é representada traz a necessidade de uma representação espacial, dos fenômenos naturais que, a todo o momento, influenciam o agir humano. A cartografia expressa a realidade humana no tempo e no espaço, tendo em vista que os seres humanos agem conforme as condições sociais e naturais que lhes são estabelecidas e disponíveis (SANTOS, p. 2016, p. 38).

Para Duarte (2006), na antiguidade o mapa revelava os interesses e modo de vida dos povos.

Babilônios, egípcios, maias, esquimós, astecas, chineses, indianos e outros representavam seus principais referenciais culturais como o centro do seu mundo, os quais podiam simbolizar um recurso natural, rio, vulcão ou um local religioso, um monte ou centro urbano considerado sagrado (DUARTE, 2006, p.22-29).

Além disso, segundo Duarte (2006), na Idade Média sob forte influência da Igreja Católica, a Cartografia Ocidental de Ptolomeu entra em decadência e vigora a cartografia cristã que negava a esfericidade da Terra, focada na representação da Terra Santa (Jerusalém), sua produção gráfica traduzia-se em mapas circulares, os quais ficaram reconhecidos como mapas “T” no “O” (DUARTE, 2006, p. 33).

Neste caso, os desenhos, produzidos por alunos e considerados como mapas mentais, têm uma função pedagógica essencial, no sentido de conduzir o aluno a alfabetização cartográfica. Na visão de Passini (2007, p. 174), “ler o espaço conhecido, o aluno identifica, lentamente, semelhanças e diferenças que constituem a paisagem, o que vai possibilitar posteriormente o estabelecimento de códigos que se manifestam na criação de símbolos”. Com isso, Joly (2003), salienta que:

Uma vez que uma linguagem exprime, por meio do emprego de um sistema de signos, um pensamento e um desejo de comunicação com outrem, a cartografia pode, legitimamente, ser considerada como uma linguagem. Linguagem universal, no sentido em que utiliza uma gama de símbolos compreensíveis por todos, com um mínimo de iniciação. (JOLY, 2013. p.11)

De acordo com Souza (2013), é essencial para a realização do mapa mental utilizar a categoria de análise da Geografia chamada Lugar.

Pois bem: no caso do conceito de lugar, não é a dimensão do poder que está em primeiro plano ou que é aquela mais imediatamente perceptível, diferentemente do que se passa com o conceito de território; mas sim a dimensão cultural-simbólica e, a partir daí, as questões envolvendo as identidades, a intersubjetividade e as trocas simbólicas, por trás da construção

de imagens e sentidos dos lugares enquanto espacialidades vividas e percebidas, dotadas de significado. (SOUZA, 2013, p. 115)

O ser humano, na verdade, consegue interpretar tudo aquilo que seu campo de visão alcança. Lynch (2011) em seu livro “A imagem da cidade”, os signos, significados e os “símbolos identificáveis”, revela a forma como o indivíduo cria a imagem da cidade mentalmente.

Essa imagem é produto tanto da sensação imediata quanto da lembrança de experiências passadas, e seu uso se presta a interpretar as informações e orientar a ação. A necessidade de reconhecer e padronizar nosso ambiente é tão crucial e tem raízes tão profundamente arraigadas no passado, que essa imagem é de enorme importância prática e emocional para o indivíduo. (Lynch 2011, p. 4)

O Mapa Mental não precisa ser formal ou não necessita de regras para ser construído, diferente da cartografia que necessita de regras, escala, métodos e metodologia para ser construído.

[...] o aluno precisa conhecer qual é o melhor caminho para conseguir ler o mapa e nisso ser orientado pelo professor, que lhe ensinará o alfabeto cartográfico. O aluno só lerá o mapa se for capacitado para isso; [...] o professor precisa estar bem informado quanto ao alfabeto cartográfico, pois só assim saberá transmiti-lo ao aluno. Isso diz respeito à formação dos professores e à sua capacidade para usar o mapa como meio de comunicação. Caso contrário, o mapa será usado apenas como recurso visual (SIMIELLI, 2008 apud ALMEIDA, 2008, p.89).

O Ensino de Geografia tem sofrido mudanças devido a Geografia Tradicional não conseguir atender as demandas da sociedade atual, o que dificulta a prática desta ciência no ensino escolar. Para Richter (2011), o ensino da Geografia tradicional tornou-se passageira e desnecessária, ela prejudica as práticas escolares, por isso, os mapas mentais são importantes pois:

[...] desmistifica a concepção do que o mapa é uma leitura singular, fixa e padronizada da realidade. A produção do mapa mental abre caminhos para que o aluno questione e incorpore diferentes análises da perspectiva geográfica sobre um determinado espaço (RICHTER; FARIA, 2011, p. 260).

Os mapas mentais são ferramentas que facilitam a interpretação das informações desenvolvendo o aprendizado no aluno, desse modo, é papel do professor conciliar o conhecimento empírico dos educandos aos conceitos de Geografia.

Isso deve ficar bem claro para os professores de Geografia, pois eles correm o risco de valorizar esse meio de comunicação, ou seja, correm o risco de cair no oposto extremo de valorizar somente o instrumento, o recurso, em detrimento da compreensão, do raciocínio, do pensamento [...]. Essa atitude pode levar o professor a dar aulas não mais de Geografia, mas de Cartografia, ou de mapas. Por isso, é importante que se tenha claro que o mapa pode nos auxiliar nas aulas de Geografia, quais são suas possibilidades de uso e seus limites (SOUZA; KATUTA, 2001, p.115)

Dessa forma, Oliveira (2008 apud Almeida, 2008) afirma que:

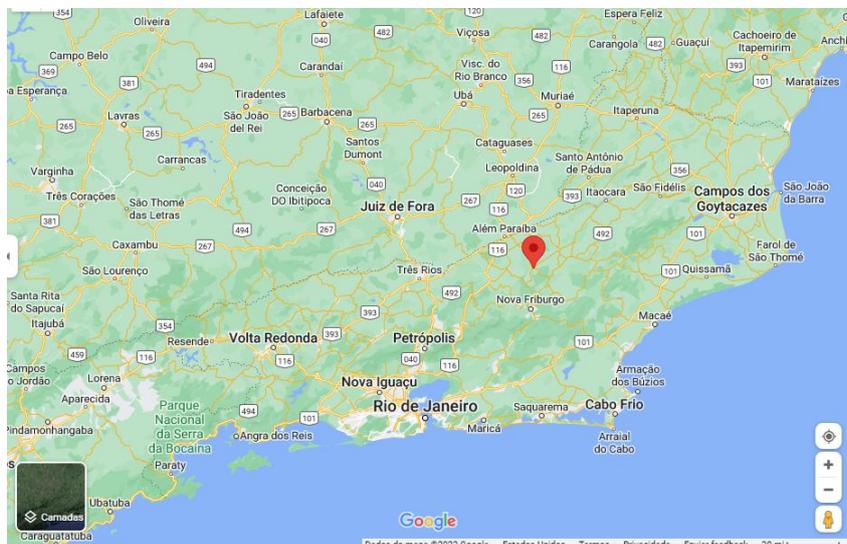
Os mapas constituem, sem dúvida, um dos mais valiosos recursos do professor de geografia. Eles ocupam um lugar definido na educação geográfica de crianças e de adolescente, integrando as atividades, áreas de estudos ou disciplinas, porque atendem a uma variedade de propósitos e são usados em quase todas as disciplinas escolares (OLIVEIRA, 2008 apud ALMEIDA, p.18-19).

Neste sentido, o uso de mapas mentais no Ensino de Geografia proporciona leitura do espaço geográfico por meio da realidade específica dos alunos e daquilo que eles conhecem sobre o espaço geográfico e a compreensão de onde se originaram seus conhecimentos, e suas representações, frutos da vivência, do senso comum.

3.1 O Município Duas Barras – RJ

Duas Barras é um dos municípios brasileiro, localizado no interior do estado do Rio de Janeiro, está a 22°03'04" de latitude sul e 42°31'18" de longitude oeste, a 530 metros de altitude (Figuras 3 e 4).

Figura 3 – Município de Duas Barra



Fonte: GOOGLE, 2022.

Figura 4 – Mapa do Município Duas Barras



Fonte: MAPAS.COM.BR, 2022.

Segundo o IBGE (2010), o município de Duas Barras foi fundado em 08 de maio de 1891, pertence a Região Serrana do Rio de Janeiro, com extensão territorial de 375, 126 km², tem uma população total de 10.930 habitantes. Com clima ameno e cercada por montanhas, a cidade apresenta topografia ideal à prática de parapente, corrida, trilhas ecológicas e pesca.

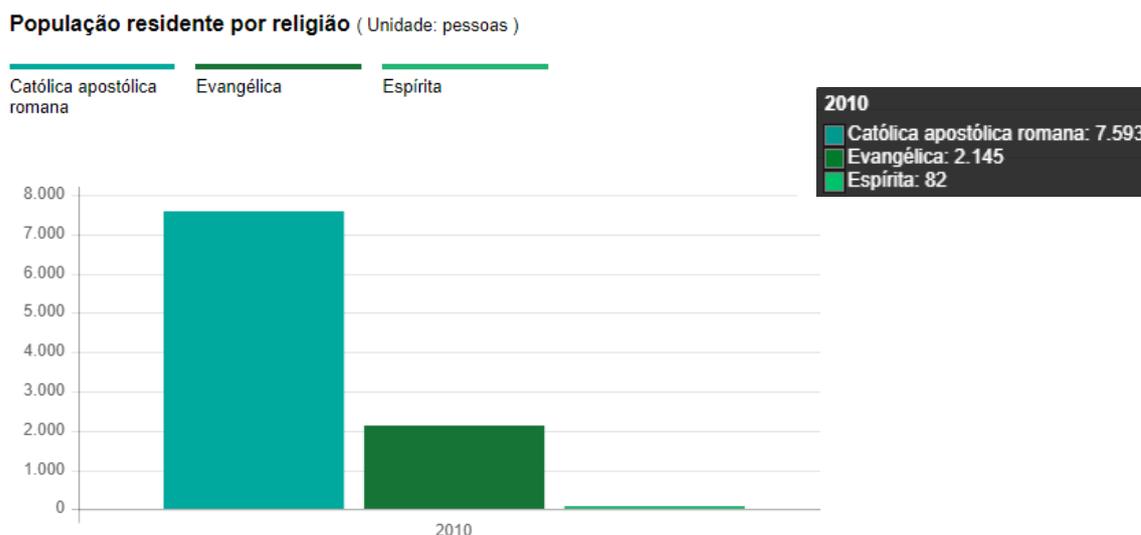
O atual Município de Duas Barras constitui-se com território desmembrado do Município de Cantagalo. O município de Duas Barras é constituído de 2 distritos: Duas Barras e Monnerat. O primeiro núcleo de população, do qual se originou o Município de Duas Barras, formou-se em princípios do século XIX, na localidade denominada "Fazenda Tapera", doada pelo Padre Francisco José de Oliveira à irmandade de Nossa Senhora da Conceição, onde os primeiros colonos ergueram uma capela dedicada à padroeira da irmandade. Tal doação ocorreu no dia 5 de dezembro de 1834 (IBGE, 2017).

O primeiro núcleo de população formou-se em princípios do século XIX, na localidade denominada Fazenda Tapera, onde foi erguida uma capela. No início, formavam a aglomeração apenas ranchos e casas de palha ou pau-a-pique, destinadas a oferecer abrigo a boiadeiros e viajantes. Em final de 1836, estando a população crescida, foi dada a seu núcleo a categoria de curato. Vinte anos mais tarde, devido ao progresso verificado na

região, muito em função da produção de café e da colonização suíça, foi a localidade elevada à categoria de freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Duas Barras do Rio Negro, tendo por sede a povoação de Tapera. Em 1891, o grau de desenvolvimento da povoação permitiu sua elevação à categoria de vila, com a criação do município de Duas Barras. A denominação de Duas Barras provém do fato de a cidade estar localizada entre as barras formadas pela junção do Rio Negro com o Rio Resende e, à frente, com o Córrego do Baú. A cidade localiza-se num sítio formado por áreas planas e vales encaixados, como os dos Rios Negro, Resende e Córrego do Baú, estando cercada por relevo acidentado (INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL, [20--]).

O Gráfico 6 demonstra, segundo o IBGE 2010, que no município de Duas Barras a população católica é de 77%, enquanto de evangélicos 22%, os outros 1% é composta por espíritas.

Gráfico 6 – População residente por religião

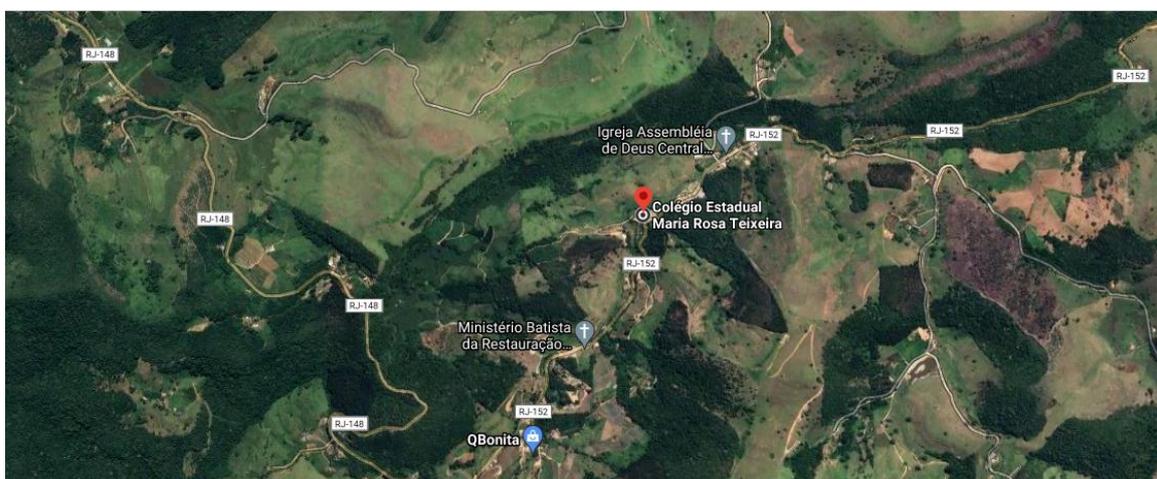
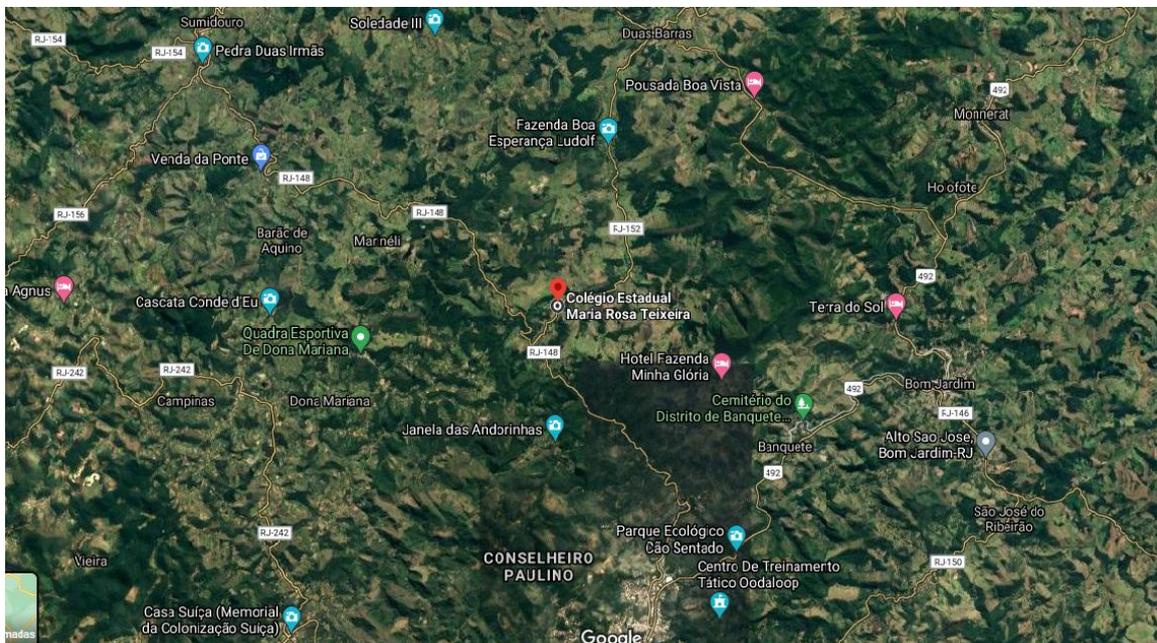


Fonte: IBGE, 2010.

No Município de Duas Barras, segundo censo de 2010, há 2.145 pessoas evangélicas. No Município Bibarrensense encontram-se aproximadamente 45 igrejas evangélicas, essas igrejas são compostas em sua maioria pentecostais e a minoria batistas renovadas.

3.2 A Escola e o Bairro

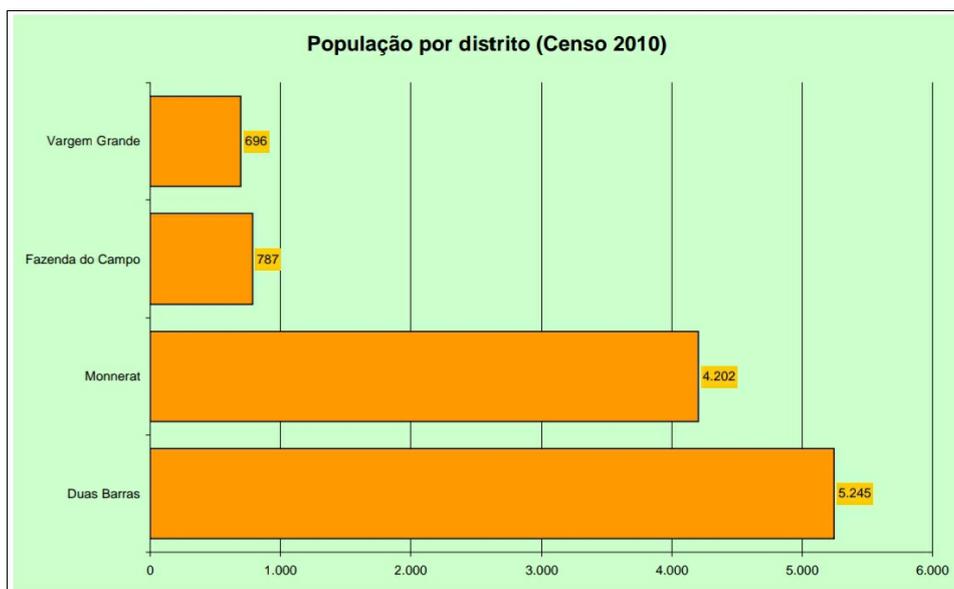
Figura 5 – Foto Georreferenciada



Fonte: GOOGLE MAPS , 2015.

A pesquisa empírica foi realizada no Colégio Estadual Maria Rosa Teixeira, localizado no Bairro Fazenda do Campo, zona rural do município de Duas Barras, Rio de Janeiro (Figura 5). A escolha pelo Colégio deu-se pela experiência no trabalho docente de geografia na referida escola, em um período de quatro anos, em que pode-se observar o grande número de igrejas evangélicas pentecostais no Bairro Fazenda do Campo, no qual a escola está inserida. A área é composta por várias fazendas e diversos tipos de plantação, desde hortaliças, fruticultura a criação de gado.

Gráfico 7 – População por distrito



Fonte: IBGE, 2010.

Conforme o Gráfico 7, os dados colhidos em 2010 pelo IBGE, Fazenda do Campo tem população de 787 habitantes e é o terceiro distrito em população de Duas Barras.

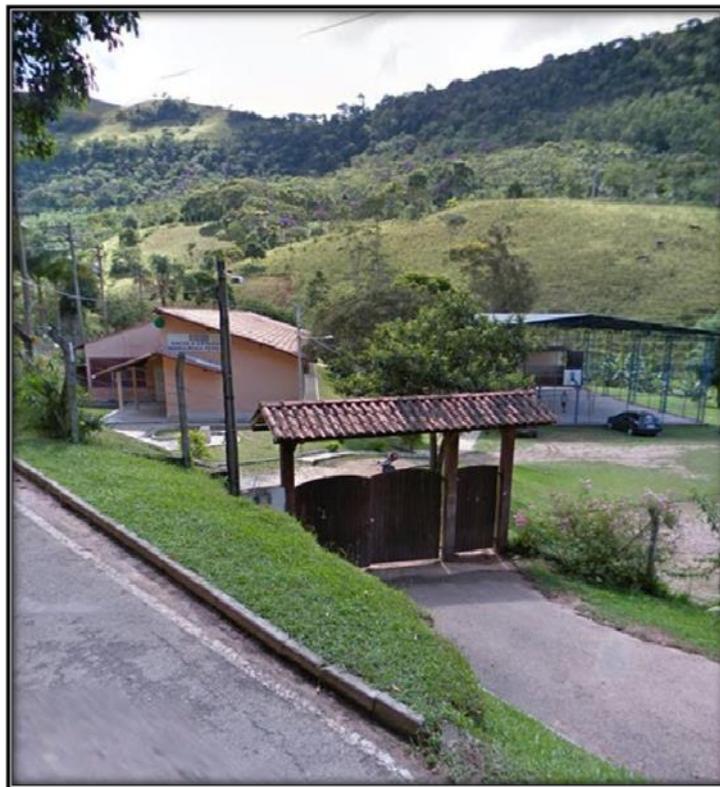
O bairro Fazenda do Campo conta com quatro igrejas evangélicas (as quatro igrejas são pentecostais) e mais um ponto de pregação na casa de um morador do bairro.

Existe uma igreja católica no bairro Fazenda do Campo, cuja presença de moradores é muito forte pela questão do acolhimento às pessoas enlutadas. Além disso, a igreja oferece sua capela, em caso de falecimento na família, e o posto de saúde está localizado em seu pátio.

3.2.1 O Colégio Estadual Maria Rosa Teixeira

O Colégio Estadual Maria Rosa Teixeira foi fundado em 3 de maio de 1950 e foi o primeiro Colégio do bairro Fazenda do Campo. Nas proximidades, há outra escola municipal que atende de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. O colégio exerce papel importante, pois emprega uma pequena parte da população local, serve de degrau para os moradores conseguirem formação, e, conseqüentemente, a possibilidade de inserção no mercado de trabalho. A escola oferece ensino de boa qualidade, sendo referência na cidade e fora dela (Figura 6).

Figura 6 – Colégio Estadual Maria Rosa Teixeira



Fonte: Direção da Escola, 2018.

A escola está localizada num vale, em área rural, cercada de montanhas e muito arborizada, porém, é de difícil acesso. O colégio possui uma horta, que é utilizada para o preparo do almoço dos alunos e funcionários. Atende aos segmentos Ensino Fundamental e Ensino Médio, nos turnos manhã e tarde. Os docentes não residem próximos à escola e os alunos são de diversas localidades da região e de municípios vizinhos. O contingente de alunos é de 150. Esse número é relevante, pois a qualidade dos processos de ensino e de aprendizagem torna-se melhor, além de facilitar a organização da escola e a proximidade da direção com a comunidade escolar. Devido essa proximidade, alguns pais de alunos que trabalham na agricultura contribuem na cultivação da horta, além de oferecer alguns alimentos que cultivam. É importante ressaltar que há também alunos que trabalham na agricultura e colaboram para o cultivo da horta no colégio.

Com relação ao ensino, a escola tem se destacado nos últimos cinco anos. Esse destaque deve-se aos resultados satisfatórios se comparados a toda Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro. Por esse motivo, o colégio recebe alunos de municípios vizinhos como Nova Friburgo e Sumidouro.

O bairro da escola é rodeado por quatro igrejas pentecostais que fazem um trabalho de retiro espiritual com jovens e adolescentes para conversão ou integração às igrejas. No bairro Fazenda do Campo estão localizadas: Igreja Batista Restauração (Figura 7), Igreja Deus é amor (Figura 8), Igreja Pentecostal Aliança com Cristo (Figura 9) e Igreja Assembleia de Deus Central (Figura 10).

Figura 7 – Igreja Batista Restauração



Fonte: A autora, 2021.

Figura 8 – Igreja Deus é amor



Fonte: A autora, 2021.

Figura 9 – Igreja Pentecostal Aliança com Cristo



Fonte: A autora, 2021.

Figura 10 – Igreja Assembleia de Deus Central



Fonte: A autora, 2020.

As Figuras 7, 8, 9 e 10 mostram as igrejas pentecostais do bairro Fazenda do Campo com população de 787 habitantes, segundo censo do IBGE 2010. Além das quatro igrejas pentecostais, há um ponto de pregação em uma fazenda de difícil acesso. Esse ponto de pregação foi criado para que moradores não se distanciem do convívio e ambiente

religioso. A frequência dessas igrejas é feita por moradores evangélicos e não evangélicos, os últimos buscam ajuda financeira e espiritual.

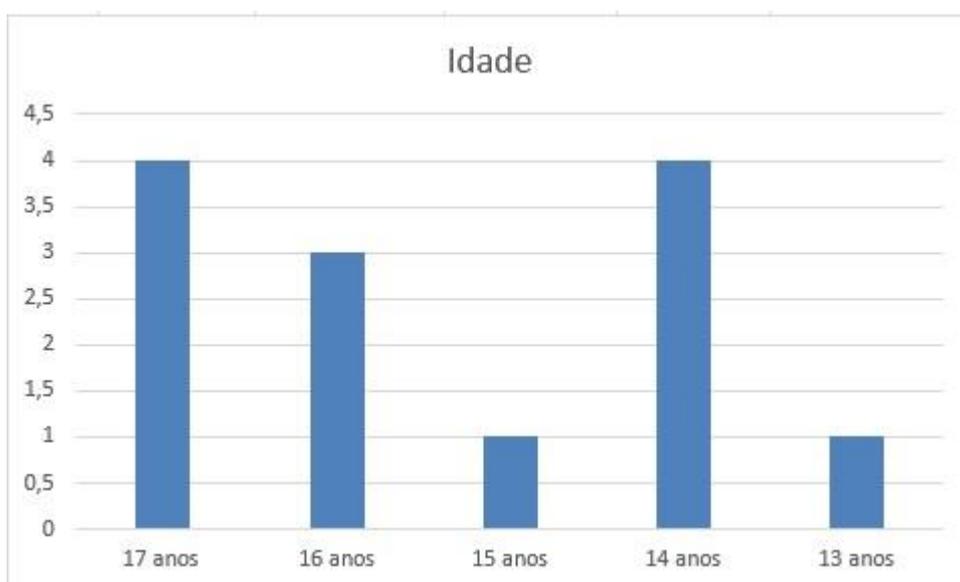
As pregações das igrejas envolvem muito otimismo, prosperidade, louvores com danças e revelações, atraindo a população local como forma de superarem suas mazelas e enfrentar os dias “atribulados”.

3.3 Depoimentos

Nesta etapa da pesquisa foram realizadas, pessoalmente, entrevistas, no período de novembro a dezembro de 2019 e setembro a novembro de 2021. Foram entrevistados 52 pessoas, 20 homens e 32 mulheres, na faixa etária de 13 a 17 anos, moradores do bairro Fazenda do Campo, Duas Barras e alunos do bairro e bairros da escola e adjacentes dos Municípios de Nova Friburgo e Sumidouro.

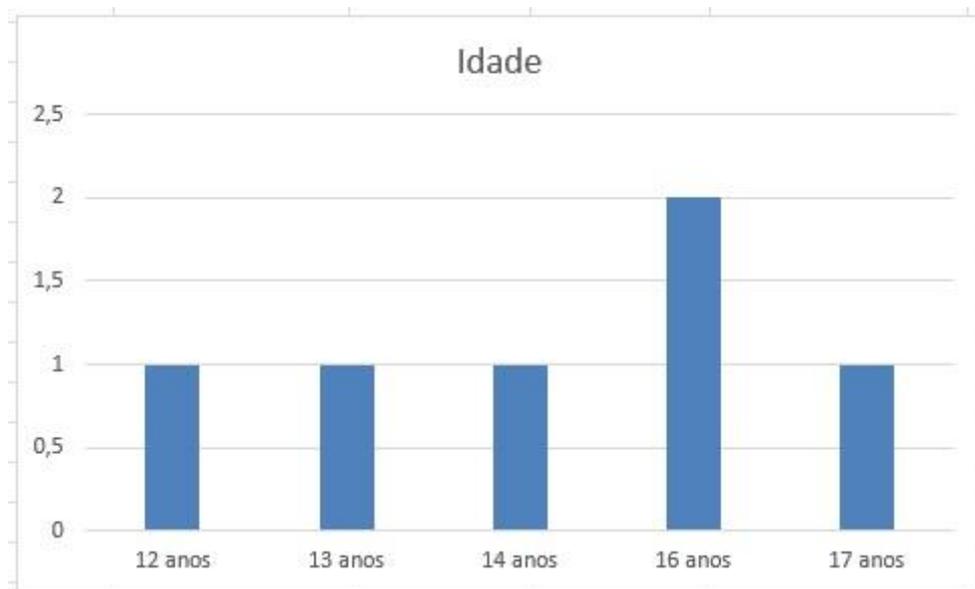
Os gráficos 8 a 17 apresentam o perfil dos estudantes que participaram dos questionários 1 e 2 (APÊNDICES A e B).

Gráfico 8 – Idade – Questionário 1



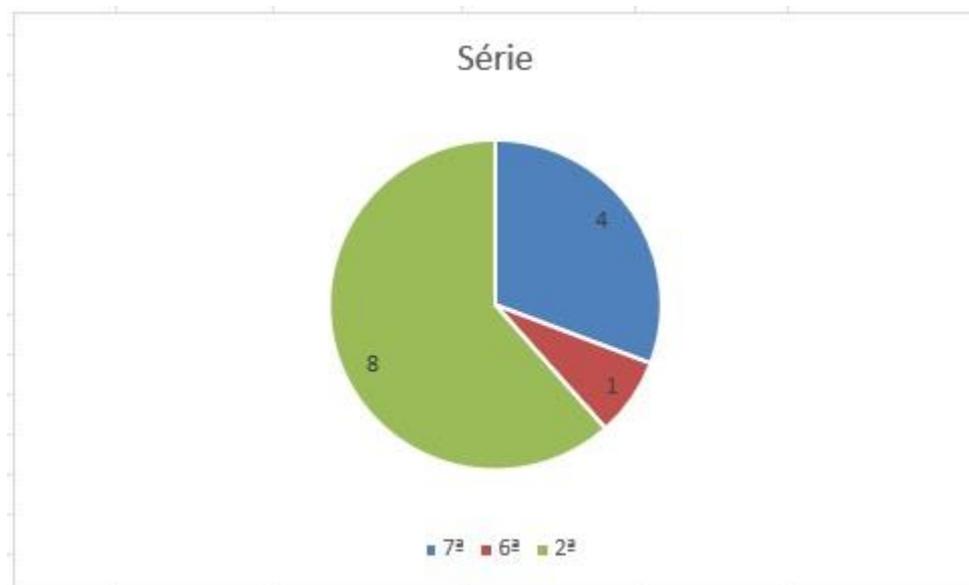
Fonte: A autora, 2022.

Gráfico 9 – Idade – Questionário 2



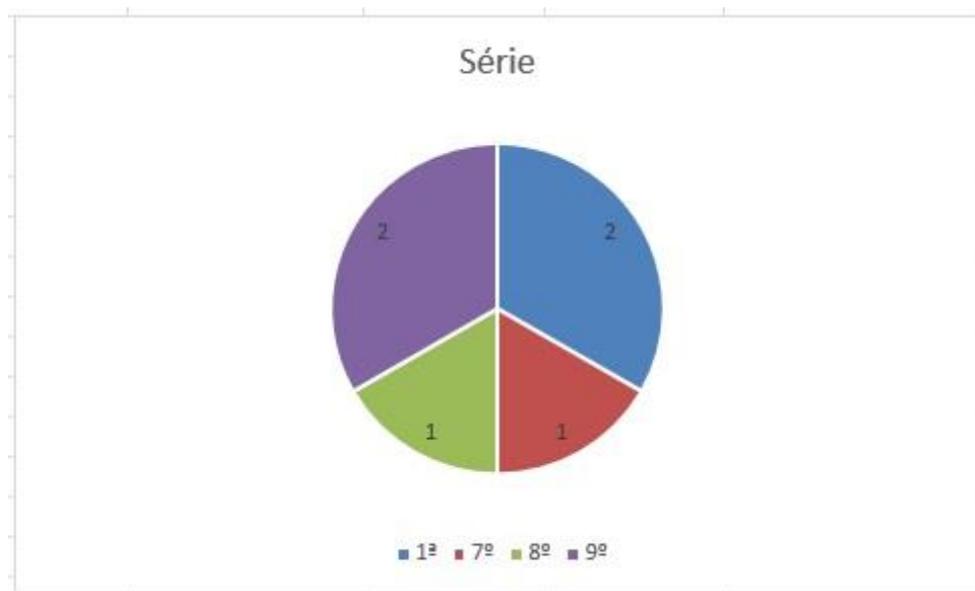
Fonte: A autora, 2022.

Gráfico 10 – Série – Questionário 1



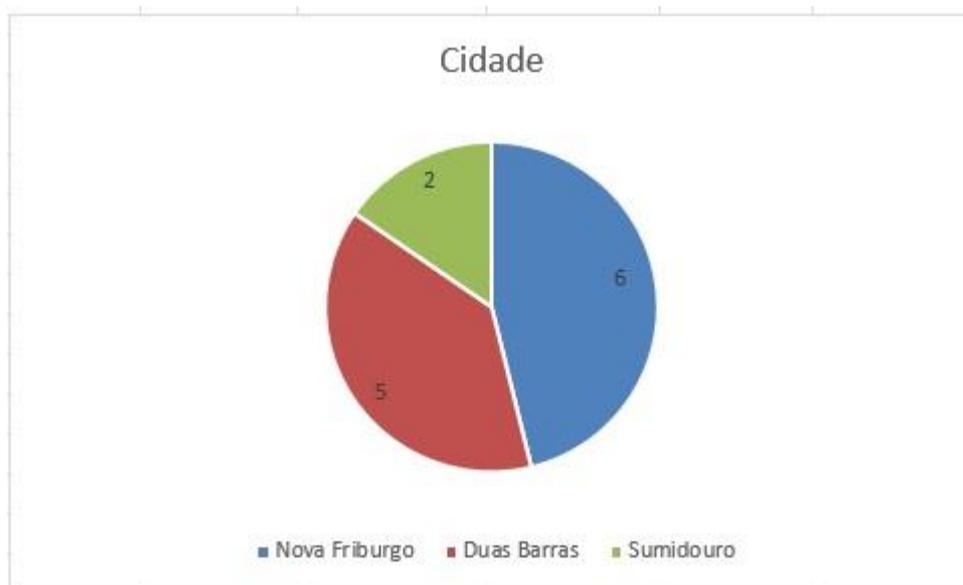
Fonte: A autora, 2022.

Gráfico 11 – Série – Questionário 2



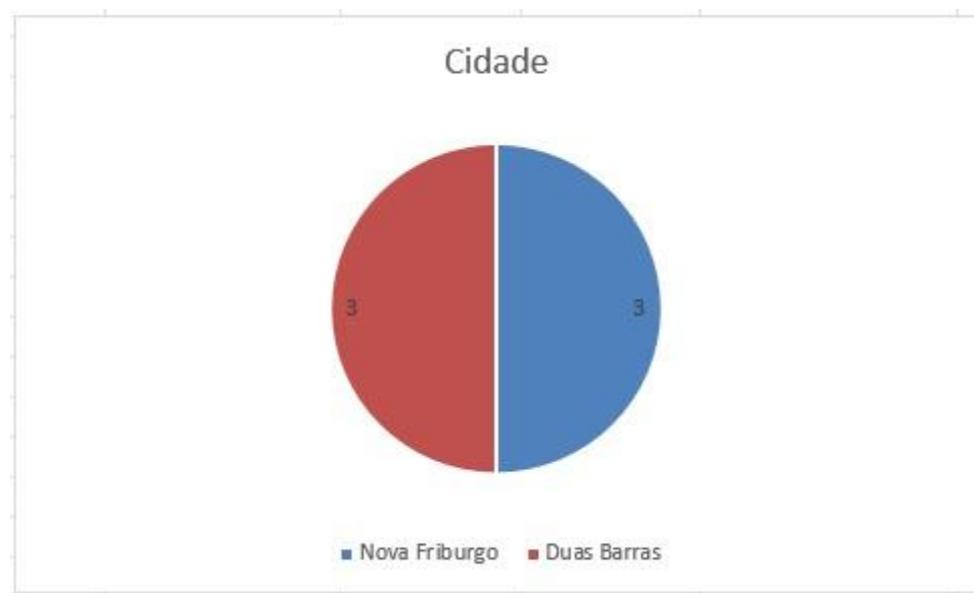
Fonte: A autora, 2022.

Gráfico 12 – Local de moradia – Questionário 1



Fonte: A autora, 2022.

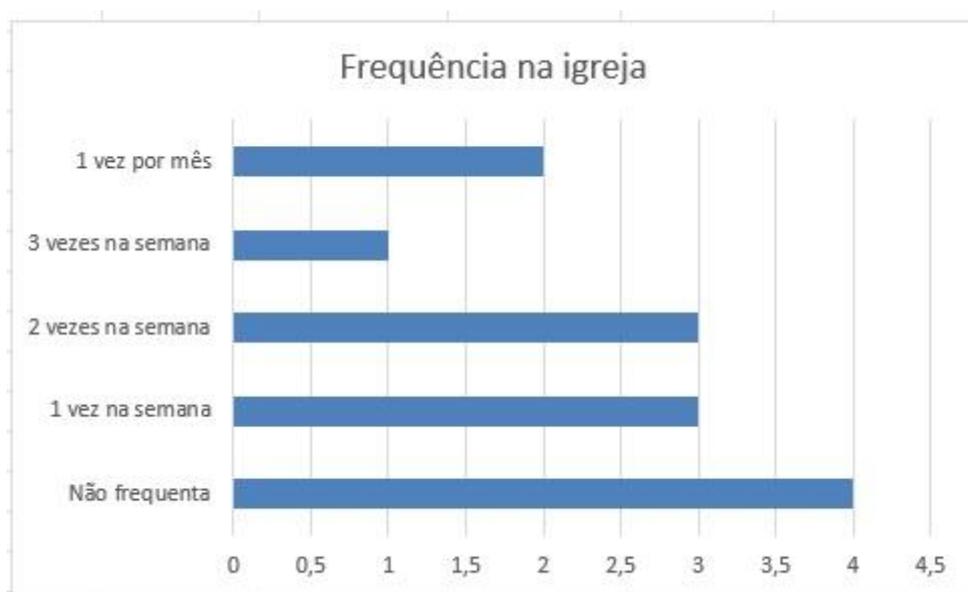
Gráfico 13 – Local de moradia – Questionário 2



Fonte: A autora, 2022.

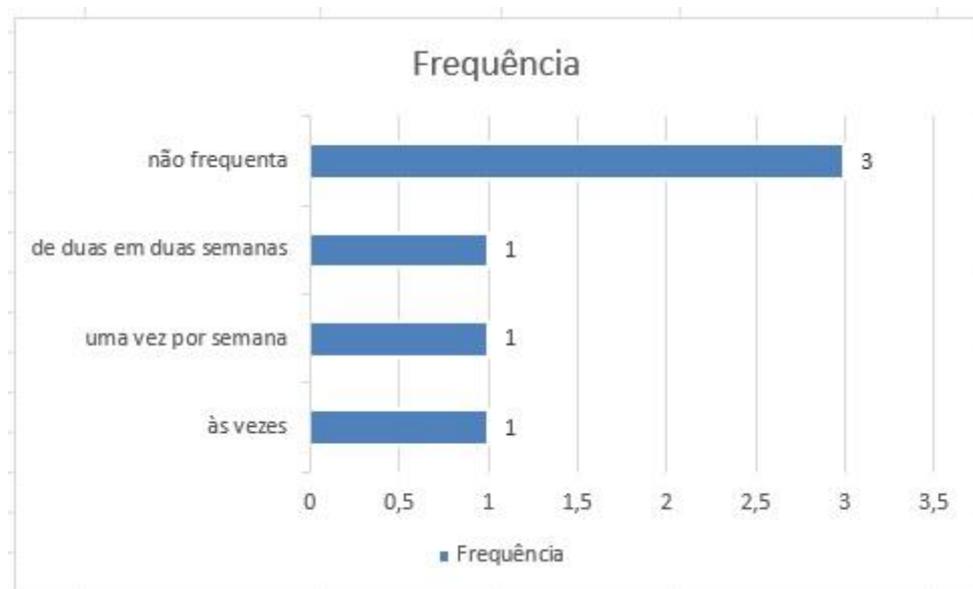
A partir dos depoimentos recolhidos (Gráficos 14,15, 16 e 17) pôde-se perceber que há um número crescente (20%) de alunos que não frequentam igreja durante sua rotina e dias livres, tanto adeptos a religião católica quanto evangélica, e a maioria dos entrevistados se declarou evangélico (42%), católico (40%) e uma menor parte dizia-se sem religião (18%).

Gráfico 14 – Frequência na igreja – Questionário 1



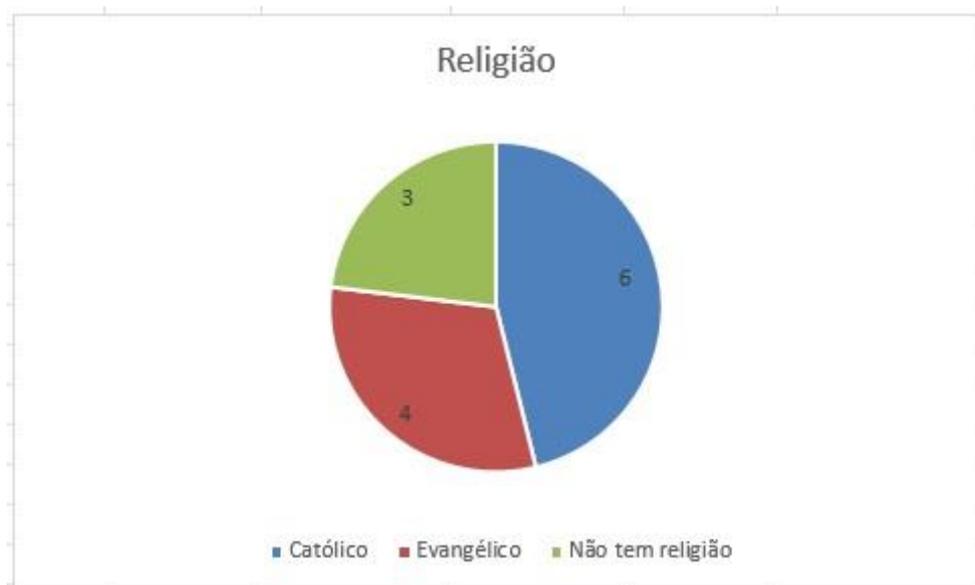
Fonte: A autora, 2022.

Gráfico 15 – Frequência na igreja – Questionário 2



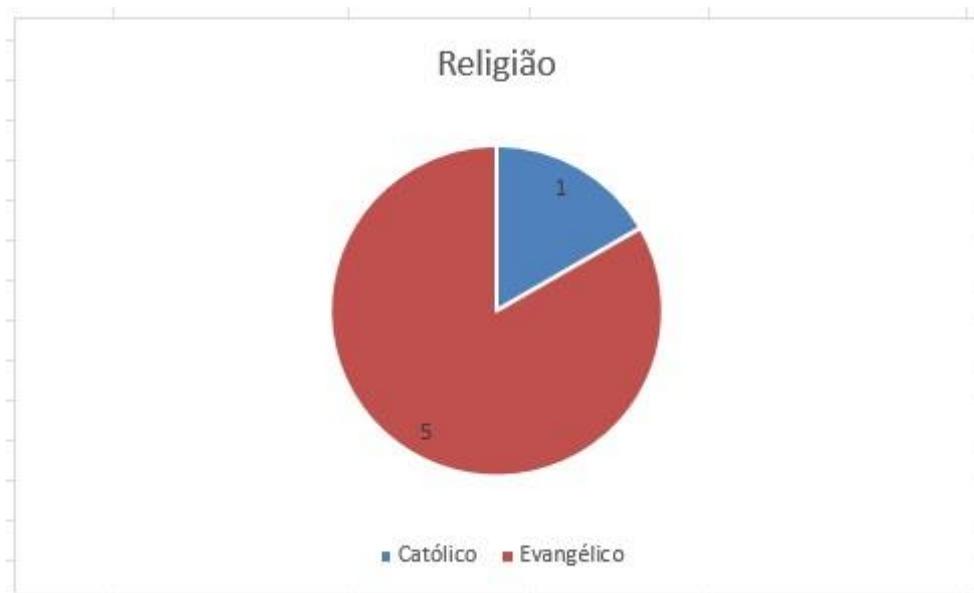
Fonte: A autora, 2022.

Gráfico 16 – Religião – Questionário 1



Fonte: A autora, 2022.

Gráfico 17 – Religião – Questionário 2



Fonte: A autora, 2022.

Observou-se ainda, por meio dos depoimentos, que alunos de religião de origem africana tinham maior dificuldade em expor ou falar de sua religião por receio a críticas de outros colegas, porém em conversa mais afastada, eles diziam frequentar os templos e explicaram como eram os rituais de sua religião.

A partir do depoimento de M.F., percebe-se a falta de interesse em frequentar a igreja e a insatisfação com a vida no campo.

Prefiro ficar em casa e assistir séries na Netflix porque é mais interessante do que escutar as mesmas coisas todo final de semana, prefiro não ter religião, aqui não tem nada pra fazer.(M.F.)

Percebeu-se também a falta de motivação para frequentar a igreja.

Além da questão religiosa, muitos alunos (80%) informaram ter vontade de mudar de cidade, devido a falta de infraestrutura da área rural de Fazenda do Campo.

“A vida em Fazenda do Campo é calma e pacata. A maioria dos moradores se conhecem desde pequenos, por conta disso quando aparece alguém desconhecido os moradores já ficam em estágio de atenção. É um lugar bem calmo, excelente para o descanso, muito diferente da correria e agitação de uma cidade. Você dorme com os sons da coruja e outros animais de vida noturna, e aproveita o lindo Céu estrelado, a lua e um legítimo ar puro. Já pela manhã a pessoa acorda com o cantar do galo e dos pássaros. Se você procura descanso esse é o lugar certo. Porém infelizmente nem tudo são flores. Não tem muitas oportunidades de emprego, por conta disso muitos moradores se deslocam para cidades ou localidades vizinhas para trabalhar, também não tem acesso a cursos e muito menos faculdades, desse modo a pessoa tem que buscar por cidades

vizinhas para se especializar e se profissionalizar. Mas no geral é um bom lugar de se viver, com boas pessoas e um ambiente bem leve e agradável” (E1)

A vida pacata, a falta de meios de transporte e de tecnologia geram inquietude em alguns entrevistados.

“O que me causa indignação a respeito do nosso bairro São estradas precárias, falta de transporte público, não possui um bom acesso a saúde e a falta de policiamento na nossa localidade” (C1)

“Então... eu acho insatisfeito é a questão de não ter uma segurança a população em relação a uma DPO ou um viatura. E sobre não ter um local de recebimento de contas, temos que nos deslocar para outro lugar para fazer os pagamentos”. (D1)

Há reclamações constantes de alunos sobre a qualidade do sinal de internet do bairro e de ter somente uma operadora telefônica com torre de celular nas proximidades.

Alguns adolescentes e jovens da escola enfrentam problemas com vícios em álcool e drogas, bem frequentes nessa região.

A partir de depoimentos de ex-alunos e moradores do bairro percebe-se que a frequência ao templo é muito importante já que a ajuda espiritual e financeira é muito importante para eles (Quadro 2).

Quadro 2 – Depoimentos de ex alunos e moradores do bairro Fazendo do Campo

Tema	Segmentos textuais
Frequência ao templo	<p><i>“É uma ótima influência, trás um bem-estar para a comunidade em que vivemos”. (M1)</i></p> <p><i>“Influência para ser um lugar abençoado. Quando alguém está passando por necessidades a igreja oferece ajuda.” (M2)</i></p> <p><i>"É uma influência muito positiva na comunidade em que vivemos, oferece ajuda material e também ajuda emocional e ajuda espiritual. Contribui para que o lugar seja um ambiente tranquilo e de paz.” (E1)</i></p> <p><i>“É algo muito positivo, que soma e ajuda muito a localidades e as pessoas.”(A1)</i></p> <p><i>“É uma benção!” (D1)</i></p> <p><i>“Na minha opinião é uma influência muito positiva e importante. Ela tem deixado bem</i></p>

	<p><i>claro a fé e a confiança que nós temos em nosso Deus. Aqui em Fazenda do Campo pessoas de outras religiões (não evangélicas), em determinadas situações em que se encontram ou que estão passando reconhece que as nossas orações têm surgido efeitos e sempre nos procuram para a nossa congregação ajudar em oração. Existe uma influência muito harmoniosa entre todos.”(D2)</i></p> <p><i>“Na minha opinião é algo maravilhoso, pois sei de muita gente que não é evangélico, mas que fala da igreja e sente vontade de ir.” (E2)</i></p> <p><i>“Na minha opinião contribui para a comunidade, pois a igreja é sempre um lugar maravilhoso para as pessoas irem.” (X1)</i></p> <p><i>“Algo bom. Positivo. Trás muitos benefícios para a comunidades.”(L1)</i></p> <p><i>“É um ambiente muito bom para a comunidade. É um lugar que é benção para a localidade e sempre que as pessoas estão passando por alguns problemas elas procuram ajuda na igreja. É um lugar de que trás refrigério para as vidas.” (E3)</i></p> <p>“</p>
--	--

Fonte: A autora, 2022.

Os depoimentos demonstram a relevância da Igreja Evangélica para alguns entrevistados, que enfatizam a importância do auxílio dessa instituição a comunidade, independentemente, da religião e crença, além de a definirem como lugar harmonioso.

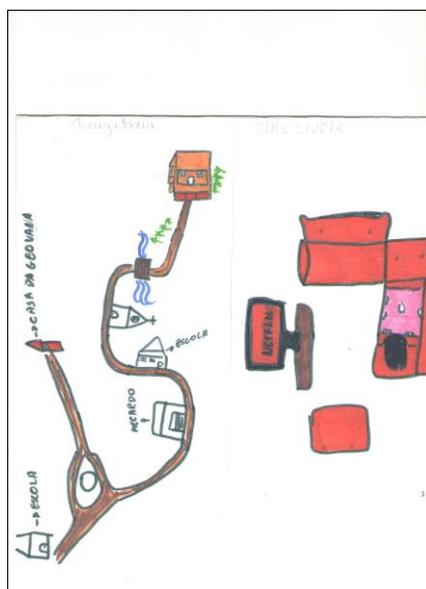
3.4 Análise dos Mapas Mentais

Inicia-se a análise pelo trajeto do Colégio Estadual Maria Rosa Teixeira. Os desenhos foram feitos por alunos das 1ª e 2ª Séries do Ensino Médio; 6º, 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental. A escolha pela faixa etária dos alunos foi necessária para mostrar a diferente percepção do lugar, paisagem e associação ao tema deste trabalho.

Para a elaboração dos mapas mentais foi solicitado aos alunos que representassem por meio do mapa mental o seu cotidiano escolar, os seus dias livres, a religião a qual pertenciam, a frequência nas igrejas e como eles observavam a influência da igreja evangélica em seu bairro ou cidade. Os mapas mentais foram usados com o intuito de apreender as percepções e as relações de identidade do trajeto que estes alunos estabelecem com o espaço proposto.

3.4.1 Mapa mental - Trajeto até a escola e dia livre

Figura 11 – Mapa mental Trajeto até a escola e dia livre – T., 17 anos, moradora de Nova Friburgo, 2019

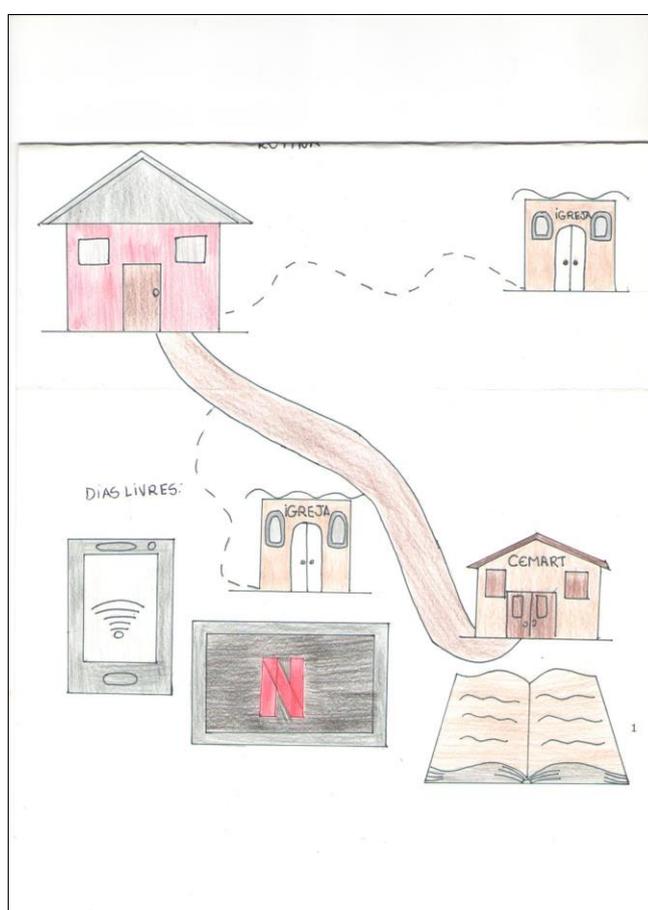


Este mapa (Figura 11) apresenta ícones durante o trajeto até a escola como as árvores, uma ponte, uma igreja, duas escolas, um mercado, uma estrada e a casa da amiga Geovana. Quatro elementos são marcantes: o distanciamento entre as casas, identificando uma área pouco habitada, o destaque em palavra do nome da Geovana indicando referência de amizade, o mercado considerado maior pela aluna e o desenho da igreja católica, apesar

de existir no trajeto algumas igrejas evangélicas. O percurso está bem delineado no desenho, demonstrando importância no caminho que a jovem percorre a pé. A área não retilínea está simbolizando relevo até a chegada a escola. Em seus dias livres assiste séries pelo Netflix.

Apesar do destaque no mapa mental ser da igreja católica, a aluna informou não ter religião e não frequentar nenhuma igreja em seus dias livres.

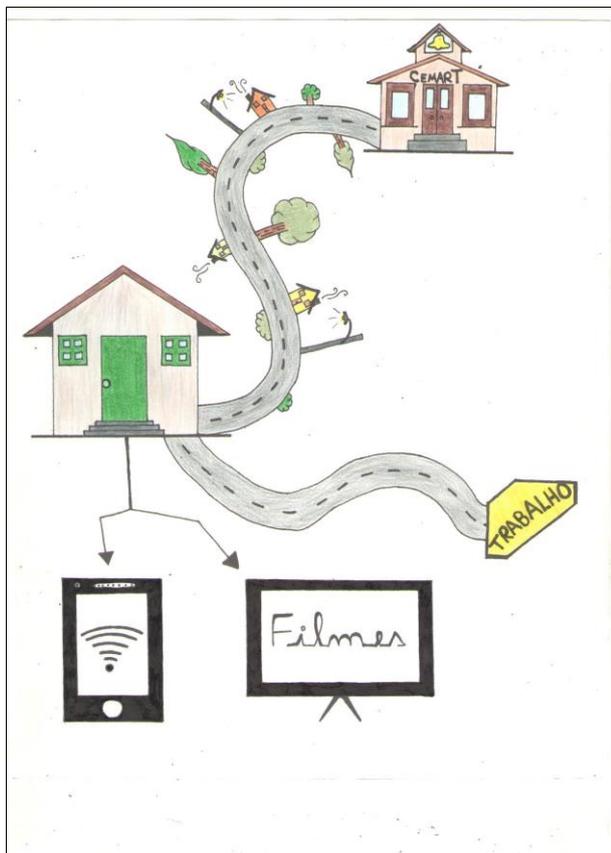
Figura 12 – Mapa mental Trajeto até a escola e dia livre – A., 17 anos, moradora de Duas Barras, 2019



Na figura 12 percebe-se que a aluna tem sua rotina bem definida. O seu trajeto está entre a casa, a igreja e a escola. Não há, em seu trajeto, nenhuma paisagem ou equipamento urbano, sinalizado por ela. Nesse caso, pode ter relação com o horário de saída de casa para ir à escola. O percurso de casa para escola está bem delineado, demonstrando importância no caminho que a jovem percorre a pé. Ela é frequentadora da Igreja Assembleia de Deus. Além de frequentar a igreja, a aluna, em seus dias livres, estuda, assiste Netflix e usa celular. Em seu mapa mental destacam-se a frequência à igreja, que

faz parte tanto da sua rotina quanto em dias livres e o seu interesse em equipamentos tecnológicos.

Figura 13 – Mapa mental Trajeto até a escola e dia livre – M., 17 anos, morador de Duas Barras, 2019

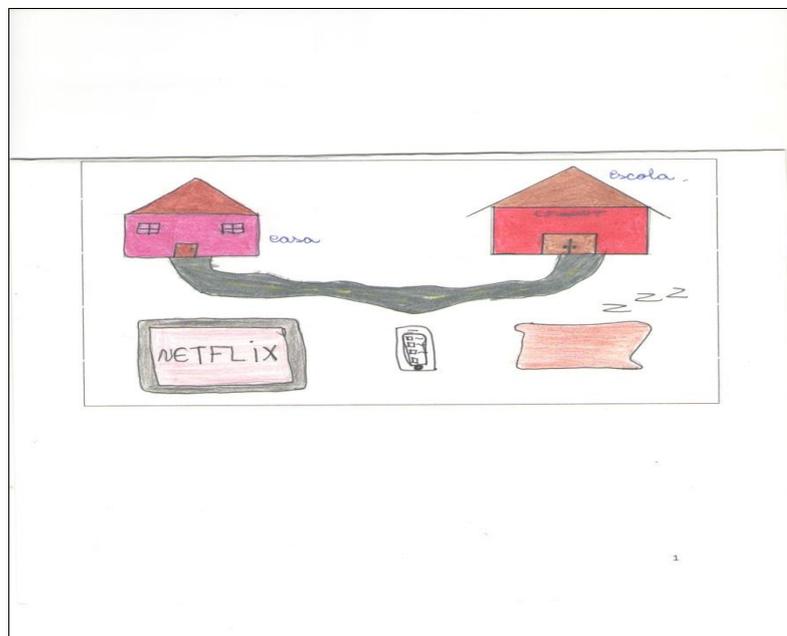


Na Figura 13, os ícones apresentados são: estradas com curvas, estrada arborizada, com casas espaçadas e postes de luz. A escola foi desenhada no topo para evidenciar o relevo de seu trajeto até a escola. Essa imagem é muito próxima com que de fato o bairro apresenta em sua geografia.

Ao observar o trajeto de casa para o trabalho percebe-se a ausência de elementos no percurso, divergindo do trajeto de casa à escola, com múltiplos elementos. Talvez essa negligência da paisagem possa significar o tédio no percurso até o trabalho e a escola significar uma melhor expectativa.

O aluno declarou ser católico e frequentar a igreja aos domingos. Entretanto, nos dias livres ele destacou ficar ao celular e assistir filmes em sua residência.

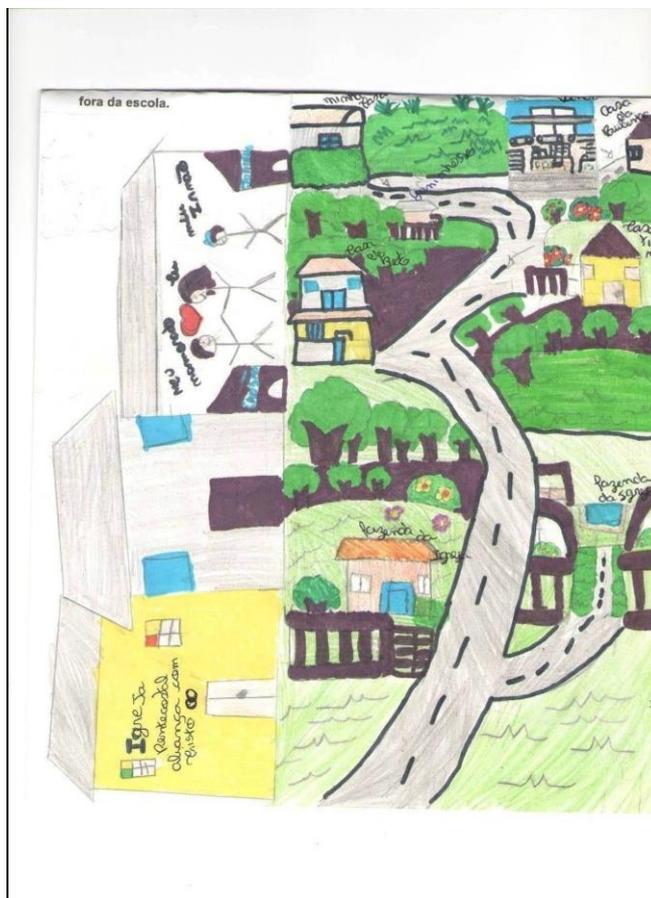
Figura 14 – Mapa mental Trajeto até a escola e dia livre – E., 15 anos, moradora de Sumidouro, 2019



Na Figura 14, o mapa foi produzido em uma estrutura retangular, realçando os elementos que possuem real valor, como sua casa e escola. Pode-se observar que o trajeto casa/escola é bem marcado e não há representação de elementos naturais.

A aluna declarou ser católica e frequentar a igreja três vezes por semana, porém não retratou, no mapa, nenhuma igreja tanto na sua rotina quanto nos seus dias livres. Nos dias livres informou gostar de desenhar e passar a maior parte do tempo assistindo filmes na Netflix, usar o celular e dormir.

Figura 15 – Mapa mental Trajeto até a escola e dia livre – FL., 15 anos, moradora de Duas Barras, 2019

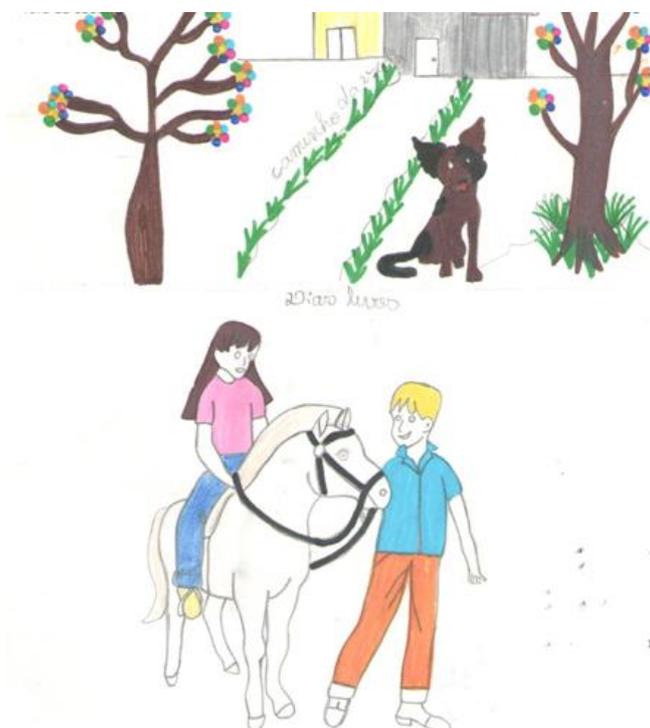


Este mapa (Figura 15) apresenta uma região muito arborizada, com grandes fazendas, inclusive a fazenda da igreja (Igreja Pentecostal Aliança com Cristo), onde a aluna é frequentadora. Além da sua casa, a aluna nomeou as casas do mapa como “casa da Paulinha”, “Casa da Tia” e “casa do Beto”. Esta é a área do bairro onde estão concentradas as “grandes” fazendas.

Em seu tempo livre, a aluna informou namorar, ficar com o seu irmão e frequentar a igreja. A aluna é evangélica. Percebe-se o grau de envolvimento emocional, dando suporte para os sentidos de lugar e pertencimento.

Destaca-se neste mapa a ausência da escola e de elementos tecnológicos.

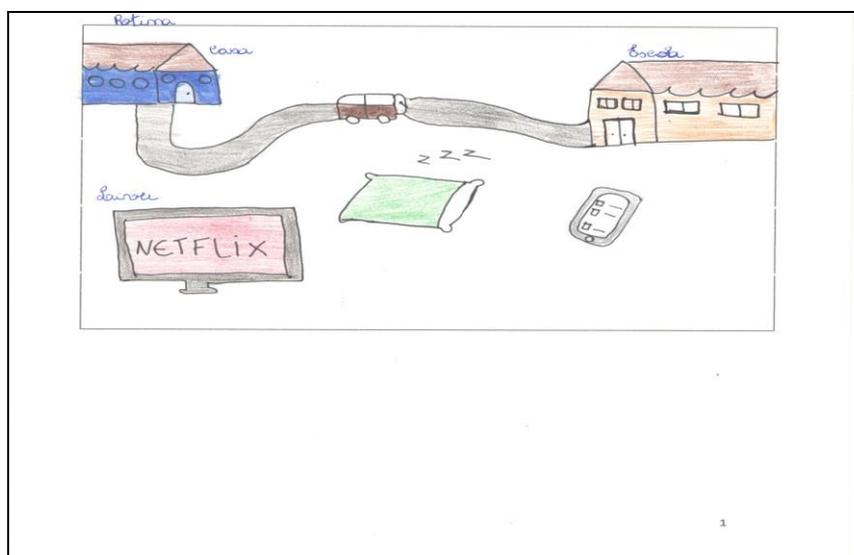
Figura 16 – Mapa mental Trajeto até a escola e dia livre – AC., 15 anos, moradora de Nova Friburgo, 2019



Este mapa (Figura 16) demonstra que o trajeto até a escola é muito arborizado. Em dias livres a aluna destacou realizar “cavaldaga” com o namorado, prática comum entre os moradores de Fazenda do Campo.

A aluna informou não possuir nenhuma religião e não frequentar igrejas.

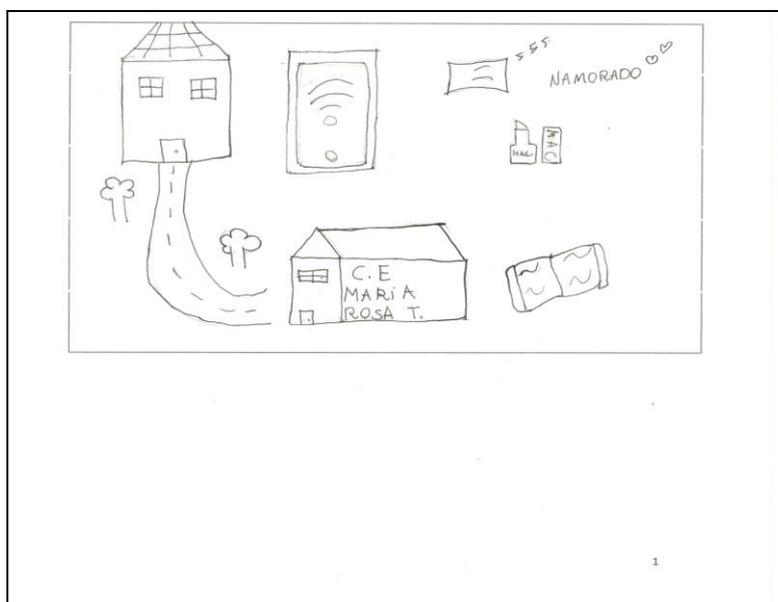
Figura 17 – Mapa mental Trajeto até a escola e dia livre – KS., 16 anos, moradora de Nova Friburgo, 2019



A Figura 17 demonstra curva acentuada ao sair de casa e o uso de ônibus para chegar à escola, já que é moradora de Nova Friburgo. Neste mapa percebe-se a ausência de paisagens naturais.

Em dias livres, a aluna gosta de assistir netflix, dormir e fazer uso do celular. Ela relatou ser católica e frequentar a igreja uma vez por mês, porém não registrou no mapa nenhum elemento religioso.

Figura 18 – Mapa mental Trajeto até a escola e dia livre – MG., 16 anos, moradora de Nova Friburgo, 2019



Neste mapa (Figura 18) há elementos da natureza, como as árvores, elementos de paisagens contruída, como casa e escola, livro e tecnologia. Destaca-se o tamanho do celular, que é equivalente ao tamanho da casa, demonstrando a importância do aparelho eletrônico na vida dessa aluna.

Nos dias livres, namora, dorme e usa maquiagens.

A aluna é católica e frequenta a igreja uma vez por mês.

Figura 19 – Mapa mental Trajeto até a escola e dia livre – VB., 14 anos, moradora de Nova Friburgo, 2019

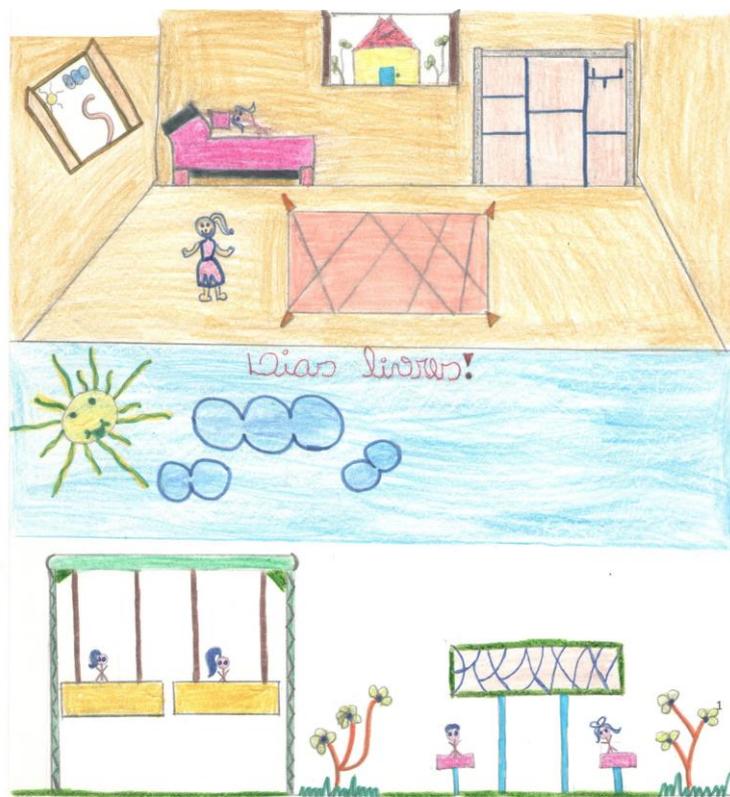


Neste mapa (Figura 19) a aluna demonstra seu quarto com a luz acesa, retratando ainda estar escuro, e pela janela o sol aparecendo timidamente. Ainda deitada, ela revela ter dificuldade para sair da cama. Na trajetória, a aluna descreve o percurso até a escola com o sol maior, já que está mais claro e a estrada desenhada em “pé” em volta de montanhas, para informar que existe um aclive até chegar a escola.

Nos dias livres, aproveita para comer (hambúrguer, refrigerantes...) como recompensa do sacrifício semanal.

A aluna revela ser católica praticante e frequenta a igreja aos domingos.

Figura 20 – Mapa mental Trajeto até a escola e dia livre – GL., 13 anos, moradora de Duas Barras, 2019

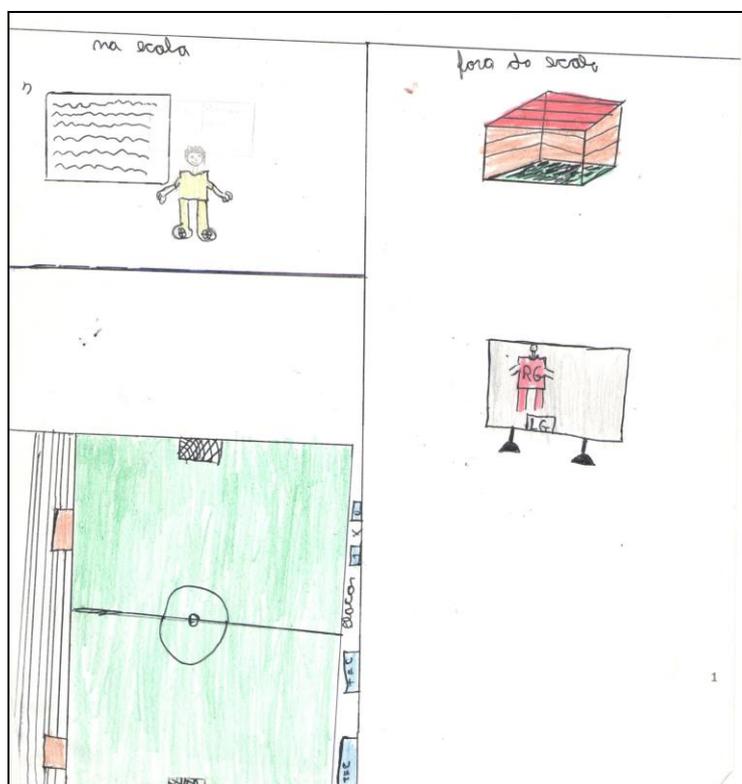


Este mapa (Figura 20) é muito colorido, demonstrando entusiasmo ao retratar seu cotidiano e dias livres. A aluna, inicialmente, desenhou sua preparação, no seu quarto, para ir à escola. Em seguida, levanta da cama, se arruma e vai à escola feliz. Ela destaca a paisagem vista da janela do seu quarto.

Nos dias livres, mostra os dias ensolarados, balanços, amigos e jardim.

A aluna, em entrevista, professa ser evangélica batista e frequenta a igreja aos domingos.

Figura 21 – Mapa mental Trajeto até a escola e dia livre – BM., 14 anos, moradora de Duas Barras, 2019



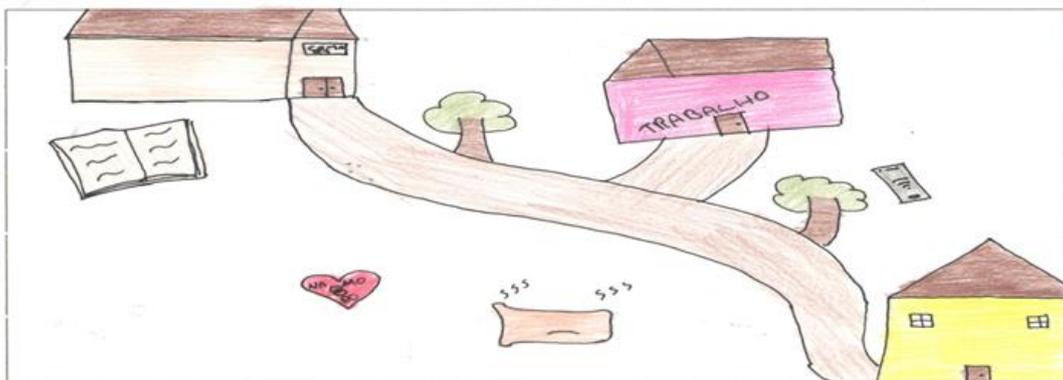
Na Figura 21, a escola está representada pelo professor ao lado de um quadro.

O aluno retrata seu local de trabalho, a partir do desenho de uma estufa, pois na região onde ele mora é forte o cultivo das hortaliças.

Nos dias livres assiste televisão e joga futebol.

O aluno informa protestante da Assembléia de Deus e frequentar a igreja durante a semana e finais de semana, mas não retrata no mapa.

Figura 22 – Mapa mental Trajeto até a escola e dia livre – LJ., 16 anos, moradora de Sumidouro, 2019

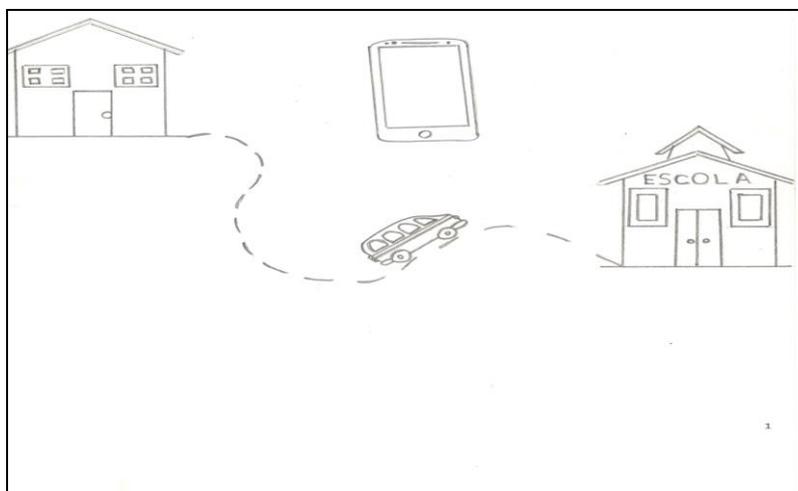


Este mapa (Figura 22) apresenta elementos da paisagem natural (árvores), elementos da paisagem construída (casa, escola e empresa) e tecnologia (celular). Observa-se que a aluna posiciona seu local de trabalho entre a escola e sua casa, como uma demonstração de que após a escola, vai para o trabalho. Como o celular não pode ser usado com frequência no trabalho, a sua representação está num tamanho menor e próximo a sua casa, que é o local que mais o utiliza.

O desenho de um coração representa o seu namorado, que é visto nos dias livres. Além disso, a aluna dorme mais nesses dias.

A aluna declara não ter nenhuma religião e não frequentar nenhuma igreja.

Figura 23 – Mapa mental Trajeto até a escola e dia livre – LB., 17 anos, moradora de Nova Friburgo, 2019



Este mapa (Figura 23) retrata o cotidiano, utilizando elementos de paisagem natural, construída e tecnológica. Nota-se que o celular está em destaque para expressar a importância do aparelho no seu cotidiano. Ela desenha o ônibus escolar em direção a escola e evidencia a estrada com subidas e descidas para mostrar os aclives e declives do percurso até a escola.

Observa-se a ausência da representação dos dias livres.

A aluna é católica, mas não frequenta a igreja.

3.4. 2 Ícones representados nos mapas mentais

Os elementos encontrados nos mapas mentais foram divididos conforme metodologia definida e foram apresentados no Quadro 3.

Quadro 3 – Especificidades dos ícones representados nos mapas mentais

CATEGORIAS	TOTAL
Elementos de paisagem natural	
Árvores	8 (Figuras 1, 3, 5, 6, 8, 9, 10 e 12)
Animais	1 (Figura 6)
Sol	2 (Figuras 9 e 10)
Nuvem	1 (Figura 10)
Flores	1 (Figura 10)
Elementos de paisagem construída	
Escola	9 (Figuras 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 12 e 13)
Casas	11 (Figuras 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12 e 13)
Mercado	1 (Figura 1)
Igreja	3 (Figuras 1, 2, 5)
Ponte	1 (Figura 1)
Postes de luz	1 (Figura 3)
Empresa	2 (Figura 3 e 12)
Cercas	1 (Figura 5)
Fazenda	1 (Figura 5)
Janela	1 (Figura 9 e 10)
Campo de futebol	1 (Figura 11)
Elementos humanos	
Mulher	4 (Figura 1, 5, 6 e 9)
Criança	1 (Figura 5)
Homem	4 (Figura 5, 6, 8 e 12)
Amigos	3 (Figuras 1, 5 e 10)
Professor	1 (Figura 11)
Elementos móveis	

Ônibus	2 (Figura 7 e 13)
Elemento de tecnologia	
Televisão	6 (Figuras 1, 2, 3, 4, 7 e 11)
Celular	7 (Figuras 1, 2, 3, 4, 7, 8 e 12)
Elementos acessórios	
livro	3 (Figuras 2, 8 e 12)
travesseiro	4 (Figuras 4, 7, 8 e 12)
luminária	1 (Figura 9)
hambúrguer	1 (Figura 9)
refrigerantes	1 (Figura 9)
balanço	1 (Figura 10)
cama	1 (Figura 10)
quadro	1 (Figura 11)
estufa	1 (Figura 11)

Fonte: A autora, 2020.

Os mapas revelaram muitos pontos em comum, sendo a árvore o elemento natural mais citado, correspondendo a ruralidade a qual pertence o bairro.

Quanto aos elementos de paisagem construída observou-se que casas, escolas e igrejas foram os mais apresentados. Observou-se que a igreja foi representada somente em 3 mapas, mesmo alguns alunos tendo informado serem religiosos. Além disso, os mapas foram utilizados como forma dos alunos associarem a igreja ao seu cotidiano ou dias livres, porém muitos deles em entrevista afirmaram não frequentar as igrejas.

Em relação ao elemento humano, a mulher foi o ícone mais representado, já que a maioria do perfil de entrevistados foi feminino. Ainda neste elemento observou-se a importância do namorado para algumas entrevistadas.

O ônibus foi o único elemento móvel apresentado nos mapas.

Já os elementos de tecnologia, como a televisão e o celular, têm representado parte da ocupação do tempo livre da maioria dos alunos. Observou-se que alunos que não deram importância aos eletrônicos apresentaram mapas mais coloridos e a paisagem foi elaborada com mais detalhes.

Dentre o elenco dos elementos acessórios, o travesseiro, ícone relacionado à dormir, foi o mais apresentado nos mapas.

O Quadro 4 demonstra que a paisagem construída foi a mais citada.

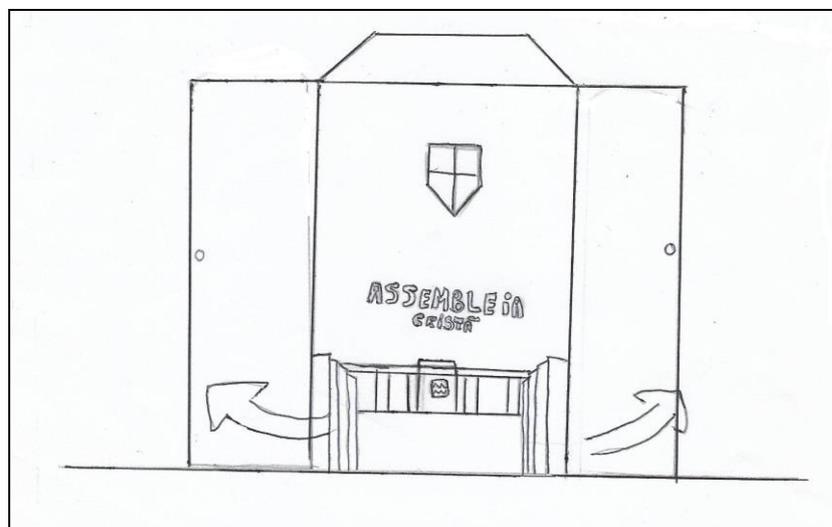
Quadro 4 – Total de categorias elencadas

ELEMENTOS	QUANTIDADE
Paisagem natural	13
Paisagem construída	32
Humanos	13
Móveis	2
Tecnologia	13
Acessórios	14

3.4.3 Mapa mental - a igreja evangélica no bairro Fazenda do Campo sob a ótica dos alunos Colégio Estadual Maria Rosa Teixeira

Nesta etapa, foi solicitado aos alunos que representassem, por meio de mapas mentais, uma referência que eles têm da igreja de seu bairro, a religião a qual pertencem e a frequência na igreja.

Figura 24 – MS, 14 anos, morador de Nova Friburgo, 2021



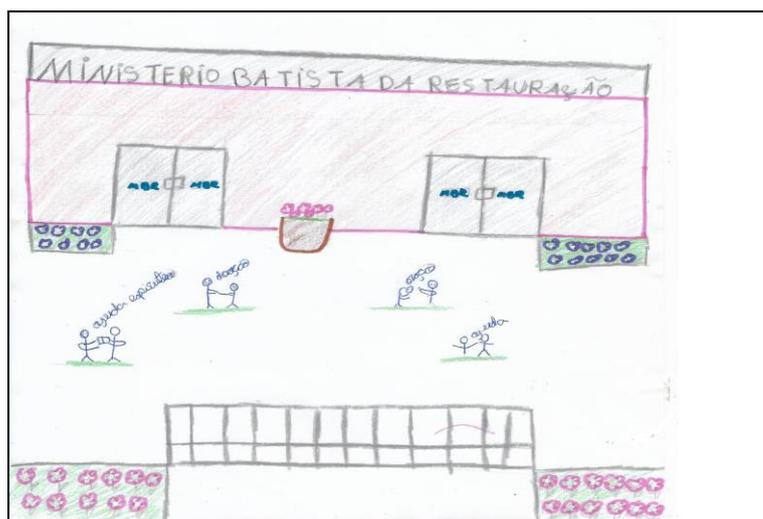
A Figura 24 representa a igreja Assembleia Cristã. Nota-se, por meio do mapa, que a igreja está com as portas abertas, significando acolhimento à comunidade. O aluno informou ser evangélico, mas no momento não está frequentando nenhuma igreja, porém tem o hábito de visitar igrejas evangélicas. Ele revelou que sua frequência à igreja aumentou na pandemia, pois sentia que a igreja era um local mais seguro.

Figura 25 – LF, 16 anos, morador de Nova Friburgo, 2021



A Figura 25 apresenta a igreja Assembleia de Deus, o aluno retrata neste mapa o cumprimento “paz de Deus”, que também significa um convite para quem passa na rua entrar. O arco no desenho da igreja, que não possui porta, é para expressar a receptividade da igreja a qualquer pessoa. O aluno diz ser da religião católica, mas não é frequentador assíduo.

Figura 26 – SV., 16 anos, moradora de Duas Barras, 2021



Este mapa (Figura 26) apresenta a igreja Batista Restauração. Observa-se que no portal de entrada da igreja, há membros da igreja recepcionando as pessoas e oferecendo ajuda a elas, seja ajuda espiritual, doação ou oração. Cada ajuda tem uma ilustração, na

ajuda espiritual a bíblia, na oração o indivíduo está abatido e na ajuda o outro o recebe com alegria. Essas informações exemplificam o trabalho da igreja evangélica na visão do aluno.

Figura 27 – AL, 13 anos, moradora de Duas Barras, 2021



Há, neste mapa (Figura 27), o desenho de uma caixa grande com brinquedos, que serão doados as crianças. Esse tipo de ação é característica de igrejas pentecostais que ficam abertas durante toda a semana com uma caixa próxima a entrada de seu templo para receber a população que passa na rua e necessita de algo.

A aluna é evangélica, da igreja Batista Gileade em Duas Barras-RJ, e informou frequentar a igreja todos os domingos.

Figura 28 – GD, 12 anos, moradora de Nova Friburgo, 2021



A Figura 28 apresenta uma igreja, que ao final dela há uma escada que “leva direto ao céu”. Essa é uma expressão muito usada pelas igrejas pentecostais para incentivar as pessoas a frequentarem a igreja. Já como “ameaça” aos que não se convertem, a igreja usa a expressão “eles vão para o inferno”. Para essa aluna, esse é o principal significado da igreja.

A aluna informou ser evangélica da Congregação Cristã no Brasil e frequentar a igreja apenas uma vez por semana, devido a pandemia.

Figura 29 – RC, 17 anos, 8º Ano do Colégio Estadual Maria Rosa Teixeira, 2021)



Neste mapa (Figura 29), o aluno representou a receptividade de membros da igreja ao convidar passageiros da rua para louvar a Deus, demonstrando que essa é uma característica dos membros dessa igreja. Em igrejas pentecostais há membros que “trabalham” durante os cultos nessa função e em outras, com o objetivo de aumentar o número de fiéis. O aluno se declara evangélico da Assembleia de Deus e frequenta duas vezes por semana sua igreja.

O Quadro 5 apresenta quais Igrejas foram citadas pelos entrevistados por meio dos mapas, sendo que a Igreja Assembleia de Deus foi citada duas vezes (33%) pelos participantes e foi possível verificar que há participação de católicos nessa Igreja.

Em relação a frequência dos participantes, nas igrejas, nota-se que a maior parte (66%) dos entrevistados são frequentadores assíduos. Porém, na sociedade pós-moderna há

reflexos de isolamento social provocado por redes sociais, internet e demais equipamentos tecnológicos, tendo como resultado a diminuição da frequência aos templos.

Quadro 5 - A igreja de seu bairro, a religião a qual pertencem e a frequência na igreja

Igreja	Frequência	Religião
Igreja Assembleia Cristã	Não está frequentando nenhuma igreja	Evangélico
Igreja Assembleia de Deus	Não é frequentador assíduo	Católica
Igreja Batista Restauração	-	-
Igreja Batista Gileade (Duas Barras)	Todos os domingos	Evangélico
Congregação Cristã no Brasil	Uma vez por semana	Evangélica
Assembleia de Deus	Duas vezes por semana	Evangélico

Fonte: A autora, 2022.

O significado dado ao bairro através dos mapas mentais possibilita o reconhecimento de suas qualidades. No caso das imagens selecionadas e analisadas foi possível perceber que os adolescentes que utilizam mais vezes o celular não observaram detalhes da estrutura do bairro, ou seja, não reconheceram os elementos inanimados, as formas e limites. Assim como, os seus marcos históricos e pontos centrais, tais como ruas, acessos em geral, vias expressas, equipamentos comunitários, estabelecimentos comerciais, de saúde, dentre outros, que ficam bem próximos a escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objeto de estudo o Colégio Maria Rosa Teixeira, no Bairro Fazenda do Campo, Duas Barras-RJ. A pesquisa buscou entender a atual configuração religiosa no Brasil, que é o aumento dos evangélicos pentecostais ao longo dos anos no país. Para tanto, o primeiro capítulo apresentou levantamento sobre o crescimento dos evangélicos no Brasil, com dados do IBGE, realizado em 2010, dados também do Instituto Internacional Pew Research Center, que mostra um crescimento dos pentecostais na América Latina e um crescimento dos chamados “sem religião”, a partir de levantamento realizado em 2014 e uma projeção feita em 2020 pelo Instituto de Pesquisa Datafolha, confirmando o contínuo aumento dos pentecostais no Brasil e mudança na configuração religiosa do país.

Na segunda parte, a pesquisa trouxe um importante desdobramento da adaptação das igrejas pentecostais ao mundo contemporâneo, a partir do estudo bibliográfico sobre a estratégia dos evangélicos, sobretudo os pentecostais, na expansão territorial de suas igrejas, na veiculação e propagação do evangelho e suas doutrinas através das mídias: rádio, TV, internet e redes sociais, com isso, foi possível observar como os pentecostais ganharam força na década de 1990 e conseguiram se adaptar aos novos meios de comunicação para assim obter um maior número de seguidores e “colaboradores da fé” conquistando a classe média baixa, com a promessa e o discurso da prosperidade tão em voga nas igrejas pentecostais.

A terceira parte desta dissertação buscou apresentar essa realidade, a nova configuração religiosa e a estratégia das pentecostais na expansão territorial de suas igrejas, investigando os alunos do Colégio Estadual Maria Rosa Teixeira e a comunidade ao redor da escola, no bairro Fazenda do Campo, que constituem a análise dessa pesquisa.

Foi possível verificar, em Duas Barras, o aumento da expansão territorial das igrejas e a mudança na atual configuração religiosa do país, por meio do trabalho de campo, realizado a partir de entrevistas, mapas mentais e dados estatísticos em um recorte territorial realizado no Colégio Estadual Maria Rosa Teixeira, localizado no bairro de Fazenda do Campo, Duas Barras-RJ.

O trabalho a campo, além de fortalecer o discurso contemporâneo a partir do conhecimento Geográfico, proporcionou conhecimento maior da área estudada, dos alunos, da vizinhança próxima à escola e da importância da Igreja para o bairro e moradores, que

apesar da expansão das igrejas pentecostais no bairro, ainda possui forte referencial com a Igreja católica do bairro. Destaca-se na pesquisa de campo que durante a pandemia os templos passaram a ser mais frequentados. Não é demais lembrar a experiência da autora, como professora de Geografia da escola durante quatro anos e moradora do bairro em questão em um período de um ano.

A coleta de dados realizada no Colégio Estadual Maria Rosa Teixeira pode contribuir para novas pesquisas científicas, tanto para a Geografia das religiões quanto para o campo geográfico como um todo. As vivências do lugar possibilitaram a elaboração dos mapas mentais e entrevistas, ferramentas que foram utilizadas nesta pesquisa. Essa vivência trazida pelos alunos, assim como suas percepções proporcionaram por meio das análises realizadas algumas considerações sobre importância e influência da religiosidade pentecosta na escala cotidiana. A sociedade moderna trouxe com ela realidades de sofrimento e insegurança, tanto em grandes centros quanto em cidades médias e pequenas e aglomerados urbanos. Os resultados apresentados nos mapas mentais e nas entrevistas demonstraram que essas igrejas oferecem espaços de solidariedade e acolhimento, proporcionando aos seus participantes um forte senso de dignidade, além de atender às necessidades materiais e imateriais em certa medida.

A dignidade é tão importante para a humanidade, que é um dos pilares do Estado Democrático de Direito, sendo o princípio da dignidade da pessoa humana, constante no artigo 1º, III da Constituição Federal de 1988. E as igrejas pentecostais, na atualidade, parecem se constituir como espaços de construção de dignidade.

Por meio dos mapas mentais e depoimentos foi possível observar, também, a forte influência dos líderes religiosos pentecostais, principalmente da Igreja Assembleia de Deus, no âmbito cultural e político. Essas “igrejas” usam em seus discursos e pregações o elemento moral, que pesa em momentos decisórios. Muitas “Igrejas” fazem uso desse meio para influenciar seus participantes na decisão de voto, por exemplo. Já que muitos eleitores pentecostais não buscam muita informação sobre política, portanto, a “Igreja” e seus líderes religiosos acabam sendo as suas principais fontes de informação.

Outro importante resultado da pesquisa realizada refere-se à relação da configuração espacial e suas características rurais ao comportamento sócio cultural dos moradores. No bairro em questão, a quantidade de igrejas pentecostais instaladas demonstra a preocupação dessas igrejas em oferecer aos moradores um cotidiano religioso, uma vez que trata-se de um local de difícil acesso e isolados, principalmente, em períodos chuvosos. Isso pode ser percebido a partir dos mapas mentais dos adolescentes da escola,

que apresentaram esse processo de influência das igrejas pentecostais e sua visão a respeito delas.

Dessa forma, nota-se que as Igrejas Pentecostais possuem também forte influência no campo cultural, já que seus seguidores tendem a respeitar as suas diretrizes. Possivelmente, em função da importância das igrejas pentecostais no cotidiano do bairro, a tendência parece ser o fortalecimento dessa religiosidade na população local. Esta pesquisa apresenta limitações, mas há motivação para continuar e ampliar o presente estudo, devido a relevância do tema para o campo científico geográfico.

REFERÊNCIAS

- ABREU, N.S. **Magia neopentecostal e "espírito" neoliberal**. 2017. 130f. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.
- ALMEIDA, R. D. de (Org.). **Cartografia escolar**. São Paulo: Contexto, 2008.
- ALMEIDA, R. Religião na metrópole paulista. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 19, n.56, p. 15-27, 2004.
- ALMEIDA, R; MONTEIRO, P. Trânsito religioso no Brasil. **Revista São Paulo em Perspectiva**, v.3, n.15, p.92-101, 2001.
- ALVES, E. B. **O Bairro do Caju: A Construção De Uma Periferia Empobrecida**. 2007, 130 f. Dissertação de Mestrado em Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geociências, Rio de Janeiro, 2007.
- ALVES, J. E. D. et al. Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil. **Tempo Social**,v.29, n. 2, p. 215-242, 2017.
- ALVES, R. **O Enigma da Religião**. São Paulo: Papirus, 1984.
- ALVES, R. **O que é Religião?** 15. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- ALVES, J. E. D.. Transição Religiosa: Católicos abaixo de 50% até 2022 e abaixo do percentual de evangélicos até 2032. **Portal EcoDebate**. 2018. Disponível em: <<https://www.ecodebate.com.br/2018/12/05/transicao-religiosa-catolicos-abaixo-de-50-ate-2022-e-abaixo-do-percentual-de-evangelicos-ate-2032-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>>. Acesso em 17 jul. 2020.
- ANASTÁCIO, L. R. **Mapas Mentais: como visualizar ideias de maneira simples e eficaz**. Revista Ponte,v. 1, n. 5, 2021.Disponível em: <https://www.revistaponte.org/post/map-ment-repres-vis-ide-man-simp-efic>. Acesso em: 25 jun 2021.
- ARCHELA, S. R.; GRATÃO, L.H.B.; TROSTDORF, M. A. S. O lugar dos mapas mentais na representação do lugar. **Revista Geografia**,v.13, n.1, p.127-141, 2004.
- ARENARI, B. América Latina, pentecostalismo e capitalismo periférico: aproximações teóricas para além do culturalismo.**Civitas**, v. 15, n. 3, p.514-527, 2015.
- BALLOUSSIER, A. V. Evangélicos têm força crescente de submeter políticos a seus interesses, diz professor referência no tema. **Folha de São Paulo**, 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/01/evangelicos-tem-forca-crescente-de-submeter-politicos-a-seus-interesses-diz-professor-referencia-no-tema.shtml>>. Acesso em 18 fev. 2021.

BONINO, J. M. **Rostos do Protestantismo Latino Americano**. Rio Grande do Sul: Sinodal, 2003.

BUZAN, T. **Mapas Mentais e sua elaboração**. São Paulo: Cultrix, 2005.

CAVALCANTI, L.S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 17. ed. SP: Papirus, 2010.

CAMPOS, João Carlos Baptista. **O Espaço Sagrado: linguagem, simbolização e construção de uma categoria**. 2014, 184 f. Tese de Doutorado, Instituto de Artes, Universidade de Campinas, Campinas, 2014.

CAMPOS, L. S. Os mapas, atores e números da diversidade religiosa cristã brasileira : católicos e evangélicos entre 1940 e 2007. **Revista de Estudos da Religião**, v. 4, p. 9-47, 2008.

CARDOSO, A.; MIRANDA, F. O crescimento pentecostal e os desafios para o campo popular. **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**, 2020. Disponível em: <<https://thetricontinental.org/pt-pt/brasil/o-crescimento-pentecostal-e-os-desafios-para-o-campo-popular/>> . Acesso em: 20 abr. 2021.

CORRÊA, R. L. **Religião, Identidade e Território**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

CUNHA, M. N. **A explosão Gospel: Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

CUNHA, M. Os Evangélicos e a Educação. **Carta Capital**, 2019. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/os-evangelicos-e-a-educacao/>> Acesso em: 9 jul. 2020.

DIAS, R.S. O avanço do fundamentalismo nas igrejas protestantes históricas do Brasil. **Le Monde Diplomatique Brasil**. 2018. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/o-avanco-do-fundamentalismo-nas-igrejas-protestantes-historicas-do-brasil/>>. Acesso em: 16 jul. 2020.

DIP, A. Bancada Evangélica cresce e mistura política e religião no Congresso. **Notícias Uol**, 2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2015/10/19/bancada-evangelica-cresce-e-mistura-politica-e-religiao-no-congresso.htm>>. Acesso em: 03 jun. 2020.

DUARTE, P. A. **Fundamentos de Cartografia**. Bauru: EDUSC, 2006.

FACHIN, P. O Brasil dos evangélicos no poder. **Dom Total**, 2019. Disponível em: <<https://domtotal.com/fato-em-foco/527/2019/10/o-brasil-dos-evangelicos-no-poder/>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

FERREIRA, Manuela Lowenthal. **Mercado e discurso na igreja neopentecostal Bola de Neve**. Revista ESCRITAS, v. 8 n. 1, p. 55-69, 2016.

FRESTON, P. Pentecostalism in Latin America. In: **Social Compass**. Louvain: Groupe de Sciences Sociales des Religions, v.45, n. 3, p. 348, 1998.

FRESTON, P. C. **Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1993. 303f. Tese (Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1993.

FRESTON, P. MÍDIA, religião e política. Entrevista especial com Paul Freston. Instituto Humanitas Unisinos, 20 de jul. de 2010. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/34402-midia-religiao-e-politica-entrevista-especial-com-paul-freston>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

GIL FILHO, S. F.; GIL, A. H. C F. Identidade religiosa e territorialidade do sagrado: notas para uma teoria do fato religioso. In: ROSENDALH, Z.; CORRÊA, R. L. **Religião, Identidade e Território**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

GIL FILHO, S. F. **Por uma Geografia do Sagrado**. 2009. Disponível em: <http://www.nupper.com.br/home2/wp-content/uploads/5por_uma_geografia_do_sagrado.pdf>. Acesso em: 11 agosto de 2020.

GOMES, E. C. Resistências e possibilidades de diálogo: sobre aborto e reações político-religiosas. 2008. Disponível em: www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST37/Edlaine_de_Campos_Gomes_37.pdf Acesso em: 24 nov. 2021.

GUADALUPE, J. L. P.; GRUNDBERGER, S. (eds.). **Evangélicos y poder en América Latina**. Instituto de Estudios Social Cristianos, Konrad-Adenauer-Stiftung, Lima, 2018.

GUSTAVO, T. Como eu descobri o plano de dominação evangélico. E larguei a igreja. **The Intercept Brasil**, 2019. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/01/31/plano-dominacao-evangelico/>>. Acesso em: 18 ago. 2020.

HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, R. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2006.

HARLEY, J. B. A nova história da cartografia. **O Correio da Unesco**, v. 19, n. 8, p. 4-9. 1991.

HARLEY, J. B. **La nueva naturaleza de los mapas: Ensayos sobre la historia de la cartografia**. México: Fondo de Cultura Económica, 2005.

HERLIHY, P. H.; KNAPP, G. Maps of, by, for the peoples of Latin America. **Human Organization**, v. 62, n. 4, p.303-314, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. CENSO Demográfico 2010. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.

JACOB, C. R.; HEES, D.; WANIEZ, P. **Religião e Território no Brasil: 1991/2010**. Rio de Janeiro: Puc Rio, 2003.

JOLY, F. **La cartographie**. Paris: P.U.F, 1976. (Colección Magellan – La Géographie et ses problèmes).

JOLY, F. **A cartografia**. Tradução de T. Pellegrini, 15. ed. São Paulo: Papirus, 2013.

JUNGBLUT, A. L. Globalização e religião: Efeitos do pluralismo global no campo religioso contemporâneo. **Revista de Ciências Sociais**. v.14, p. 1-18, 2014.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the Grammar of visual design**. London, New York: Routledge, 1996.

KOZEL T. S. e NOGUEIRA. A. R. B. A. Geografia das Representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida. In: **Revista do Dep. de Geografia de São Paulo**. FFLCH-USP, v.13, p. 239-257, 1999.

LACERDA, F. **Pentecostalismo, Eleições e Representação Política no Brasil Contemporâneo**. 2017. 145 f. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

LACERDA, F. Pentecostais, clientelismo e política: uma avaliação da literatura sobre América Latina e Brasil. **Cadernos de Pesquisa Política**, n. 12, p. 1-44, 2016.

LACOSTE, Y. **Os objetos geográficos**. 18. Ed. São Paulo: AGB/SP, 1988. (Seleção de Textos)

LE BERRE, M. **Territoires**. Encyclopédie de Géographie. Paris: Economica, 1995.

LÉORNARD, E.G.L. **O Protestantismo Brasileiro** : Estudo de eclesiologia e de história social. Rio de Janeiro: JUERP, 1981.

LEMBO, C. Por que a religião evangélica é a que mais cresce no Brasil? **Pragmatismo Político**, 2012. Disponível em:<<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2012/07/evangelicos-sao-os-que-mais-crescem-no-brasil.html>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

LIMA, E. S. Educação, memórias e funcionamento do cérebro. **Paidéia**, n. 20, p. 135-148, 2018.

- LYNCH, K. **A imagem da cidade**. 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- MACHADO, M. D. C. Religião e Política no Brasil Contemporâneo: uma análise dos pentecostais e carismáticos católicos. **Religião e Sociedade**, v. 35, n.2, 2015.
- MACHADO, M. D. C.; BURITY, J. A Ascensão Política dos Pentecostais no Brasil na Avaliação de Líderes Religiosos. **Revista de Ciências Sociais**, v. 57, n. 3, p.601-631, 2014
- MACHADO, M. S. A lógica da reprodução pentecostal e sua expressão espacial. In: SANTOS, M. et al. (Org.). **O novo mapa do mundo: fim de século e globalização**. São Paulo: HUCITEC/ANPUR, 2003.
- MACHADO, M. S. A Territorialidade Pentecostal, um estudo de caso em Niterói. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 56, n.4, p. 135-164, 1994.
- MACHADO, M. S.; NACIF, C. L. Evangélicos, política e espaço: novas estratégias rumo à presidência da República. **GeoUerj**, v.2, p. 566-589, 2016.
- MACHADO, M. S.; ABREU, G. L.X. A condição evangélica da Globalização e a estratégia político-espacial da Universal do Reino de Deus. **GeoUerj**, n. 37, e56895, 2020 | DOI: 10.12957/geouerj.2020.56895
- MAGALHÃES FILHO, F. S.; OLIVEIRA, I. J. A utilização de mapas mentais na percepção da paisagem cultural da cidade de Goiás/Go. **Revista de Cultura e Turismo**, v. 7, n. 3, 2013, p. 31-45.
- MARIANO, R. **Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil**. 2001. 253 f. Tese de Doutorado. Departamento de Sociologia, FFLCH-USP, São Paulo, 2001.
- MARIANO, R. **Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal**. São Paulo, 2004.
- MARIANO, R. **Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2012.
- MINAYO, M. C. S (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MORAES , A. C. R. **Geografia Pequena História Crítica** 20. Ed. São Paulo: Hucitec, 1994.
- MOTTA, E.. A construção da realidade dos evangélicos no Brasil. **Observatório da Imprensa**, 2013. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/ed750-a-construcao-da-realidade-dos-evangelicos-no-brasil/>> Acesso em: 17 fev. de 2021.
- NOGUEIRA, A. R. B. Mapa mental: recurso didático para o estudo do lugar In: PONTUSCHKA, N. N. **Geografia em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002.

NOGUEIRA, A. R. B. Mapa Mental: recurso didático para o estudo do lugar. In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. (Org.). **Geografia em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2006.

OLIVEIRA, N. A. S. **Mapas Mentais: uma Forma de Representar a Compreensão e Interpretação do Lugar**. Monografia, UFPR, Curitiba, Paraná, 2006.

OLIVEIRA, L. Percepção da paisagem geográfica: Piaget Gibson e Tuan. In: **Geografia editada pela Associação de Geografia Teórica**, Rio Claro: AGETEO, 1976.

OLIVEIRA, L. **A Construção do Espaço, Segundo Jean Piaget**. Sociedade e Natureza, n.33, v.17, p. 105-117, UFU, Uberlândia, Minas Gerais, 2005.

ORO, A. P. Neopentecostalismo: dinheiro e magia. **Revista Ilha**, n.1, v.3, p. 71-85, 2001.

PASSARINHO, N. Por que igrejas evangélicas ganharam tanto peso na política da América Latina? Especialista aponta 5 fatores. **Notícias UOL**, 2019. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2019/11/22/por-que-igrejas-evangelicas-ganharam-tanto-peso-na-politica-da-america-latina-especialista-aponta-5-fatores.htm>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

PASSINI, E. Y. Aprendizagem significativa de gráficos no ensino de geografia. In: ALMEIDA, R. D. (Org.). **Cartografia escolar**. São Paulo: Contexto, 2007.

PASSOS, J. D. Teogonias Urbanas: os pentecostais na passagem do rural ao urbano. **São Paulo em Perspectiva**, v.14, n.4., p.120-128, 2000.

PAUL FRESTON. **Mídia, Religião e Política**. Entrevista concedida à IHU On-Line. Publicada em 20 de out. de 2010. Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em:<<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/34402-midia-religiao-e-politica-entrevista-especial-com-paul-freston>>. Acesso em 21 abril de 2021.

PEREIRA, C. J. Geografia da Religião: Um Olhar Panorâmico. **RA'É GA**, n.27, p.10-37, 2013.

PETCHENIK, B. B. Cognição em cartografia. **Geocartografia**. Textos Seleccionados de Cartografia Teórica, n. 6, p. 3-15, 1995

PEW RESEARCH CENTER. Religião na América Latina: Mudança Generalizada em uma região historicamente católica. 2014. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/wp-content/uploads/sites/7/2014/11/PEW-RESEARCH-CENTER-Religion-in-Latin-America-Portuguese-Overview-for-publication-11-13.pdf>>. Acesso em: 13 jul 2020.

PIERUCCI, F. Religião como solvente: uma aula. **Novos Estudos-CEBRAP**, n. 75, p.111-127, 2006.

PINHEIRO, J. Q. Mapas cognitivos do mundo: representações mentais distorcidas: In: SEEMANN, J.(Org.). **A aventura cartográfica: perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a Cartografia Humana**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006.

PORTAL G1. **50% DOS BRASILEIROS são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha.** 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>>. Acesso em 10 de jul. de 2020.

PORTAL MAIS APRENDIZAGEM. POR QUE fazer mapas mentais? **Mais Aprendizagem**, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.maisaprendizagem.com.br/porque-fazer-mapas-mentais/>>. Acesso em: 30 maio 2021.

QUEIROZ, C. O crescimento da fé evangélica. **Nexo Jornal**. 2019. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/externo/2019/12/09/O-crescimento-da-fé-evangélica>>. Acesso em 30 jun. 2020.

RICHTER, D. **O mapa mental no ensino de geografia: concepções e propostas para o trabalho docente.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

RICHTER, D.; FARIA, G. G. Conhecimento geográfico e cartografia: produção e análise de mapas mentais. **Ateliê Geográfico**, v. 5, n. 1, p. 250-268, 2011.

ROLIM, F. C. **Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa.** Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

ROSENDAHL, Z. **Espaço e Religião: uma abordagem geográfica.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

ROSENDAHL, Z. Geografia e Religião. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 20, p. 96-99, 1995.

ROSENDAHL, Z. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. In.: ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: Temas sobre cultura e espaço.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2005.

ROSENDAHL, Z. **O sagrado e o urbano: gênese e função das cidades.** In: Uma procissão na geografia (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018.

WILLEMS, E. **Followers of the New Faith: Culture Change and the Rise of Protestantism in Brazil and Chile.** Nashville: Vandernilt Unisity Press, 1967.

SANTOS, J. L. F. **Templo é dinheiro: o uso do território pelas igrejas neopentecostais na cidade de Maceió, Alagoas (1987-2018).** 2019, 151 f. Dissertação de Mestrado em Geografia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

SANTOS, M. **A natureza do espaço.** Técnica e tempo. Razão e emoção. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova .** São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SANTOS, S. R. **A História através dos mapas: análise da cartografia presente em livros didáticos e o diálogo entre Geografia e História.** 2016. 118 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SILVA, R. R. **Profissão Pastor: Prazer e Sofrimento. Uma análise psicodinâmica do trabalho de líderes religiosos neopentecostais e tradicionais.** 2004, 187 f. Dissertação de Mestrado. Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

SILVA, D. N. Reforma Protestante. **Mundo Educação UOL, [s.d.]**. Disponível em <<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/reforma-protestante.htm>> Acesso em: 16 jul 2020.

SOUZA, J. G.; KATUTA, A. M. Geografia e conhecimento cartográficos. A cartografia no movimento de renovação da geografia brasileira e a importância do uso de mapas. São Paulo: UNESP, 2001.

SOUZA, M. L. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SOUZA, R. G. Protestantismo. **História do Mundo, c2021.** Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/protestantismo.htm>>. Acesso em 16 jul 2020.

TERRA, A. Evolução Histórica da Categoria Geográfica Território e sua atual multiplicidade interpretativa. **Caderno Prudentino de Geografia**, v 1, nº 31, p. 17-31, 2009.

TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Estudos Socioeconômicos dos Municípios do Estado do RJ, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: www.tce.rj.gov.br. Acesso em: 24 jun 2020.

TUAN, Y.F. Ambiguidade nas atitudes para com o meio ambiente. **Boletim geográfico**, Rio de Janeiro: IBGE, 1975.

TUAN, Y.F. **Topofilia, um estudo da percepção, atividades e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Y.F. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Londrina: EDUEL, 2012.

VILAÇA, Helena. A religião na cidade: territórios, materialidades e comunicação. Instituto de Sociologia: **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, 2017.

APÊNDICE A – Questionário I (2019)

Questionário

1.Nome: _____

2.Idade: _____ 3.Séie: _____ 4.Cidade: _____ 5.

Estado. _____

6.Tem alguma religião? ()Sim. Qual? _____: ()Não

7.Que igreja frequenta? _____. Qual a frequência?

8. Desenhe abaixo seu cotidiano escolar, sua trajetória para a escola e o que faz nos dias livres, fora da escola.

APÊNDICE B – Questionário II (2021)

Questionário

- 1.Nome: _____
- 2.Idade: ____ 3.Série: ____ 4.Cidade : _____ 5. Estado. _____
- 6.Tem alguma religião? ()Sim. Qual? _____: ()Não
- 7.Que igreja frequenta? _____ . Qual a frequência?

8. Desenhe abaixo Como você vê a igreja evangélica em seu bairro?